

IGLIA THICIANI MARTINS FERREIRA

**UM CALDEIRÃO DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: POLÍTICA, CULTURA,
EDUCAÇÃO E TRABALHO NOS GRAMADOS DE SÃO JANUÁRIO (1920- 1957)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania do Departamento de História, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

F383c
2023

Ferreira, Iglia Thiciani Martins, 1990-

Um caldeirão de histórias e memórias : política, cultura,
educação e trabalho nos gramados de São Januário (1920-1957)
/ Iglia Thiciani Martins Ferreira. – Viçosa, MG, 2023.

1 dissertação eletrônica (169 f.): il. (algumas color.).

Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de História, 2023.

Referências bibliográficas: f. 164-169.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2024.180>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Estádio de São Januário - História - 1920-1957. 2. Vasco
da Gama - História - 1920-1957. I. Assis, Angelo Adriano Faria
de, 1971-. II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
História. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural,
Paisagens e Cidadania. III. Título.

CDD 22. ed. 981.53

Bibliotecário(a) responsável: Euzébio Luiz Pinto CRB-6/3317

IGLIA THICIANI MARTINS FERREIRA

UM CALDEIRÃO DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: POLÍTICA, CULTURA,
EDUCAÇÃO E TRABALHO NOS GRAMADOS DE SÃO JANUÁRIO (1920-1957)

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das exigências
do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio
Cultural, Paisagens e Cidadania, para a
obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 18 de outubro de 2023.

Assentimento:

Documento assinado digitalmente
 IGLIA THICIANI MARTINS FERREIRA
Data: 27/02/2024 15:51:54 -0500
Verifique em: <https://validar.itl.gov.br>

Autora
Iglia Thiciani Martins Ferreira

Documento assinado digitalmente
 ANGELO ADRIANO FARIA DE ASSIS
Data: 27/02/2024 15:46:21 -0500
Verifique em: <https://validar.itl.gov.br>

Orientador
Angelo Adriano Faria de Assis

Ao meu avô, Fiote.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me permitiu sonhar e realizar o sonho de me tornar mestra, na Universidade que me acolheu em 2010 como estudante de graduação e ocupa um lugar especial em meu coração. Mesmo diante de tantas adversidades durante esse período, seu cuidado e amor me fizeram vencer.

Agradeço ao meu orientador e amigo, Angelo Adriano Faria de Assis, a quem devo não apenas a realização desse trabalho, mas meu crescimento pessoal e profissional desde o nosso primeiro contato ainda na graduação. Agradeço imensamente por todos os ensinamentos, cuidado e carinho durante o processo de realização deste trabalho. Agradeço por ter acreditado mais em mim do que eu mesma, e por inúmeras vezes, ter a sensibilidade necessária para entender minhas ausências, meus atrasos e minhas necessidades diante das intensas jornadas de trabalho e da permanente jornada de mãe. Tê-lo como orientador foi essencial para a realização deste trabalho.

Agradeço aos professores do programa: Patrícia Vargas, Carolina Capanema, Priscila Dorella, Rubens Panegassi e Leonardo Civile, pelas lindas trocas durante as disciplinas e por contribuírem de forma tão positiva para a condução de minha pesquisa. Agradeço, igualmente, ao professor Yllan de Matos – e claro, à professora Patrícia Vargas, uma vez mais -, pelas contribuições durante a qualificação.

Agradeço aos colegas de turma, que juntos a mim, ingressaram no programa de mestrado em meio à pandemia de Covid-19, e mesmo com aulas de forma remota, e diante de todas os medos e incertezas do período, foram capazes de tornar esse processo mais leve. Eles acompanharam à distância a minha gravidez, o crescimento do Caio e todos os desafios vividos durante esse período. Laços de amizade foram estabelecidos mesmo sem o contato físico, e ter a oportunidade de viver essa experiência “ao lado” deles fez toda diferença. Agradeço em especial, Luiza, Carlos, Djenane e Duda, pela torcida mútua e por todas as vezes em que pude contar com a ajuda de cada um.

Agradeço à Amandinha e Roberta, minhas companheiras de graduação e irmãs que a História me deu. Sem o incentivo, apoio e torcida de vocês, eu nada seria.

Agradeço aos meus amigos e familiares, que precisaram conviver com a minha ausência e mau humor durante esses dois anos e meio. Obrigada por não desistirem de mim, por insistirem em me mandar mensagens mesmo não tendo a última respondida, e por torcerem por mim e pela realização do meu sonho. Pai, mãe, Nayara e Marcos, essa conquista também é por vocês!

Agradeço à Flávia, Isonel e Bianca, por terem acolhido a minha família, por terem me ajudado tanto na criação do Caio até aqui, e por cuidar e amá-lo de forma tão genuína e gratuita. Minha gratidão a vocês será eterna.

Agradeço à família Carminati, Gilsinho e Marcelo pela amizade, incentivo, torcida e presença desde o nosso primeiro contato. Ter vocês ao meu lado, foi fundamental em várias etapas da minha vida, e nessa não seria diferente.

Agradeço aos jornalistas Fábio Azevedo e Claudio Nogueira, por terem me apresentado ao amigo João Ernesto Ferreira, responsável por me abrir as portas de São Januário e fazer eu me sentir verdadeiramente em casa. Esse trabalho só foi possível, porque o Vasco une, soma e cria vínculos fortalecidos nessa paixão.

Agradeço ao amigo João Ernesto Ferreira, vascaíno apaixonado pela história do clube, quem me abriu as portas de São Januário, e se tornou um querido amigo, a quem estimo muito.

Agradeço aos colegas de trabalho da E. M. Cândido Portinari, à Andrea Medina e Cristina Navarro, enquanto Secretaria Municipal de Educação de Muriaé, pela compreensão e por me ajudarem de várias formas, a tornar minha pesquisa possível.

Agradeço ao meu companheiro Pedro, por ter sido o responsável pela minha inscrição no processo seletivo do mestrado, por ter sido um valioso suporte durante todo esse processo, por dividir comigo a vida, as tarefas de casa, os cuidados com o Caio, as noites mal dormidas, as lágrimas diante dos bloqueios no processo de escrita, os sonhos e a felicidade de cada conquista. Eu só consegui, porque tive você ao meu lado.

Por fim, agradeço ao meu filho amado, por ter sido meu companheiro nas aulas, no processo de escrita, e por renovar as minhas forças diariamente com o seu amor. Espero que um dia você entenda as minhas ausências nesse período... foi necessário para a realização de um sonho que começou sendo meu, mas que se tornou nosso. Caio e Pedro, eu amo vocês e amo nossa família com todas as minhas forças.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“No futebol o pior cego é aquele que só enxerga a bola.”
Nelson Rodrigues

RESUMO

FERREIRA, I. T. M., M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2023. **Um Caldeirão de Histórias e Memórias: Política, Cultura, Educação e Trabalho nos gramados de São Januário (1920-1957)**. Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis.

A presente pesquisa busca entender o Estádio Vasco da Gama como monumento detentor de histórias e memórias – individuais e coletivas - e a importância de seu uso para além da prática esportiva desde sua inauguração, em 1927, até a década de 1950. A monumentalidade do Estádio Vasco da Gama, o tornaria propício não apenas para competições esportivas, mas também para grandiosos eventos de grande repercussão no cenário político nacional, principalmente durante o Governo de Getúlio Vargas, exatamente por sua proximidade e ligação com a classe operária. Festividades, cerimônias cívicas, desfiles carnavalescos, manifestações políticas, comícios e pronunciamentos oficiais tiveram como palco o estádio que, ao decorrer de sua existência, se tornou lugar detentor de histórias e memórias que estão intrinsecamente ligadas ao processo de construção da identidade brasileira.

Palavras-chave: Vasco da Gama. História. Memória. Nacionalismo.

ABSTRACT

FERREIRA, I. T. M., M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, October, 2023. **A Cauldron of Stories and Memories: Politics, Culture, Education and Work on the gramados of São Januário (1920-1957)**. Adviser: Angelo Adriano Faria de Assis.

This research seeks to understand the Vasco da Gama Stadium as a monument that holds stories and memories - individual and collective -, and the importance of its use beyond sports since its presentation in 1927 until the 1950s. The monumentality of the Vasco da Gama Stadium, would make it suitable not only for sporting competitions, but also for great events with great repercussion on the national political scene, mainly during the Getúlio Vargas Government, exactly because of its proximity and connection with the working class. Festivities, civic ceremonies, carnival parades, political demonstrations, rallies and speeches as experienced on the official stadium stage, throughout its existence, became places holding stories and memories that are intrinsically linked to the process of building Brazilian identity.

Keywords: Vasco da Gama. History. Memory. Nationalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Avenida Beira Mar Trecho Inicial e Obelisco, 1906	21
Figura 2 - Avenida Beira Mar Trecho da Glória, 1906	21
Figura 3 - O Bonde de São Januário ligava o Largo da Carioca à Benfica	42
Figura 4 - Camisas Negras: o time do Vasco campeão carioca em 1923	47
Figura 5 - “Resposta Histórica” imagem digitalizada do documento original	49
Figura 6 - Cápsula do Tempo. Rio de Janeiro/RJ, 06 de junho de 1926	54
Figura 7 - HOLLAND, S. H. Obras da Empreza [sic] Melhoramentos da Baixada Fluminense Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [1930?]	55
Figura 8 - Vasco em Revista, 1977, p. 6	59
Figura 9 - O Grande Benemérito Manoel Joaquim Pereira Ramos mostra o local onde seria construído o estádio do Vasco da Gama. Rio de Janeiro/RJ, 1925	60
Figura 10 - Anúncio da “Campanha dos 10.000”	61
Figura 11 - Vasco em Revista, 1977, p. 4	62
Figura 12 - Vasco em Revista, 1977, p. 5	63
Figura 13 - Polyanthéa Vascaína, Rio de Janeiro, 1927, p. 99	65
Figura 14 - Vasco em Revista, 1977, p. 7	66
Figura 15 - Vista do Estádio de São Januário antes de sua inauguração, Rio de Janeiro, 1927	67
Figura 16 - Jornal “O Imparcial”, edição de 13 de fevereiro de 1927	67
Figura 17 - Jornal “O Imparcial”, edição de 28 de fevereiro de 1927	69
Figura 18 - Bispo Dom Mamede realiza a bênção ao estádio do Vasco da Gama. Rio de Janeiro/RJ, 03 de abril de 1927	70
Figura 19 - Bispo Dom Mamede e a bênção que antecedeu a inauguração do estádio do Vasco da Gama. Rio de Janeiro/RJ, 03 de abril de 1927. Revista da Semana	70
Figura 20 - Documento de saudação [...] Estádio, 21 de abril de 1927	71
Figura 21 - Revista da Semana, Ed. 19, 30 de abril de 1927, p. 15	80
Figura 22 - Revista da Semana, Ed. 19, 30 de abril de 1927, p. 16	81
Figura 23 - Revista da Semana, Ed. 19, 30 de abril de 1927, p. 17	82
Figura 24 - São Januário lotado, anos após a construção	84
Figura 25 - Estádio de São Januário, sem data	85
Figura 26 - Revista Careta, edição de 31 de dezembro de 1927	88
Figura 27 – Jornal do Brasil, edição de 7 de dezembro de 1935	91

Figura 28 - Jornal “O Globo” edição de 19 de janeiro de 1943	93
Figura 29 - Jornal “O Globo” edição de 25 de janeiro de 1943	94
Figura 30 - O Monumento ao Atirador (ou Monumento em Homenagem aos Atiradores do Brasil)	98
Figura 31 - Cerimônia de entrega de Certificado de Reservistas da Escola de Instrução Militar Nº307. São Januário/RJ, 1944.	99
Figura 32 - Batismo do Avião Vasco da Gama, em 10 de dezembro de 1942.....	100
Figura 33 - Imagem do palanque onde ficavam o Presidente da República e demais autoridades durante a cerimônia da Hora da Independência.....	104
Figura 34 - Aspecto grandioso do Estádio de São Januário na tarde de 07 de setembro de 1943, durante a cerimônia cívica da Hora da Independência, realizada com a presença do Presidente da República, Getúlio Vargas	104
Figura 35 - Maestro Heitor Villa-Lobos. São Januário/RJ	105
Figura 36 - Coral orfeônico regido pelo Maestro Heitor Villa-Lobos. Estádio de São Januário, 07 de setembro de 1940.....	106
Figura 37 - Coral orfeônico regido pelo Maestro Heitor Villa-Lobos. Estádio de São Januário, 07 de setembro de 1942.....	106
Figura 38 - Jornal O Globo, edição de 2 de maio de 1940	108
Figura 39 - O presidente do Brasil assina o decreto-lei que cria o salário mínimo no Brasil	111
Figura 40 - Jornal do Commercio, edição de 1º de maio de 1941 anuncia como serão as comemorações do Dia do Trabalho e a instalação da Justiça do Trabalho	113
Figura 41 - Vargas desfila em carro aberto em São Januário.1º de maio de 1941	114
Figura 42 - Jornal Correio da Manhã, edição de 3 de maio de 1942 o Acidente de Getúlio Vargas e sua ausência nas comemorações do Dia do Trabalho.....	115
Figura 43 - Desfile em celebração do dia 1º de maio no Estádio de São Januário, 1942.....	115
Figura 44 - Jornal O Globo, edição de 2 de maio de 1945	117
Figura 45 - Jornal O Globo, edição de 2 de maio de 1945, p.10	118
Figura 46 - Edição do Jornal A Noite, de 24 de maio de 1945	122
Figura 47 - Edição do Jornal A Noite, de 12 de agosto de 1950	124
Figura 48 - Arquibancada de São Januário. Dia do Trabalhador. 1.º de maio de 1951.....	125
Figura 49 - Trabalhadores em São Januário. Dia do Trabalhador. 1.º de maio de 1951	125
Figura 50 - Desfile dos trabalhadores em São Januário. Dia do Trabalhador. 1.º de maio de 1952	127
Figura 51 Edição do Jornal Imprensa Popular, de 1 de maio de 1952	129

Figura 52 - Presidente da República, Juscelino Kubitschek e o Vice-Presidente da República, João Goulart, por ocasião do Dia do Trabalhador, no Estádio de São Januário.....	130
Figura 53 - Presidente da República, Juscelino Kubitschek e o Vice-Presidente da República, João Goulart, por ocasião do Dia do Trabalhador, no Estádio de São Januário.....	130
Figura 54 - Edição do Jornal “Imprensa Popular”, de 3 de maio de 1956	131
Figura 55 - Edição do Jornal “Imprensa Popular”, de 1 de maio de 1956	132
Figura 56 - Presidente Juscelino Kubitschek dá a volta, em carro aberto, na pista de atletismo do Estádio de São Januário, do Vasco da Gama / 01/05/1957	133
Figura 57 - Retrato do Velho. Nas comemorações do Dia do Trabalho, trabalhadores desfilam com retrato de Getúlio Vargas no Estádio de São Januário / 01/05/1957	134
Figura 58 - Placa em homenagem à Getúlio Vargas, na tribuna de honra do Estádio São Januário.....	135
Figura 59 - Germán Cano ergue a bandeira do arco-íris em comemoração de gol do Vasco	137
Figura 60 - Mosaico em São Januário pedindo respeito, ao lado das cores do arco-íris	137
Figura 61 - Manifesto publicado pelo Club de Regatas Vasco da Gama em suas redes sociais	138
Figura 62 - Torcidas organizadas do Vasco assinaram um manifesto em apoio ao movimento LGBTQIA+	139
Figura 63 - Lei nº 9875 de 07 de outubro de 2022	140
Figura 64 - Tour da Colina CRVG	143
Figura 65 Espaço Experiência CRVG	143
Figura 66 Espaço Experiência CRVG	144

LISTA DE SIGLAS

AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Athleticos
CADEG	Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
C&N	Christiane e Nielsen Construções de cimento armado
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CRVG	Club de Regatas Vasco da Gama
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
E. I. M. 307	Escola de Instrução Militar 307
EUA	Estados Unidos da América
FAB	Força Aérea Brasileira
FEB	Força Expedicionária Brasileira
INEPAC	Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e assexuais. Historicamente marginalizados e excluídos da representatividade social
LMDT	Liga Metropolitana de Desportos Terrestres
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PL	Projeto de Lei
PSD	Partido Social Democrático
SEMA	Superintendência de Educação Musical e Artística
SENAI	Serviço Nacional da Indústria
STJD	Superior Tribunal de Justiça Desportiva
TJRJ	Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro
UDN	União Democrática Nacional
UGES	União Geral dos Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – O RIO DOS ANOS 20 E SEUS DESDOBRAMENTOS	19
1.1 Modernidade: Rupturas e permanências	19
1.2 A chegada da mão de obra imigrante	24
1.3 Oligarquias e militares: os conflitos da Primeira República.....	28
1.4 Modernismos e seus impactos na sociedade brasileira	30
1.5 A Revolução de 1930 e o advento de uma nova república: um novo Brasil possível? ..	32
1.6 Protagonismos operários e Trabalhismo.....	37
CAPÍTULO II – A RESISTÊNCIA VASCAÍNA E A CONSTRUÇÃO DE SÃO JANUÁRIO	44
2.1 Futebol, modernidade e rupturas	44
2.2 Os Camisas Negras e o Campeonato Carioca de 1923	46
2.3 A volta do Vasco à AMEA e a Construção de São Januário	53
2.4 Estádios, suas significações e o processo de Construção do Estádio São Januário. ...	56
2.5 História, memória e patrimônio	73
CAPÍTULO III – ESTÁDIO SÃO JANUÁRIO E SEUS USOS PARA ALÉM DO FUTEBOL	79
3.1 Inaugura-se o Stadium Vasco da Gama	79
3.2 Estádio São Januário: sociedade, futebol, carnaval e patriotismo em campo	87
3.3 Educação e trabalho nos gramados de São Januário	101
CAPÍTULO IV – PRODUTO DA PESQUISA.....	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164

INTRODUÇÃO

Há alguns povoados e vilarejos do Brasil que não têm igreja, mas não existe nenhum sem campo de futebol. O domingo é o dia em que os cardiologistas de todo o país trabalham mais. Num domingo normal, qualquer um pode morrer de emoção enquanto se celebra a missa da bola. Num domingo sem futebol, qualquer um morre de aborrecimento.

Eduardo Galeano¹.

A pretensão para realizar o presente trabalho, nasceu dentro de sala de aula, em minha prática docente. Professora na educação básica nas redes pública e privada, sempre inseri o futebol em minhas aulas de história. Em certa ocasião, ao ser questionada pelos meus alunos, em sua grande maioria flamenguistas, o porquê de escolher o Vasco como time do coração e me manter torcedora, mesmo diante do péssimo rendimento do time dentro de campo, respondi que minha paixão pela história me fazia vascaína. A história que o clube carrega, parafraseando as palavras do querido amigo João Ernesto Ferreira, sempre será seu maior e mais importante troféu.

Ao elaborar uma aula sobre a “Era Vargas”, para uma turma de 9º ano, onde o futebol era sem dúvidas, um tema constantemente abordado em sala, resolvi fazer algo diferente. Fiz uma pesquisa teórica, e utilizando algumas imagens encontradas disponíveis na internet, falei sobre a Era Vargas relacionando a importância do estádio “São Januário”, para o referido período. Falei sobre política, economia, sociedade, educação e cultura, e como o estádio foi palco para importantes eventos que englobavam essas esferas. Era nítido o quanto os alunos, independente de qual fosse o time de coração, se envolveram durante a aula. Foi uma experiência incrível, e que me fez pensar na possibilidade de pesquisar mais a fundo, e estudar o Estádio Vasco da Gama, popularmente conhecido como “São Januário”, como um lugar de memórias e histórias importantíssimo para a história de nosso país, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940.

Decidi escrever um projeto com a temática e me inscrever no processo de seleção para o mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, ofertado pelo DHI – UFV. Depois de alguns anos, eu, que já havia me graduado em História pela UFV, finalizo o ano de 2020 – em plena pandemia -, com duas notícias maravilhosas: a aprovação no programa de mestrado, e alguns dias depois, a confirmação de uma gravidez. Início as disciplinas em 2021 com o Caio

¹ GALEANO, Eduardo. **Futebol ao som e à sombra**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012, p. 135.

no “forninho”, e finalizo o segundo semestre com ele já nos braços. Desde então, tem sido um desafio, uma tarefa árdua chegar até aqui, conciliando o matinar com o trabalho e os estudos. Foram dias e noites difíceis, em que a culpa foi minha fiel companheira... Me culpei pelos momentos que deixei de estar com meu filho para estudar, me culpei pelos momentos em que o cansaço do trabalho não me deixava produzir, me culpei pelos momentos em que estava com minha família e não produzindo. Por isso, cada linha aqui escrita contém o meu melhor, dentro das minhas atuais condições. Talvez não seja o melhor de mim, mas o melhor que eu consegui. Cada linha aqui escrita carrega entrega, auto cobrança, e uma dose imensa de saudade.

A cada VASCO escrito, eu me lembro do meu avô, “Sô Fiote”, vascaíno apaixonado, que me apresentou a história do Vasco, me fez vascaína e nos deixou no dia 19 de março de 2022. Tenho certeza de que, agora, ele está ao lado dos jogadores do elenco de 1953 (o Alzheimer o fez partir sem saber quem eram os filhos e os netos, mas não foi capaz de fazê-lo esquecer do nome de cada um dos jogadores do elenco de 53 do Vasco), e está orgulhoso em saber que sua neta se tornará mestre, pesquisando sobre o estádio do time que ele tanto amou e torceu em vida. Ele partiu vestindo sua camisa preferida, carregando no peito, a cruz de malta. Apesar da tristeza deixada por sua partida, no dia 20 de março, graças aos contatos e laços estabelecidos em minha visita ao estádio, na pessoa do amigo João Ernesto Ferreira, pude homenageá-lo, em um clássico Vasco x Flamengo, em pleno Maracanã. Seu nome apareceu no telão do estádio, e ele recebeu um minuto de silêncio em homenagem à sua partida.

A proposta desta dissertação de mestrado, nesse sentido, é mais do que uma produção científica: ultrapassa as barreiras acadêmicas e se torna uma produção repleta de memórias afetivas, que me fazem revisitar momentos e lembranças que tornam esse trabalho ainda mais especial para mim e para minha família. Mas, é importante ressaltar que o compromisso com a discussão histórica, sempre crítica e fundamentada, estará sempre acima de qualquer paixão pessoal. Nesse momento, coloco a Iglia torcedora no banco de reservas, para que entre em campo a Iglia historiadora, que busca através de fontes e discussões historiográficas, a real importância do estádio São Januário, para além do futebol.

A presente pesquisa busca abordar a importância do Estádio São Januário na construção e valorização de uma identidade nacional, desde seu processo de construção, que é símbolo de luta e resistência a um contexto elitista e racista dentro do futebol e da sociedade da época, e ter sido palco de importantes eventos políticos, sociais e culturais marcantes de nossa história, principalmente nas décadas de 1920 e 1950. Este recorte final justifica-se por três fatos: a inauguração do Estádio Mário Filho (Maracanã), em 1950; o fim do Governo Vargas, em 1954, e a transferência da capital federal para Brasília, em 1960.

Localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no bairro de São Cristóvão, o estádio do Club de Regatas Vasco da Gama – São Januário -, foi palco de eventos que ultrapassam o universo do futebol, e o ligam à história cultural, social e política do Brasil.

Tanto o clube Vasco da Gama, fundado em 1898 na cidade do Rio de Janeiro, quanto seu estádio, possuem um grande simbolismo social, pois representam o processo de popularização do futebol em nosso país. O Vasco ficou conhecido por ser um dos clubes pioneiros na inclusão de jogadores negros, mulatos e brancos pobres, pertencentes à classe trabalhadora carioca. Em 1923, com esse elenco considerado “inferior” aos padrões elitistas do futebol da época, o time sagrou-se campeão carioca e esse feito inédito foi responsável por gerar uma reação por parte da entidade responsável pela organização das competições de futebol, que impediu o time de continuar participando da liga principal, sob a alegação de que o mesmo não possuía estádio próprio, fato esse, que motivou a construção de São Januário.

Inaugurado em 21 de abril de 1927, em um bairro industrial e operário do Rio, graças à mobilização de seus torcedores e associados, com destaque às contribuições de imigrantes portugueses, mas sem menosprezar o empenho da comunidade operária, o estádio foi construído em menos de um ano, período extremamente curto para uma obra abrangendo estas dimensões. Seu formato semicircular remete ao formato de uma ferradura; em suas dependências, é comum a presença de adornos, como brasões e azulejos portugueses, e suas características arquitetônicas fazem com que seja considerado um monumento da arquitetura neocolonial. Apesar de já ter sido proposto o tombamento de todo o estádio, até o momento, apenas sua fachada foi tombada a nível municipal.

Até a década de 1940, São Januário foi o estádio de maior capacidade de público, destaque e imponência do Brasil. No Rio de Janeiro, recebeu competições futebolísticas em fases amadoras e profissionais, e no município, todo esse destaque durou até a década de 1950, com a construção do Estádio Municipal Jornalista Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã, construído para sediar jogos da Copa do Mundo de 1950.

A monumentalidade de São Januário o tornaria propício não apenas para competições esportivas, mas também para grandiosos eventos de muita repercussão no cenário político na Era Vargas. Festividades, cerimônias cívicas, desfiles carnavalescos, manifestações políticas, comícios, assembleias de sindicatos de trabalhadores, e pronunciamentos oficiais, dentre outros, tiveram como palco aquele que era o principal estádio da então capital do Brasil. Na época da sua inauguração, São Januário era o maior estádio da América do Sul e, até a inauguração do Pacaembu em 1940, seria o maior do Brasil. Para além de sua importância

esportiva, o estádio foi um dos principais espaços utilizados pelo então presidente do Brasil, Getúlio Vargas.

Com base no que foi citado acima, o reconhecimento de São Januário como patrimônio permitirá, através das ações voltadas à ampla divulgação de suas histórias e memórias, difundir sua importância para os grupos que têm com ele relações de proximidade, incentivando a produção institucional de reconhecimento, reforçando o seu caráter monumental.

A pergunta em que se baseia este estudo está ligada ao que a construção do Estádio São Januário representou dentro desse contexto. Qual seria sua relevância política e social para as sociedades carioca e brasileira nas décadas de 1920 a 1950, no processo de construção de uma identidade nacional que incorporaria setores antes marginalizados, como negros e operários?

Partindo desse pressuposto, a hipótese desse trabalho versa em discutir o que representou o processo de construção do estádio, erguido por imigrantes portugueses, negros e operários, dentro de um cenário social elitista e como esse processo foi capaz de gerar uma identificação das camadas populares com o clube responsável por promover tamanha representatividade das minorias nos anos 20. Para além disso, pretende-se ressaltar como todos os acontecimentos esportivos, políticos e culturais que aconteceram dentro do estádio possibilitaram a ampliação dos direitos políticos e sociais de setores marginalizados e proporcionaram o reconhecimento e valorização da mistura étnica como base da sociedade brasileira.

A presente pesquisa busca identificar a importância política e social do Estádio São Januário dentro do contexto em que o mesmo se torna palco de importantes acontecimentos históricos de nosso país, gerando subsídios para a construção de um material que discuta a importância do estádio para além de sua utilidade no futebol.

Segundo François Furet², a passagem da história narrativa para a história problema, trouxe novas questões relacionadas ao ofício do historiador no que diz respeito ao tratamento de fontes, às teorias e aos métodos. O fato histórico, antes visto como algo dado e acabado, passou a ser algo entendido como construção histórica. O documento, antes considerado um material objetivo e desprovido de intencionalidade, passou a ser submetido a críticas, cuja análise investiga as condições de sua produção. Assim, a função do historiador seria, sobretudo, analisá-lo enquanto documento/monumento³.

Partindo desse pressuposto, a metodologia utilizada será a pesquisa qualitativa e a análise bibliográfica e documental, que consistirá no levantamento das fontes e obras que sejam

² FURET, François. "Da história-narrativa à história-problema". In: **A oficina da História**. Lisboa: Gradiva. 1980.

³ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994.

capazes de fornecer os principais debates historiográficos e lacunas que discutam temáticas como memória, lugares de memórias, monumento, patrimônio e discussões em torno do estádio São Januário e sua relevância social, política e cultural durante as décadas de 1920 a 1950, não só no contexto da sociedade carioca, mas brasileira.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma:

Em seu primeiro capítulo, *O Rio dos anos 20 e seus desdobramentos*, busco fazer uma contextualização histórica da década de 1920 até a Revolução de 1930. A intenção é explicitar as rupturas e permanências do período, e a realidade política, econômica, social e cultural em que o país, e principalmente a cidade do Rio de Janeiro, estavam inseridos. Tal capítulo se mostra de grande relevância para que seja possível compreendermos o que significou, naquele período, a inclusão de jogadores negros e operários no elenco do Club de Regatas Vasco da Gama, e a mobilização que resultou na construção de seu estádio. Acredito ser de extrema importância entendermos o quanto o cenário esportivo - apesar de não ser o foco deste trabalho - foi muito expressivo, e como o mesmo se mostrava o reflexo do painel social daquele período.

Em seu segundo capítulo, *A resistência vascaína e a construção de São Januário*, a pretensão é a de descrever o que representou para a sociedade da época a emergência de um clube de futebol que rompia com o caráter elitista do esporte naquele momento, e o caminho percorrido pelo clube, alvo de perseguição pela Liga principal do futebol carioca, que o levou à construção de seu estádio, bem como o que a sua construção significou política, social e geograficamente.

No terceiro capítulo, *São Januário e seus usos para além do futebol*, a pesquisa propriamente dita se concretiza. Fontes como materiais produzidos pelo clube, manchetes de jornais da época e imagens disponibilizadas pelo Centro de Memória do CRVG serão utilizados para evidenciar como os acontecimentos políticos, culturais e sociais, para além do futebol, marcaram a história do estádio e o tornam monumento de grande relevância para a construção histórica de nosso país. Em um contexto onde buscava-se, através de variados mecanismos, educar a população para a construção e fortalecimento de uma identidade nacional, o governo brasileiro encontrou nos gramados de São Januário, espaço propício para a construção de uma nova mentalidade política, cultural, educacional e trabalhista em nosso país.

O quarto capítulo, que compõe a segunda parte desta dissertação, destinar-se-á ao desenvolvimento do produto, fruto dessa pesquisa. O objetivo é confeccionar um material de baixo custo e acessível que, em parceria com o clube, possa ser acessado (através de QR CODE) pelos visitantes do “Tour da Colina” e “Espaço Experiência”, visitas guiadas desenvolvidas pelo clube nas dependências do estádio.

CAPÍTULO I – O RIO DOS ANOS 20 E SEUS DESDOBRAMENTOS

1.1 Modernidade: Rupturas e permanências

Falar em anos 20, no Brasil e, mais especificamente, na cidade do Rio de Janeiro, é falar em um período caracterizado por grandes transformações responsáveis por redesenhar a cidade, que se torna uma referência de vanguarda nas artes e na política do país.

As intensas mudanças na vida cotidiana, a chegada de novas tecnologias, maior abertura a experimentações tanto nas produções culturais, quanto em outras instâncias do comportamento social, reforçam a ideia de modernidade e fazem fortalecer o nacionalismo como uma necessidade de se construir uma identidade nacional, pautada na busca pela valorização de nossas raízes, aproximando a cultura letrada da cultura e camadas populares, resultando em novas formas de expressões culturais. Segundo Ruy Castro,

Em 1920, o mundo já tinha o cinema, o fonógrafo, a eletricidade, o automóvel, o avião, a teoria da relatividade, a aspirina, a cocaína, a psicanálise, o raio X, o arranha-céu, o futebol, o batom, a gilete, a Revolução Russa, o fascismo, o feminismo, o dodecafonismo, o cubismo, o futurismo, o dadaísmo, o expressionismo e dezenas de outros ismos⁴.

Os grandes centros urbanos já não podiam ser indiferentes ao que a modernidade mostrava ser capaz de oferecer. Com o Rio e seus respeitáveis aproximadamente 1.147.000 habitantes, não seria diferente. A cidade que se acostumou a ser detentora do poder mesmo antes da Proclamação da República, como capital da colônia desde a segunda metade do século XVIII e depois, capital do Império, tornou-se a Capital Federal e referência nacional. O Rio “era a cidade que todos os brasileiros sonhavam conhecer”⁵.

Para Sevcenko, o Rio de Janeiro, para além de capital federal, era também um centro cultural, maior porto, maior cidade, e o cartão postal brasileiro que atraía inúmeras pessoas. De acordo com o autor,

o Rio passou a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como experiência existencial e íntima⁶.

⁴ CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar**: o Rio moderno dos anos 20. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019, p. 31.

⁵ *Ibidem*, p. 32.

⁶ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil 3**: República: da belle époque à era do rádio. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998, p. 415.

A cidade do Rio de Janeiro, nesse cenário, se mostrava incontestavelmente um lugar de inteligibilidade, de construção de múltiplas narrativas e importante objeto de pesquisa de distintas áreas do conhecimento, recebendo olhares de diversos estudiosos que através de seus trabalhos, foram moldando a leitura do espaço urbano. Para Pesavento,

Por definição, a cidade é o lugar que produz a diferença, estimula a diversidade, expõe o contraste, o pertencimento, a exclusão, a identidade e alteridade. A cidade expõe ainda a produção do novo, fabrica o que se chama de a novidade, seja no domínio das mercadorias e objetos, seja no dos valores, ideia, *éthos*, mas também no elenco de personagens, tipos de conflitos, práticas sociais, relações entre os grupos. A cidade ainda reconfigura o pensamento do espaço sobre o espaço e o tempo, elaborando as noções de arcaico, moderno, progresso, tradições, rural e urbano, presente, passado e futuro⁷.

A cidade que antes carregava fortes traços coloniais, após se tornar Capital Federal, ganha ares de metrópole. Nas primeiras décadas do século XX, o presidente da República Rodrigues Alves direcionou sua atenção para as demandas políticas do Rio de Janeiro, e iniciou o processo que buscava a transformação do espaço a fim de inseri-lo nos padrões urbanos europeus da época. Segundo Azevedo,

As atribuições da reforma urbana foram divididas entre os governos federal e municipal. Com o primeiro ficaria a reformulação do porto, da estrutura viária e das suas adjacências, a Avenida do Manguê, atual Francisco Bicalho, a Avenida do Cais, atual Rodrigues Alves, e a Avenida Central, atual Rio Branco. Com o Governo Municipal ficariam todas as demais tarefas da reforma urbana do Rio de Janeiro, tais como o enxugamento do solo urbano, a canalização de rios, abertura de novos conjuntos viários, reforma de praças públicas e etc⁸.

A reforma concebida no âmbito federal, ficou marcada pela criação da Avenida Central e intervenções feitas na região portuária, obedecendo uma lógica econômica, que entendia a reestruturação e transformação do espaço urbano como uma necessidade. Seu maior objetivo era facilitar a distribuição de mercadorias do porto para as indústrias e comércios da região central e dos bairros localizados na zona norte e oeste do Rio de Janeiro.

Nas Figuras 1 e 2, é possível perceber as grandes modificações estruturais pelas quais a capital federal foi submetida. A Avenida Central, atual Rio Branco, considerada o maior símbolo da “nova capital”, passou por abertura e alargamento de suas ruas, por um processo de saneamento e embelezamento, reorganizando a paisagem urbana, modificando-a e modernizando-a.

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, Literatura e Cidade. Diferentes narrativas para o campo do patrimônio. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 34, p. 397, 2012.

⁸ AZEVEDO, A. N. A Reforma Pereira Passos. Uma tentativa de integração conservadora. **Tempos Históricos** (EDUNIOESTE), v. 19, p. 153, 2015.

Figura 1 - Avenida Beira Mar Trecho Inicial e Obelisco, 1906



Fonte: Fundo Fotografias Avulsas. BR_RJANRIO_O2_0_FOT_0520_m0031de0035⁹.

Figura 2 - Avenida Beira Mar Trecho da Glória, 1906



Fundo Fotografias Avulsas. BR_RJANRIO_O2_0_FOT_0520_m0025de0035¹⁰.

⁹ Disponível em: <http://querepublicaessa.an.gov.br/temas/323-reformas-urbanas-do-rio-de-janeiro-no-inicio-do-seculo-xx.html> Acesso em: 12 out. 2022.

¹⁰ Disponível em: <http://querepublicaessa.an.gov.br/temas/323-reformas-urbanas-do-rio-de-janeiro-no-inicio-do-seculo-xx.html> Acesso em: 12 out. 2022.

A necessidade de modernização e higienização do espaço urbano faz com que a intensificação do deslocamento da região central do Rio de Janeiro para a zona sul, iniciada ainda no século XIX, se intensificasse no século XX, resultado da política higienista republicana através da reforma proposta pelo engenheiro e então prefeito Francisco Pereira Passos.

Pereira Passos articulou, a nível municipal, uma reforma urbanística, sanitária e comportamental na capital federal, que objetivava a elaboração de uma nova rede viária, o melhoramento das condições de salubridade pública e o embelezamento urbano, necessários para introduzir a cidade aos padrões da *Belle Époque*¹¹. O Rio de Janeiro havia passado por um período de inchaço demográfico, resultado do auge da economia cafeeira do século XIX, que conferiu à cidade uma enorme importância no cenário nacional, por ser próxima ao eixo econômico da época e por ser a capital do Brasil. Para além disso, com o fim da escravidão no país, nem o governo imperial, nem o republicano, se preocupou em integrar os ex-cativos à sociedade de forma digna, e o resultado disso, foi uma cidade repleta de ex-escravizados negros, trabalhadores imigrantes, e tantos outros que compunham as camadas menos abastadas da sociedade, amontoados em habitações extremamente precárias e insalubres.

O projeto urbanístico de Pereira Passos, possuía objetivos que ultrapassavam as mudanças estruturais e físicas da cidade, e incorporava objetivos sócio-segregadores que de forma subjetiva, associava a “limpeza” não só aos espaços físicos, mas também à população pobre. O famoso “Bota-abaixo”¹², vai abrir passagem para mudanças estruturais e sociais que vão transformar radicalmente o desenho e o cotidiano da cidade, como a abertura de túneis, novos caminhos e oferta de transporte coletivo, e a valorização da praia, que foi incorporada à cidade ao ser associada a práticas terapêuticas e à prática do esporte e ao lazer, posteriormente.

o prefeito Pereira Passos virou o Rio de Janeiro pelo avesso. Rasgou grandes avenidas [...] mudando o traçado antigo da cidade, feito em xadrez. Com os corredores, abria as alas para a chegada do bonde e da luz elétrica. A avenida Central [...] cortava a cidade em linha reta e desembocava na Beira Mar, parecendo apontar naturalmente a direção que a cidade tomaria dali para a frente. As avenidas levam a Botafogo, costeando as praias da Santa Luzia, da Lapa, da Glória, do Russel e do Flamengo rumo à Copacabana, quer dizer, à zona sul que Pereira Passos inventou¹³.

¹¹ A *Belle Époque* foi um período histórico entre a Guerra Franco-Prussiana e a Primeira Guerra Mundial. Esse período ficou caracterizado pela euforia com o progresso tecnocientífico ocidental.

¹² Expressão criada para designar o processo de reformas urbanas operado a partir de 1903 no Rio de Janeiro. Com a expressão, buscou-se destacar a maneira radical pela qual foi implementado um conjunto de obras públicas responsáveis por redefinir a estrutura urbana da capital federal.

¹³ GASPARG, Claudia Braga. **Orla carioca**: história e cultura. São Paulo, SP: Metalivros, 2004, p.128-129.

Desse modo, ao modernizar a cidade, redesenha-se a paisagem. Os desabrigados pelas reformas de Pereira Passos foram subindo os morros no entorno da região central para tentarem permanecer próximos aos seus empregos ou se deslocaram para a zona norte, região que se tornou operária e novo subúrbio da cidade, enquanto a população que possuía melhores condições econômicas seguia em direção contrária, para a zona sul.

A partir do projeto de reestruturação do sistema viário proposto por Passos, é possível perceber que o mesmo operava com visão de cidade organicista, idealizando a cidade como “um corpus continente de diversos órgãos vitais, no qual é fundamental a ligação destes para o funcionamento harmônico do corpo urbano”¹⁴. Sendo assim, a ideia de integração urbana foi responsável por nortear o processo de urbanização, e a cidade passou a ser percebida com suas funções interligadas, como uma totalidade, um “organismo que justifica o sentido de existência dos diversos órgãos interligados que o sustentam”¹⁵.

A redefinição do cenário urbanístico carioca, resultado das reformas de Pereira Passos, trouxe inúmeras modificações de cunho espacial, econômico, social e cultural, e essas transformações estiveram diretamente ligadas à evolução das práticas esportivas, bem como a difusão da orla e a valorização da balneabilidade. Para além de transformar a cidade em uma cidade moderna, a reforma propiciou um fluxo de pessoas para a área litorânea.

As práticas esportivas mais difundidas nesse cenário foram o Turfe e o Remo, ambos esportes praticados apenas por membros da elite. E, apesar de terem se destacado em êxito e importância socioeconômica, para além do Turfe e do Remo, praticava-se também as touradas, lutas de boxe, atletismo, natação, ciclismo, brigas de galo, corridas de cachorro e de pombo correio, além do conhecido “jogo do bicho”. Segundo Melo, “As práticas consideradas esportivas eram tão díspares que até mesmo o banho de mar era assim denominado”¹⁶.

A elite começou a se deslocar para a Zona Sul em busca de saúde, e a proximidade com mar era essencial para isso. A ideia que associava a beira-mar à modernidade, ao avanço e aos bons hábitos, fez com que o Rio de Janeiro passasse por um período de transição espacial. E toda essa mudança espacial acabaria por refletir, também no social, no comportamento e nas relações de poder.

¹⁴ AZEVEDO, A. N. A Reforma Pereira Passos. Uma tentativa de integração conservadora. **Tempos Históricos** (EDUNIOESTE), v. 19, p. 164, 2015.

¹⁵ *Ibidem*, p.164.

¹⁶ MELO, Victor A. **Cidadesportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumaré: FAPERJ, 2001, p. 27.

Para o filósofo Marshall Berman¹⁷, ser moderno é ser, ao mesmo tempo, revolucionário e conservador, afirmação que faz sentido ao analisarmos esse processo de modernização que propôs uma cidade moderna que romperia com as grandes estruturas vigentes, mas que, na realidade, dava continuidade aos privilégios da elite branca, e a cidadania plena continuava sendo um privilégio de um pequeno grupo, mantendo a herança colonial. E “a ideia de herança colonial é derivada justamente dessa permanência e ramificação das estruturas personalistas na construção das relações sociais, onde o velho se mistura com o novo, o tradicional com o moderno”¹⁸.

1.2 A chegada da mão de obra imigrante

Na década de 20, a sociedade brasileira, que possuía a economia voltada para a agroexportação, tinha o setor cafeeiro como sua principal fonte econômica e responsável pelo desenvolvimento nacional. A atividade industrial já existente, apesar de tímida, crescia junto e de forma complementar à economia cafeeira e, ao passo em que se intensificava, emergiam novos núcleos populares urbanos, que através do trabalho assalariado, inseriam-se na organização social moderna.

Esse novo cenário social urbano e em processo de industrialização seria responsável por emergir uma nova configuração relacionada ao trabalho. O aumento pela procura de mão-de-obra, estimulada pelo avanço da economia de exportação, intensificou o processo de transição da há pouco tempo superada economia escravista para uma economia voltada ao trabalho assalariado, abrindo portas para trabalhadores imigrantes. O deslocamento de trabalhadores do campo para a cidade, fruto da abolição, e a chegada de imigrantes europeus, aceleraram o processo de urbanização e impulsionaram o mercado interno, causando uma acentuada diversificação social. Com o fim da escravidão e o aumento do fluxo migratório, o trabalho escravo foi sendo superado e a economia cafeeira colocada sobre novas égides.

A figura do trabalhador livre e detentor de sua força de trabalho se configurou após a instituição do trabalho assalariado e pode ser considerado a origem da racionalidade moderna e dos conflitos entre o trabalho e o capital. A imigração, além de fornecer a mão de obra necessária para a sociedade brasileira naquele momento, acabou reforçando a ideia de civilidade

¹⁷ BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

¹⁸ VIVIANI, Fabícia Carla. **A trajetória política tenentista enquanto processo**: do Forte de Copacabana ao Clube 3 de Outubro (1922-1932). São Carlos, SP: UFSCar, 2009, p. 26.

europeia. Os imigrantes possuíam comportamentos considerados modernos, evoluídos, e isso potencializaria a associação do trabalhado imigrante ao avanço, e do trabalho escravo, ao atraso.

A ideia de que os negros não possuíam preparo para competirem com os imigrantes, era na verdade, resultado de um pensamento eugenista e das políticas baseadas em uma teoria “científica”, que admitia que a nação brasileira era composta, em sua grande maioria, por uma população racialmente inferior e tinha, como objetivo, promover o branqueamento da sociedade brasileira e extinguir os negros.

Engana-se quem pensa que a abolição deu ao ex-escravizado o direito à liberdade e à cidadania, assim como quem acredita que o fim do trabalho escravo colocou fim ao problema racial no Brasil. Negros passaram a ser considerados livres, mas continuaram sentindo o peso e a escravidão de sua cor. Foram transformados em trabalhadores, mas não em cidadãos. O projeto nacional, característico da Primeira República, comandado pelas oligarquias agrárias, não incluía nem os indígenas, nem os ex-escravizados. Segundo Ricardo Pinto, a população negra foi vista durante muito tempo

Como sendo o “outro inconveniente”, aquele que deveria ser excluído, aquele que carregava os estigmas do atraso, do sujo e da violência. Para se ter uma ideia, no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, lançado em 1889, o verbete negro trazia a seguinte explicação: “que é a da cor mais privada de luz ou oposta à branca; escuro, preto, sombrio; escurecido pelo tempo ou pelo sol; vestido de preto; lúgubre, triste; funesto; maldito; execrável...”¹⁹.

No início do século XX, a mão de obra operária industrial se dividia em duas vertentes: a dos operários não qualificados, formados pela mão de obra interna, e a dos operários qualificados e técnicos, formados pela mão de obra imigrante europeia. A mão de obra urbana era composta então por europeus com significativa experiência industrial, por migrantes rurais de várias partes do Brasil e por descendentes de operários urbanos. Os imigrantes constituíam, nas primeiras décadas do século XX, a principal força de trabalho industrial e o principal articulador do movimento operário no Brasil.

A precarização da vida nos centros urbanos, os reflexos da Primeira Grande Guerra e os desdobramentos da Revolução Socialista na Rússia, agravavam a questão social. De acordo com Carone,

O operariado sofre as consequências de um contínuo aumento do custo de vida e de salários baixos. A política de câmbio baixo, as contínuas emissões, o problema de moradia, os preços excessivos dos gêneros de primeira necessidade, a instabilidade de emprego, tornam a vida operária cheia de percalços e incertezas, que exigem respostas

¹⁹ SANTOS, Ricardo Pinto dos. **História, Conceitos e Futebol: racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889 – 1912)**. Curitiba, PR: Appris, 2020, p. 191.

diretas dos próprios operários e, em outros casos, da burguesia e autoridades governamentais. A reação operária visa principalmente à melhoria de salários, condições de trabalho e regulamentação dos seus direitos. São temas que se repetem durante toda a época, e que comprovam a persistência dos problemas, apesar das lutas²⁰.

Esse cenário seria responsável por impulsionar revoltas operárias e por reestruturar ideologicamente o movimento operário no Brasil. Diante do processo de ampliação das camadas sociais, porém, da permanência de um protagonismo político restrito às oligarquias, os acontecimentos mundiais impactariam fortemente a nossa sociedade.

O início do século XX ficaria marcado pelo processo de desenvolvimento da classe operária, por inúmeras greves, e pela consolidação da comemoração do Primeiro de Maio, na cidade do Rio de Janeiro. Entre 1901 e 1929, em todos os anos aconteciam as comemorações, que envolviam passeatas acompanhadas por hinos e estandartes das associações, comícios, homenagens a operários e cartazes de protesto sempre relacionados ao momento vivido pelos trabalhadores. Tais comemorações podem ser consideradas demonstrações da consciência de classe do operariado carioca, sendo importante ressaltar que essa consciência não abrangia com totalidade a classe operária, mas já se mostrava presente em alguns setores mais organizados. A maior dessas comemorações durante a República Velha, aconteceria no ano de 1919. A edição daquele ano seria marcada por manifestações promovidas pelo movimento operário e pela dura repressão do governo. Através da forte repressão, as oligarquias pretendiam reafirmar que não mediriam esforços para conter as forças sociais emergentes. Com o passar do tempo, e com a crescente adesão popular às manifestações, o governo iniciou um processo de transformação progressiva da data, tornando-a uma data oficial e dando a ela um novo sentido:

1917 inaugura a fase revolucionária das greves: até 1919, elas atingem intensidade e um grau tático nunca alcançados. O operariado toma consciência que pode açambarcar o poder; o que lhe falta é organização partidária. As famosas paredes destes anos mostram a força e a possibilidade de vitórias gerais do proletariado. Objetivamente, as demonstrações destes anos representam a falência das ideias anarquistas, e o sinal da necessidade de uma nova teoria político-organizatória. A conscientização política torna-se geral, superando muito o âmbito sindical, sendo liderado pelos comunistas logo nos anos seguintes²¹.

Para Carone ²², o movimento operário, até 1920, teria sido predominantemente anarquista, e isso estava relacionado com as origens dos imigrantes que vieram para o Brasil. Em países como Itália, Espanha e Portugal, por exemplo, as tendências libertárias eram mais

²⁰ CARONE, Edgar. **A República Velha**: Instituições e Classes Sociais. São Paulo, SP: DIFEL, 1978, p. 193-194.

²¹ *Ibidem*, p. 229.

²² *Ibidem*, p. 213.

sólidas que as ideias marxistas. Mas, apesar de haver discordâncias ideológicas entre anarquistas e socialistas, segundo o autor, até 1920, ocorreram ações comuns entre eles.

As ideias socialistas foram, porém, ganhando forma e espaço dentro do cenário nacional, e mais adeptos no decorrer dos anos. A fundação do Primeiro Partido Socialista Brasileiro acontece em 1892, e outros partidos e organizações de base socialista vão sendo fundados no Brasil a partir de então.

Mais tarde, com o surgimento do comunismo, as divergências foram se tornando cada vez maiores e mais intensas, ao passo que o comunismo se fortalece, o anarquismo entra em declínio. Se para o comunismo a concepção de partido era fundamental, para o anarquismo era algo inaceitável. Se para os comunistas as forças de produção seriam as responsáveis por transformações históricas, para os anarquistas o homem é quem é o responsável por criar essas condições. Ao passo que um prioriza o social, o outro prioriza o individual.

Em 1919, surge um grupo auto denominado Comunista, que sobre vertentes anarquistas, funda o Partido Comunista do Brasil. Em 1922, porém, surgiria o Partido Comunista Brasileiro, seguindo o modelo russo. A criação do PCB estava acompanhada de militantes que acreditavam que somente a união da classe trabalhadora poria fim à pressão política, social e econômica vigente no período. A criação do PCB ressignificou ideologicamente o movimento operário brasileiro, e setores antes anarco-sindicalistas transitaram para o marxismo-leninismo, e isso se deu pela junção de dois fatores: a conjuntura internacional e a situação de crise no cenário brasileiro.

O ano de 1922 significou não só o avanço de uma consciência política e fortalecimento do movimento operário, mas foi também decisivo para a definição das forças políticas decididas a derrubar o sistema vigente. O grupo cafeeiro que já passava por um período difícil desde a década de 1910, com a crise do café, se via ainda mais fragilizado diante da formação da Reação Republicana, formada pelas oligarquias regionais que não faziam parte do pacto republicano entre Minas Gerais e São Paulo.

Em sua estrutura política, as oligarquias agrárias representavam os interesses dos cafeicultores e dos setores exportadores de menor produtividade. Porém, essa aliança não significava ausência de oposição, uma vez que entre os diferentes setores oligárquicos, haviam atritos que abriam brechas para que as camadas médias urbanas conseguissem ocupar, também, espaços políticos. Foi nesse contexto que surgiram as primeiras manifestações tenentistas. Os intensos anos 20 foram responsáveis por instaurar uma crise política, econômica, social, ideológica e cultural, capaz de ameaçar o poder das oligarquias que ocupavam o poder.

1.3 Oligarquias e militares: os conflitos da Primeira República

O tenentismo foi um movimento político-militar que se desenvolveu entre os anos de 1920 e 1935, sob a liderança de oficiais, em sua maioria de baixa patente, revolucionários da época. Os tenentes, como ficaram conhecidos esses revolucionários, insatisfeitos com as condições políticas, econômicas, sociais e institucionais vigentes no país, foram um dos principais agentes históricos responsáveis pela crise da Primeira República. É importante salientar que o movimento tenentista não se expressou somente em nome do Exército, expressando também o inconformismo das camadas médias urbanas com a política oligárquica.

O movimento tenentista assumiu papel de porta-voz das camadas médias urbanas na década de 1920. Estas, vão surgir através dos setores da população urbana que, não sendo detentores do capital, desempenhavam trabalhos por conta própria, vendendo sua capacidade de trabalho para atender as crescentes necessidades do aparelho burocrático, civil e militar do Estado, e vão se configurar em várias camadas.

Por ser um grupo social ainda dependente das oligarquias dominantes, as camadas médias urbanas não foram capazes de se organizar politicamente para externar seu descontentamento com a dominação oligárquica e seus interesses. Dessa forma, os militares, que embora também fizessem parte das camadas médias urbanas, por possuírem certa autonomia advinda de suas funções no aparelho do Estado, assumiram a responsabilidade e foram à luta.

A década de 20, foi caracterizada pela supremacia e alternância de poder entre as oligarquias de Minas Gerais e São Paulo. Essas duas principais oligarquias brasileiras, eram também as duas principais forças econômicas do país. O “pacto” político entre São Paulo e Minas Gerais tinha como grande preocupação proteger a economia agropecuária, principalmente o café, principal produto de exportação do país, e além disso, para assegurar o poder político em suas mãos, a corrupção e fraudes eleitorais também foram fortes características desse período. É nesse contexto, marcado pela dominação mineira e paulista e por fraudes eleitorais, que se inicia uma nova campanha para sucessão presidencial. Arthur Bernardes seria o candidato da situação, e Nilo Peçanha, da oposição.

A campanha para a eleição do presidente sucessor de Epitácio Pessoa foi antecipada pelas oligarquias de Minas Gerais e São Paulo, chamadas de “grandes estados”. Arthur Bernardes e Nilo Peçanha disputavam a sucessão presidencial aumentando as contradições e tensões entre essas oligarquias e as forças armadas. Bernardes foi o candidato indicado pelos grandes estados, e em uma reação republicana, as oligarquias do Rio Grande do Sul, Rio de

Janeiro, Bahia e Pernambuco, apresentaram a candidatura de Nilo Peçanha. A insatisfação de algumas oligarquias encontrou apoio e força na insatisfação militar, que se associaram a elas com o intuito de combater o regime vigente.

A tensão já existente entre as oligarquias dominantes – leia-se, mineira e paulista –, e as forças armadas, foi agravada quando, por meio da imprensa, foram divulgadas algumas cartas escritas supostamente por Arthur Bernardes, onde o mesmo fazia acusações ao Exército e direcionava ofensas ao então presidente do Clube Militar, marechal Hermes da Fonseca. Os militares que já haviam tido sua honra e dignidade ofendidas por Epitácio Pessoa, ao nomear civis para pastas militares, além de se recusar a aumentar os soldos pagos aos mesmos, se revoltaram ainda mais com as tais cartas de suposta autoria do candidato da situação.

Entre os setores oligárquicos, havia o desejo de maior participação política, principalmente dos setores econômicos não relacionados ao café. Minas Gerais e São Paulo alternavam entre si o poder, alternância que já não agradava às demais oligarquias.

Além da crise interna, nesse momento o Brasil sofre também com os reflexos da crise do capitalismo internacional, acarretado pela Primeira Grande Guerra. O país vê o seu volume de exportações de café decair drasticamente e, como consequência, há também uma queda nos preços do produto. Na tentativa de proteger a economia tão dependente das exportações de café, os mecanismos utilizados pelo governo só fizeram agravar as tensões entre as oligarquias e intensificar a insatisfação da população. O Brasil vivia uma intensa crise econômica, política, social e cultural, que ameaçava a “República Velha”. De acordo com Virgínio Rosa,

Em semelhante ambiente, somente uma coisa era eternamente visível e presente: o mal-estar. Todos sentiam uma opressão, uma agonia indecifrável. Como alívio e vingança, as populações agitavam-se ansiosas de derrubadas... Os governos eternos Judas, eram os pontos de mira de todas as angústias e hostilidades, o alvo de todas as oposições²³.

A vitória de Arthur Bernardes trouxe consigo o agravamento dessa crise e uma crescente insatisfação política. Como resposta à derrota eleitoral, iniciou-se uma conspiração militar com o intuito de impedir a posse de Arthur Bernardes, que desencadeou a insurreição na noite de 4 para 5 de julho de 1922, na Vila Militar. Concomitantemente, um levante militar acontece na Escola Militar de Realengo e no Forte de Copacabana.

Mesmo conspirado, planejado e estando comprometidos com a causa, o levante não ocorreu da forma como os rebeldes gostariam. Apesar de obterem um sucesso momentâneo, as tropas foram aos poucos sendo vendidas. Porém, apesar do fracasso de quase todos os levantes,

²³ ROSA, Virgínio Santos. **O sentido do tenentismo**. 3. ed. São Paulo, SP: Alfa-Omega, 1976. p. 34.

no Forte de Copacabana havia uma exceção. Os revoltosos permaneciam no controle e isolados desde o dia 5 até o dia 7 de julho.

Sob o enérgico e vigoroso comando do Tenente Antônio de Siqueira Campos, o reduzido grupo de oficiais e praças decidiu enfrentar as tropas governistas que se concentravam em Copacabana. Siqueira Campos, depois de abrir os portões aos que desejassem abandonar o movimento, partiu a bandeira do Forte em dezoito pedaços, que entregou aos que haviam optado pela luta até o fim. (...) O heroísmo dos revoltosos abalou, realmente, o povo brasileiro e deu a medida da extrema a que chegara a paixão pela causa que defendiam²⁴.

A ausência de um projeto político definido, e o fato de terem agido de forma isolada, sem uma tentativa de mobilizar o apoio popular, podem ser considerados fatores responsáveis pelo “insucesso” tenentista nesse primeiro momento. O término desses levantes foi marcado por diversas prisões e afastamento dos envolvidos. Além disso, o governo buscou anular as lideranças de 1922 para que os episódios não se repetissem, porém, o que aconteceu foi exatamente o contrário. As conspirações continuaram e foram responsáveis por uma nova onda de levantes em todo o país, em 1924, e o objetivo de depor o presidente Bernardes se mantinha.

1.4 Modernismos e seus impactos na sociedade brasileira

A semana de Arte Moderna de 1922 é considerada o grande referencial de renovação das artes e do pensamento brasileiro. E, apesar de a cidade de São Paulo ter se tornado o lugar privilegiado por sediar o evento liderado por Mário de Andrade e Oswald de Andrade, a Semana de Arte Moderna e suas propostas vão extrapolar as fronteiras territoriais da cidade e ganhar vários outros espaços no Brasil.

O evento tinha como objetivo romper com as tradições e redescobrir o Brasil, repensando nossa identidade para desvinculá-lo de tudo o que ainda o prendia à Europa. Era preciso reconhecer as diferentes produções culturais produzidas pelos diferentes segmentos da sociedade brasileira, para se identificar a essência da cultura popular; era preciso, no ano do centenário da independência do país, reconstruir o nosso “eu” sem a sombra do “eles”. Entretanto, todo esse processo não ficou restrito apenas ao evento ocorrido em São Paulo, espalhando-se por todo país, que ansiava por modernidade.

A década da Semana de Arte Moderna foi uma década caracterizada por intensas transformações em todo o país. A consolidação da industrialização estava inserida em uma

²⁴ TÁVORA, Juarez. **Uma vida e muitas lutas**: Memórias. Rio de Janeiro, RJ: Livraria José Olympio Editor, 1973, p. 119.

república recém-proclamada, mas que se mantinha sobre as bases de uma elite conservadora e fortemente vinculada ao agrarismo. O processo de formação da classe operária e das camadas médias urbanas, foi heterogêneo. E, no interior desses grupos, os embates com as forças da ordem se intensificaram na busca por uma sociedade pautada em relações sociais mais justas e igualitárias. Foi esse quadro social contraditoriamente moderno e conservador, cheio de tensões políticas e sociais que moldou e impulsionou as reflexões modernistas brasileiras.

A Semana de Arte Moderna de fevereiro de 1922, realizada em São Paulo, é importante referencial para reflexões estéticas e para a crítica de arte do país. Essa manifestação é potencializada pelo contexto em que ocorre. As questões associadas ao nacionalismo emergente do pós-Primeira Guerra Mundial e à industrialização que se estabelece, especialmente em São Paulo, motivam intelectuais e jovens artistas entusiasmados a reverem e criarem novos projetos culturais. As comemorações do Centenário da Independência do Brasil incentivam um grupo inquieto diante das possibilidades de traçar um perfil mais livre, com a quebra de cânones que impedem a renovação da criatividade artística. As ideias começam a tomar corpo com os debates em torno da exposição de Anita Malfatti em 1917-1918²⁵.

São Paulo foi o detentor do *status* de capital do modernismo brasileiro, mas por que não o Rio de Janeiro? O Rio, desde a segunda metade do século XVIII, era o centro da vida cultural e o local para onde os intelectuais e artistas de diferentes regiões do Brasil iam em busca de visibilidade e reconhecimento. Se a cidade vivia uma efervescente sintonia com o que havia de mais moderno, por que a Semana de Arte Moderna não aconteceu na cidade?

Para Mário de Andrade, um dos líderes do movimento modernista e idealizador do evento, o Rio não poderia sediar tal acontecimento pois abrigava as instituições que os modernistas combatiam – a Academia Brasileira de Letras e a Academia Nacional de Belas Artes –, uma vez que essas instituições produziam exatamente aquilo que o modernismo condenava, representando uma ruptura com as produções cariocas que davam continuidade a um Brasil que se desejava superar.

Mas, se as Academias cariocas produziam o que o modernismo desejava superar, um mundo paralelo a essas academias se desenvolveu nas ruas do Rio. Um espaço vivo e dinâmico abrigava o que Ângela de Castro Gomes vai chamar de “intelectualidade marginal”²⁶. Humoristas, boêmios, artistas que não tinham espaço nas academias, sequer nas altas rodas sociais, para a autora eram potenciais produtores de arte moderna:

Em relação ao intelectual carioca, o perfil construído é o de um produtor de bens simbólicos que está marcado por uma dupla e contraditória inscrição social. De um

²⁵ AJZENBERG, E. M. A Semana de Arte Moderna de 1922. **Revista de Cultura e Extensão**, v. 7, p. 25-30, 2012, p. 26.

²⁶ GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio...** Modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

lado, ele possuiria um estreito vínculo com o Estado, pois seria com muita frequência um funcionário público, o que o impregnaria de um misto de dependência, atração e desprezo por seu “patrão”. De outro, por não conseguir um grande reconhecimento social ou por não conseguir ascender às altas esferas do poder político, integrando e influenciando suas instituições de maneira profunda, acabaria por eleger a “rua” como seu *locus* de sociabilidade por excelência, tendo na vida boêmia e na convivência com a população marginal um de seus traços definidores²⁷.

O sujeito intelectual carioca estava à margem das instituições oficiais. Não estava dentro das Academias e tampouco pertencia às elites políticas e econômicas, mas nas ruas, em meio à sociabilidade que o empurrava para os braços do povo. Não estava à frente do movimento Modernista brasileiro, mas portava a mentalidade modernista tanto quanto os modernistas em São Paulo.

O Modernismo brasileiro, em suas mais variadas configurações, buscou compreender a fundo o sentido da brasilidade no contexto em que estava inserido, buscou colocar a cultura popular brasileira em um lugar de destaque e efetivo reconhecimento. Dos conservadores aos progressistas, todos buscavam sintonia entre as artes, o pensamento e as transformações ocorridas na base social e política do Brasil.

1.5 A Revolução de 1930 e o advento de uma nova república: um novo Brasil possível?

As motivações que desencadearam o movimento armado de 1930 devem ser buscadas através da interpretação e análise da década de 1920. É nesse período que os efeitos do processo de urbanização e industrialização fazem surgir novas forças sociais – camadas médias urbanas e massas urbanas –, que começam a lutar por uma participação política que, até aquele momento, lhes fora vetado. As reivindicações e pressões exercidas por essas camadas foram responsáveis por contestar o Estado oligárquico e a manutenção do poder exercida pelo mesmo.

As décadas de 1920 e 1930 representam, para a história do Brasil, um período de grandes rupturas. E talvez por isso, seja necessário analisarmos a nomenclatura dada aos acontecimentos que antecederam e deram início à Revolução de 1930.

A Primeira República atravessava uma crise política, econômica e social desde o início da década de 1920, e a situação só se agravou com a quebra do acordo político entre Minas Gerais e São Paulo. O rompimento desse acordo, foi dos grandes responsáveis por desencadear a revolução.

²⁷ *Ibidem*, p. 24.

Na corrida eleitoral para as eleições de 1930, o presidente em exercício, Washington Luís, representante da oligarquia paulista, segundo o pacto político, deveria indicar um candidato representante da oligarquia mineira à presidência. O cumprimento desse acordo era essencial para a manutenção do mesmo, uma vez que o candidato escolhido pelo presidente em exercício sempre vencia as eleições. Isso acontecia, pois os grupos políticos no poder fraudavam as eleições fazendo o uso de diversos mecanismos de controle.

Mas, diferente do que os mineiros esperavam, Washington Luís, em uma cerimônia política realizada em 1928, informou que indicaria como candidato à presidência, Júlio Prestes, um outro paulista, o segundo consecutivo, rompendo com o acordo político vigente. Com a quebra do acordo, iniciou-se uma articulação política liderada por Antônio Carlos Ribeiro de Andrada – o candidato que deveria ter sido indicado por Washington Luís, representante mineiro – e a oligarquia mineira, a qual representava.

Rio Grande do Sul e Paraíba, oligarquias insatisfeitas com a falta de representatividade política em nível nacional, se juntaram aos mineiros contra Júlio Prestes, e unidos, lançaram uma chapa eleitoral, a “Aliança Liberal”, que tinha Getúlio Vargas como candidato à presidência, e João Pessoa como vice. A Aliança Liberal contou também com o apoio e adesão dos tenentistas, e incorporou ao seu projeto político, além da concessão direitos sociais à classe trabalhadora, o voto secreto, e a anistia aos tenentes e militares que se rebelaram entre 1922 e 1927. Segundo Lilia Schwarcz e Heloisa Starling,

A coalizão oposicionista utilizava o termo “Liberal” para sublinhar a pretensão de introduzir na vida pública nacional um modo novo de pensar o Brasil, intimamente associado à emergência de um programa de modernização do país. “Liberal”, no caso, exprimia um impulso para a indústria, trazia à tona o tema da incorporação de novos setores sociais na vida republicana e indicava a disposição deste grupo, uma vez no poder, de enfrentar a problemática dos direitos sociais: jornada de trabalho de oito horas, férias, salário mínimo, proteção ao trabalho feminino e infantil²⁸.

Para Boris Fausto²⁹, ao fazer a crítica política do sistema, a Aliança conseguiu sensibilizar uma categoria já inconformada com o contexto econômico brasileiro. Mas era preciso reduzir a insatisfação econômica e propor uma possibilidade de participação às classes médias urbanas que se sentiam marginalizadas na esfera política e sempre impedidos de ter acesso ao poder.

²⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015, p. 354.

²⁹ FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. In: **Corpo e Alma do Brasil** – Brasil em Perspectiva. Editora Bertrand Brasil, 19. ed. Rio de Janeiro, RJ: 1900, p. 239.

A disputa eleitoral entre Júlio Prestes e Getúlio Vargas foi bastante acirrada. Mas, como já era esperado, com a utilização dos mecanismos de controle usados pelo governo, Júlio Prestes foi eleito presidente do Brasil.

Com o apoio dos líderes políticos de um número de estados capaz de assegurar a maioria eleitoral, o candidato que tivesse o apoio do regime em vigor não precisava ter medo de perder. À medida que o século XX avançava e as cidades cresciam, manipular o eleitorado se tornou mais difícil. Mas os resultados nas cidades ainda podiam ser neutralizados pelos “rebanhos” dos chefes políticos do interior (conhecidos como “coronéis”), que mandavam em seus domínios patriarcais com mão de ferro. O sistema político do coronelismo, apesar de estar em declínio devido às mudanças econômicas que enfraqueciam a tradicional estrutura social do interior atrasado do Brasil, ainda era tido como fator importante nas negociações eleitorais de 1929³⁰.

Após ter sido derrotado, Getúlio Vargas retornou ao cargo que ocupava, o de presidente do Rio Grande do Sul e, apesar de proferir duras críticas ao governo, tratou de se reaproximar da oligarquia paulista. Fato é, que ainda durante a campanha eleitoral, Vargas, pouco seguro em relação ao futuro, estabeleceu um acordo com Washington Luís intermediado por seu correligionário político Firmino Paim Filho, sem a ciência das lideranças de Minas Gerais e Paraíba. Nesse acordo, ficou decidido que Vargas aceitaria o resultado das eleições presidenciais, mesmo que este fosse sua derrota, e além disso, apoiaria o governo constituído. Em contrapartida, Washington Luís e Júlio Prestes se comprometiam a não apoiar opositores políticos de Vargas no Rio Grande do Sul, e a reconhecer os candidatos gaúchos eleitos para o Congresso Nacional.

No entanto, havia membros da Aliança Liberal que não se conformaram com a derrota, e a partir disso, foram retomadas as articulações para um movimento revolucionário com o intuito de derrubar os paulistas do poder. Essas articulações, na realidade, já haviam sido iniciadas no período pré-eleitoral.

Em 30 de maio, Vargas divulgou um manifesto denunciando as “fraudes e compressões” praticadas pelos cabos eleitorais “cujos truques e ardis a mesma legislação eleitoral estimula e propicia”. Mas o candidato derrotado temperou seu ataque dizendo ainda acreditar que a necessária modificação de “nossos hábitos e costumes políticos” fosse feita “dentro da ordem e do regime”. Alguns revolucionários, entretanto, não estavam tão inclinados a se contentar com palavras, e acabaram organizando uma conspiração para tomar o poder pela rebelião armada³¹.

Os rumores sobre uma conspiração em curso se espalharam pelo Brasil. Os envolvidos nessa conspiração já se preparavam e se armavam de forma clandestina. No dia 26 de julho de

³⁰ SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castello** (1930-64). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010, p. 36.

³¹ *Ibidem*, p. 37.

1930, o assassinato de João Pessoa, candidato à vice na chapa de Vargas, se tornou o estopim para que os grupos já insatisfeitos se mobilizassem.

Em 26 de julho, Pessoa tombou vítima das balas do filho de um implacável inimigo político do ex-governador. Sua morte não foi um caso atípico na sangrenta política de clãs que vigorava nos lugares remotos da costa do Nordeste. Naquele tenso momento da política nacional, no entanto, teve efeito traumático, porque Washington Luiz apoiava o grupo político ao qual o assassino estava ligado³².

A revolta teve início com a liderança de Vargas, induzindo os rebeldes do Rio Grande do Sul a conduzir uma marcha em direção ao Rio de Janeiro. A conspiração recebeu o apoio de políticos da Aliança Liberal e dos tenentes, e vários levantes foram acontecendo em diferentes partes do Brasil. Sem o respaldo dos militares, o presidente Washington Luís, que havia subestimado o movimento revolucionário, se deu conta de que sua autoridade estava abalada.

A revolta ganhou tal proporção que generais do Rio de Janeiro assumiram o controle dispostos a tomar o poder do presidente. Para o general Tasso Fragoso, era necessário agir de forma rápida, pois a agitação se dava em toda parte, e a ameaça de uma revolução nacional era uma realidade. Um manifesto foi divulgado pelos generais, pedindo a renúncia de Washington Luís, que inicialmente ignorou o ultimato. Só após a intervenção de um cardeal do Rio de Janeiro é que o presidente se deu conta de que a única saída seria renunciar e suspender a posse de Júlio Prestes.

No dia 24 de outubro de 1930, Washington Luís foi deposto e a sucessão presidencial para Júlio Prestes, interrompida. Uma junta militar assumiu o governo, e após 10 dias, no dia 3 de novembro de 1930, transferiu o poder para as mãos de Getúlio Vargas, que se tornaria o presidente provisório do Brasil, e daria início a um importante período da história de nosso país, a chamada “Era Vargas”. De acordo com Boris Fausto,

A revolução de 1930 não é a expressão de uma luta de classes e nem mesmo de uma “divisão pura” de facções burguesas, entre um setor agrário e um setor industrial. A depressão internacional precipitou a aliança transitória entre governos de alguns Estados, “tenentes”, um partido estadual (Partido Democrático), cujo inconformismo correspondia ao descontentamento lentamente acumulado, por razões diversas, no plano interno, contra o núcleo cafeeiro. A recomposição da classe dominante, depois de 1930, se faz pela mediação do Estado que, passo a passo, liquida vários “excessos revolucionários”. Mas, o movimento de 1930 pode ser visto como mais um episódio de acomodação na História brasileira, tal acomodação não se concretiza por uma retomada do passado. A República Velha, assentada na democracia formal assegurada pelos banquetes de lançamento de candidatura no Automóvel Clube, desapareceria; novos tempos, dos comícios de 1º de maio no Estádio do Vasco da Gama, da repressão à vanguarda operária e a manipulação da classe, do Estado Novo ou Nacional: nos

³² *Ibidem*, p. 37.

episódios e nas instituições, cristalizavam-se assim as modificações operadas em poucos anos³³.

A mudança política advinda da ascensão de Vargas à presidência ficou conhecida como a Revolução de 1930. Para Caio Prado Júnior,

‘Revolução’ em seu sentido real e profundo, significa o processo histórico assinalado por reformas e modificações econômicas, sociais e políticas sucessivas, que, concentradas em período histórico relativamente curto, vão dar em transformações estruturais da sociedade e, em especial, das relações econômicas e do equilíbrio recíproco das diferentes classes e categorias sociais³⁴.

Os acontecimentos que sucedem à revolução confirmam a exatidão do nome. Se até o final dos anos 1920 o Estado estava fortemente vinculado aos poderes políticos regionais, após a Revolução de 1930 iniciaria um período de importantes rupturas. Para além de estabelecer uma reestruturação política e econômica no país, os valores ideológicos, a reestruturação da relação entre governo e sociedade e os esforços para construir uma ideia de unidade e identidade nacional, também foram uma preocupação de Vargas.

A Revolução que dá início à Segunda República no Brasil, se propõem a construir um novo Estado nacional, investir no desenvolvimento econômico, modernizar o país e estabelecer novas relações entre os cidadãos, o governo e a sociedade. E, embora os ideais revolucionários já estivessem presentes nos movimentos operários e nos movimentos de rebeldia militar ocorridos em 1922, 1924 e 1926, essas ideologias começaram a de fato se concretizar, quando Vargas assumiu o comando do Governo Provisório, em 1930.

A partir da década de 1930, uma outra importante mudança se inicia, e é evidenciada na obra de Gilberto Freyre. Em *Casa Grande e Senzala*³⁵, o autor refuta teses racistas que vigoraram nos anos 20 e 30, no Brasil e no mundo. As teorias eugenistas, que defendiam a superioridade de raças, e que a mistura entre raças superiores e inferiores resultaria em um povo pervertido e incapaz, a partir dos estudos de Freyre caem por terra. O autor defende que a mestiçagem – característica marcante do povo brasileiro –, não seria capaz de causar nenhuma degeneração, muito pelo contrário.

Ao transformar o conceito de miscigenação, tornando-o uma característica nacional positiva e importante símbolo de nossa cultura, Freyre propõem que as diferenças raciais

³³ FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. In: **Corpo e Alma do Brasil** – Brasil em Perspectiva. 19. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil, 1900. p. 254-255.

³⁴ PRADO JR, Caio. A Revolução Brasileira. In: **Clássicos sobre a Revolução Brasileira**. 4. ed. São Paulo, SP: Editora Expressão Popular, 2005. p. 26.

³⁵ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo, SP: Global, 2006.

estariam ligadas aos aspectos culturais e sociais, e não biológicos. À sua eficiente ideologia nacional, deu-se o nome de mito da “democracia racial”, que dominou o pensamento sobre raça dos anos 1930 até o início da década de 1990. Em seu estudo, o autor transformou a mistura dos povos em um aspecto central do nacionalismo brasileiro, conferindo-lhe caráter científico, literário e cultural. Apesar de nos dias atuais a obra de Freyre receber duras críticas, se bem contextualizada e problematizada, pode ser considerada fundamental na análise do pensamento social brasileiro e para entender como se deu a formação histórica do Brasil.

Podemos perceber, através desse panorama, que a década de 1920 pode ser considerada um período de importantes rupturas, de reorganização espacial urbana, de surgimento de novas camadas sociais que tornam a sociedade carioca ainda mais complexa, e de novas demandas que fazem surgir novos atores e movimentos políticos de contestação ao sistema vigente. É nesse cenário que a cidade se transforma, se reorganiza e se moderniza para se firmar como capital federal, seguindo os moldes parisienses. E o cenário do Rio dos anos 20 seria apenas o presságio para outras tantas importantes transformações urbanas, políticas, econômicas, sociais e culturais que aconteceriam no Brasil após a Revolução de 1930.

1.6 Protagonismos operários e Trabalhismo

A Proclamação da República no Brasil não significou um momento de transformação efetiva e revolucionária. Os interesses diversos das camadas que se uniram em torno da questão republicana fizeram com que essa experiência estivesse atrelada à instabilidade.

A construção de um novo Estado idealizado por diversos atores sociais, fez com que seu período inicial ficasse marcado pela busca da definição de seus próprios contornos. As sucessivas crises políticas, econômicas e sociais que caracterizaram as duas primeiras décadas da República brasileira evidenciam a fragilidade do regime e a ideia de que o poder não estava ocupado - na verdade, passou a estar disponível para ser construído e ocupado pela sociedade. Para Angela de Castro Gomes,

O momento pós-republicano está desta forma aberto à “palavra”, que é pública e que espelha a possibilidade de propostas políticas diversas e numerosas. É justamente no contexto deste amplo debate, marcado pela diversidade e pela significativa esperança na conquista de um espaço de expressão política efetiva, que começaram a emergir ideias mais articuladas, tanto em um nível de discurso como de organização, sobre a participação política daqueles que trabalham³⁶.

³⁶ GOMES, Angela Maria de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2005. p. 36.

A cidade do Rio de Janeiro, capital federal e maior cidade do Brasil na virada do século XIX para o século XX, estava imersa na busca pela modernidade e passava por um processo de construção de novas relações sociais que estariam a partir daquele momento associadas e determinadas pelo valor mercantil do dinheiro, que possibilitava uma maior mobilidade social.

Nesse contexto, o processo de construção da classe trabalhadora como um importante ator político na história do Brasil e o surgimento do Trabalhismo, ganham papel de destaque. O Processo de abolição da escravidão e de Proclamação da República foram responsáveis por uma efervescência partidária e pelo fortalecimento do militarismo e do nacionalismo. Além disso, a crise política e econômica dos anos 20 colocaram em evidência a discussão em torno do lugar ocupado pelo trabalho e pelos trabalhadores brasileiros. Os fundamentos de uma proposta de cidadania envolveram a construção de uma identidade nacional positiva, que permitia à classe trabalhadora se reconhecer como classe distinta e solidária, que deveria lutar pelos seus direitos e se reconhecer como ator político.

No Brasil, foi a partir da década de 30, e principalmente durante o “Estado Novo”, que a classe trabalhadora foi reconhecida como ator relevante e central no cenário político nacional. A cidadania adquirida por essa camada, a partir desse momento, ultrapassou a noção de possuir direitos políticos e civis, e passou a estar ligada a direitos sociais estabelecidos e garantidos por lei. O Estado articulou e implementou um projeto no qual reconheceu a classe trabalhadora como ator político, projeto esse chamado “Trabalhismo” brasileiro, e o sucesso e a proporção alcançados pela ideologia trabalhista construídos em torno de Getúlio Vargas são facilmente identificados na profundidade e permanência desse discurso político. Ainda de acordo com Angelo de Castro Gomes:

Contudo, se a bibliografia que trata do tema consagra a importância do trabalhismo e do papel do Estado no processo de construção da identidade política da classe trabalhadora no Brasil, a interpretação dominante é a que vê esse resultado como a quebra de um processo natural que vinha se desenrolando durante as décadas da Primeira República, sob o comando dos próprios trabalhadores. A intervenção do Estado, produzindo uma identidade “de fora”, teria gerado uma classe trabalhadora cuja atuação política estaria condenada a vínculos com lideranças externas à classe³⁷.

Para a autora, o sucesso do projeto político estatal do trabalhismo pode ser explicado pelo discurso estruturado pelas lideranças operárias durante a Primeira República ter fornecido elementos importantes de sua autoimagem, que foram utilizados sob novas perspectivas e em um outro contexto. Desta forma, o projeto estatal constituiu a identidade coletiva da classe

³⁷ *Ibidem*, p. 24-25.

operária atrelada a uma lógica material, baseada em benefícios da legislação social com uma lógica simbólica, que associava esses benefícios a doações. O projeto de constituição da classe trabalhadora operária em ator político coletivo, pode ser considerado um fenômeno político-cultural capaz de articular valores, ideias, tradições e modelos de organização, com base em um discurso onde o trabalhador é considerado sujeito, mas também objeto.

O processo de constituição dessa classe no Brasil como ator político se molda em duas versões distintas. Em um primeiro momento, nas décadas da Primeira República, a “palavra” estava com as lideranças vinculadas aos trabalhadores, que em suas propostas políticas direcionavam suas lutas e assumiam a construção e definição de sua própria identidade. Não obstante, são forçados a assumir em seu discurso também os temas que caracterizavam o contexto político nacional naquele momento: o surgimento de partidos políticos, o militarismo e o nacionalismo dos anos 10, e a crise político-econômica que marcou os anos 20.

Quando se cria no Brasil um mercado de trabalho livre, onde o trabalhador assalariado começa a substituir a mão de obra escravizada, as lideranças políticas percebem a necessidade de construção de um discurso que molde a prática do trabalho e estabeleça um modelo de ética que devesse ser seguido por esses trabalhadores, quer fossem ex-escravizados, quer fossem imigrantes. E é a partir de 1930, pós revolução, com Getúlio Vargas no poder, que o Trabalhismo começa a se moldar e a segunda versão da classe operária começa a se desenhar.

O Estado entendia que era preciso criar novos valores e educar os trabalhadores, criando nos mesmos o hábito do trabalho. Era preciso associar o trabalho a uma atividade moralizadora capaz de estabelecer a ordem política e social. De acordo com o próprio Vargas:

A evolução política do Brasil se deve processar em ordem, com disciplina e respeito às autoridades. Nem precisam nem precisarão os trabalhadores do Brasil recorrer a greves porque a bancada trabalhista, na Câmara e no Senado, defenderá intransigentemente as fórmulas mais rápidas para a solução dos seus problemas³⁸.

Contudo, é importante salientar que antes mesmo que o Estado entendesse a necessidade de moldar o trabalhador brasileiro, em fins dos anos 20, já existia entre a classe trabalhadora uma ética valorativa do trabalho e do trabalhador, um relacionamento pautado em lutas e acordos com o patronato, e uma organização em partidos e sindicatos. Se as conquistas da classe operária durante esse período foram pequenas, a construção de sua identidade social foi de extrema importância. No final da Primeira República, já existia de forma bem definida a figura do trabalhador brasileiro, embora a figura do cidadão-trabalhador

³⁸ VARGAS, Getúlio. **A Política Trabalhista no Brasil**. São Paulo, SP: José Olympio, 1950. p. 45.

só começasse a se desenhar a partir da década de 1930.

A dimensão restauradora do processo revolucionário que teve início em 1930 e que viria a se completar em 1937, significava a retomada da vocação histórica do país, a continuação da construção de uma nacionalidade genuinamente brasileira. Nesse sentido, era preciso estabelecer um esforço integrador, para que a realidade física, a realidade de nossa terra e de nossos homens, ambos incompreendidos e desassistidos, fosse modificada. Restaurar, nesse sentido, não significava um retorno a um período datado, mas sim um “novo começo”, com o início de um “Estado novo”.

Por conseguinte, “restaurar” a sociedade brasileira era retirá-la do estado da natureza, isto é, organizá-la pela via do poder político. Tal ação implicava um “retorno” à própria natureza – às riquezas potenciais e inativas do país e um “retorno” à própria cultura nacional – ao caráter do homem brasileiro. A tradição a ser encontrada e revivida seria a junção da natureza e da cultura por intervenção da política, que acionaria o elemento integrador e produtivo do trabalho nacional. A terra era rica e o homem era bom, mas nada disso tinha significado quando abandonado e inexplorado. A “reconstrução” seria um verdadeiro ato de construção da terra e do homem, pela exploração da primeira e a formação do segundo³⁹.

Tanto a exploração da terra, quanto a formação do homem, seriam processos sistematizados por novas elites políticas, que fariam o uso da comunicação com as massas para mobilizar o esforço transformador do trabalho humano. Se, até 1930 nenhum dos governos havia reconhecido a necessidade de se priorizar a questão social no Brasil, a partir de então, o caráter revolucionário desse “novo Estado”, estava justamente em enfrentar o estado de permanente necessidade em que o povo brasileiro vivia. Estado desmotivador, desumanizador e que associava o trabalho à uma condição da pobreza.

O reconhecimento da questão social após 1930 foi tratado como uma questão política, como um problema que exigia a intervenção do Estado para que fosse resolvido. Deste modo, a possibilidade de uma efetiva solução para as dificuldades pelas quais passavam os trabalhadores brasileiros estava associada à adoção de uma legislação social assegurada pelo poder público. Se a legislação social sozinha não pudesse ser capaz de acabar com a pobreza do país, ela era algo necessário que, somada a outras medidas, poderia oferecer à classe trabalhadora uma situação mais humana.

Essas medidas abrangiam variadas políticas públicas, entre as quais podemos destacar a implementação da organização sindical. A união entre trabalhadores e Estado precisava da colaboração dos sindicatos, órgãos que representavam o cidadão-trabalhador. Contudo, a organização sindical possuía um objetivo amplo, voltado para a disciplinarização da classe

³⁹ *Ibidem*, p. 195.

trabalhadora. E esta “era uma nova forma de exercício do poder que, sem abdicar da soberania do Estado – controle sobre o território -, suplementava-a com um controle sobre a sociedade”⁴⁰.

No Brasil dos anos 30 e 40, os mecanismos de poder e as práticas de governos, se voltaram especificamente para a construção do cidadão-trabalhador. O empreendimento desse controle social estava na fixação de valores como a disciplina, a dedicação e a competência profissional e, nesse sentido,

O que parece ocorrer de fato é que a classe trabalhadora é, em certa medida, sujeito de sua própria dominação. Em outras palavras, não basta perceber uma relação de dominação a partir dos mecanismos de controle social mais ou menos conscientemente elaborados pela classe dominante no sentido de reproduzir certo tipo de relações sociais que a beneficia. É necessário pensar também nos elementos da ideologia popular que facilitam a reprodução destas relações sociais, ou seja, existem elementos na visão de mundo da classe trabalhadora que a transformam, em certos aspectos, em agente inconsciente de sua própria dominação⁴¹.

Os meios de controle social utilizados foram os mais diversos possíveis, e dentre eles, o Estado fazia o uso dos meios de comunicação para disseminar e fortalecer a ideologia trabalhista. Essa ideologia trabalhista transpassava diversas composições populares do período, que exaltavam valores ufanistas e moralistas, com o intuito de mobilizar as massas e legitimar junto a elas o papel do Estado como um doador de direitos trabalhistas.

Vários compositores, porém, iam na contramão do Estado e compunham canções que faziam críticas à classe trabalhadora e às condições as quais eram submetidas, como é o caso do samba “O Bonde de São Januário”, parceria entre Wilson Batista e Ataulfo Alves. As letras de música produzidas na época passavam por uma análise – leia-se censura - pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão criado por Vargas durante o Estado Novo, que exercia severa censura sobre jornais, revistas, produções teatrais, cinematográficas e literárias, o rádio e demais manifestações culturais. Nesse sentido, toda e qualquer produção cultural que não estivesse em consonância com a ideologia estatal, era censurada e modificada.

A letra original de “O Bonde de São Januário” dizia: **“O bonde de São Januário/ leva mais um sócio otário/ só eu não vou trabalhar”**. Os versos exaltavam a figura do malandro esperto, boêmio, e que não via como algo positivo se submeter ao trabalho operário. O DIP determinou que a letra fosse alterada, pois associava a imagem do trabalhador ao oposto do que o governo disseminava. Após modificações, a letra da música passou a ser:

⁴⁰ *Ibidem*, p. 238.

⁴¹ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 148-149.

O Bonde de São Januário⁴²

Quem trabalha
É quem tem razão
Eu digo
E não tenho medo
De errar

O Bonde de São Januário
Leva mais um operário
Sou eu
Que vou trabalhar

Antigamente
Eu não tinha juízo
Mas resolvi garantir
meu futuro
Vejam vocês
Sou feliz
vivo muito bem
A boemia
Não dá camisa
A ninguém
É, vivo bem.

Figura 3 - O Bonde de São Januário ligava o Largo da Carioca à Benfica



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

⁴² Samba “O Bonde de São Januário”, de autoria de Wilson Batista e Ataulfo Alves e cantada pela voz de Ciro Monteiro. 1940.

O bonde São Januário (Figura 3) era o meio de transporte utilizado pelos operários das intermediações da rua São Januário que trabalhavam nas fábricas de São Cristóvão. A letra acima falava sobre a rotina do operário, e a imagem revela quais eram as condições da classe trabalhadora já na forma como se transportavam. O bonde de São Januário transportava mais que operários, transportava sonhos individuais e coletivos, transportava homens que viam no trabalho honesto e no trabalhismo de Vargas a possibilidade de ascensão social.

O samba “Bonde de São Januário” é o retrato do Estado Novo e sua política trabalhista, e para além disso, liga o protagonismo operário e o trabalhismo ao bairro de São Cristóvão, região fabril e operária, ao Estádio Vasco da Gama, popularmente conhecido como Estádio São Januário, que viu em seus arredores muita história ser construída, sendo por diversas vezes utilizado como palco para variados tipos de eventos oficiais, políticos e culturais, exatamente por sua proximidade e ligação com a classe operária.

Observa-se que adécada de 1920, não só na capital federal mas no Brasil como um todo, se caracterizou como um período de efervescentes rupturas e transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. E, todas essas mudanças colocaram a sociedade frente à transformações não só de seus hábitos, mas em processo de transformação também da mentalidade elitista, patriarcal, preconceituosa e excludente que predominava no período. É nesse cenário que o Club de Regatas Vasco da Gama surge como protagonista na inserção do negro e operário no futebol carioca, e com ajuda de seus sócios, contrói o Estádio Vasco da Gama, estádio esse que terá grande importância no cenário brasileiro, no futebol e para além dele.

CAPÍTULO II – A RESISTÊNCIA VASCAÍNA E A CONSTRUÇÃO DE SÃO JANUÁRIO

2.1 Futebol, modernidade e rupturas

As práticas esportivas foram introduzidas na sociedade brasileira como um desdobramento do processo civilizatório e de modernização pelo qual o país estava passando, e por isso, sua prática se destinava apenas a membros da elite.

As primeiras tentativas de se estabelecerem práticas desportivas regulares no país datam do final do século XIX, com a formação dos clubes esportivos nas principais cidades do país, principalmente no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Os clubes eram associações civis sem fins lucrativos, que se destinavam às práticas esportivas. Mas, esses clubes funcionavam como mais um dos muitos sinais delimitadores de fronteiras entre a elite e as camadas populares⁴³.

A elite, detentora do capital para a compra de materiais necessários para a prática de diversos esportes, instituiu os clubes, que colocaram em seus estatutos limitações que garantiam que esses espaços fossem frequentados apenas por membros dessa elite. Segundo Santos⁴⁴, os esportes cumpriam importantes funções sociais, uma vez que os clubes eram como ilhas que delimitavam e evidenciavam as distinções entre seus associados e o restante da população, e sua prática se mostrava altamente segregacionista.

Essa estrutura elitista, característica em vários esportes, predominou também sobre o futebol, que em seus primórdios era uma prática voltada para jovens da elite metropolitana. Os campeonatos realizados eram monopolizados pelos clubes dos bairros mais abastados, rejeitando a participação dos poucos clubes com sede em periferias ou subúrbios e que contavam com a participação de atletas de origem popular em seu elenco.

O futebol transpassa diversas esferas sociais no Brasil, e pode ser considerado um importante componente cultural capaz de interferir nas expressões que falamos, nos nossos gestos e em nossos comportamentos. Sua presença e representatividade podem ser visíveis e palpáveis, mas por vezes completamente abstratas e intangíveis. Atualmente, o adjetivo “país do futebol” é usado com frequência para que pessoas do mundo todo se refiram ao Brasil, mas a verdade é que a prática desse esporte nem sempre esteve ligada à sociedade brasileira de

⁴³ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.8.2010.tde-26102010-115906. Acesso em: 11 abr. 2023. p. 26.

⁴⁴ Ibidem.

forma democrática. Se, hoje, o futebol é paixão nacional e acessível à sociedade como um todo, na história, nem sempre foi assim. Esse processo foi demorado, repleto de tensões sociais, políticas, raciais e culturais.

Em sua chegada, a prática do futebol no Brasil, esteve diretamente ligada aos jovens da elite, que viam no esporte trazido pelos britânicos, uma prática civilizadora.

No Brasil, esse esporte se introduz precisamente na classe dominante, numa elite extremamente sofisticada e ávida por aprender a jogar *o football* introduzido pelos técnicos ingleses, altos funcionários da Companhia Progresso Industrial e fundadores do "The Bangu Athletic Club" em 1904, no Rio de Janeiro. E, ao contrário do que se possa pensar, inicialmente os operários da fábrica Bangu estavam impedidos de praticá-lo. Até porque a bola era objeto importado e, por conseguinte, inacessível a esses trabalhadores. Só mais tarde é que a própria direção da fábrica cria o time operário do Bangu, visando, na verdade, o aumento da produção industrial. Isto porque ela soubera que na Rússia outra fábrica inglesa de tecidos organizava jogos entre os turnos, para incentivar a disposição ao trabalho e seu espírito de corpo⁴⁵.

A busca pela mudança, pelo novo, característica marcante da modernidade, fez surgir o futebol, que pouco tempo após sua chegada ao Brasil, por volta de 1894, se tornou um importante esporte, em especial no Rio de Janeiro, onde a modernização e o desenvolvimento dessa prática ocorriam de forma paralela.

Para as elites, o futebol era o esporte moderno que proporcionava capital simbólico, um bom nicho de sociabilidade (entre os iguais) e, fundamentalmente, doravante, renderia boas cifras financeiras que ajudariam a consolidar ainda mais seu lugar social. Para as camadas populares, funcionaria como uma possibilidade de progressivamente ascender social e economicamente, geraria uma sensação de pertencimento social ao mundo moderno que emergia, até então ausente para esse grupo, e principalmente, para o futuro, colocaria o grupo numa posição de destaque no cenário nacional⁴⁶.

Nesse sentido, o futebol, assim como outros esportes, continuava a segregar. A elite se articulava em preservar seus valores e práticas, ricos e pobres potencializavam o distanciamento entre esses dois grupos distintos, fortaleciam seus laços de amizade e reforçavam a sua identidade, cada um dentro de seus grupos.

Mas o que fez do futebol um notável esporte no Brasil, foi exatamente a maneira como essa estrutura se transformou ao ser confrontada, questionada. A elite não conseguiu manter o absoluto controle sobre essa prática, e a trajetória do esporte que se tornou o mais popular do país em um contexto de desenvolvimento industrial, urbano e da classe operária, representou, principalmente para a população negra, recém-liberta, um importante meio de ascensão social.

45 CALDAS, Waldenir. O futebol no país do futebol. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 3, n. 2, p. 24-30, 1986.

46 PINTO, Ricardo. **História, conceitos e futebol: racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889-1912)**. 1. ed. Curitiba, PR: Appris, 2020. p. 24.

O futebol se tornou um importante elemento identitário da nação brasileira e um dos espaços sociais onde negros conseguiram alcançar maior sucesso e visibilidade após o fim da escravidão⁴⁷. Contudo, para além de se mostrar um meio de ascensão social para os negros, a prática do futebol não estava apenas atrelada a isso: havia também autonomia, consciência com relação ao papel que o esporte representava em suas vidas, além da própria vontade de jogar futebol.

O caminho percorrido para que a prática do futebol, a partir da primeira metade do século XX, se tornasse um esporte de massa e importante elemento definidor da nacionalidade brasileira, não foi fácil. Em todo e qualquer processo de construção da História, toda ruptura se confronta com a reação de forças dominantes, quando estas se sentem ameaçadas. Com o futebol, não seria diferente: passou a ocupar um lugar de destaque no cenário nacional, e sua história está ligada a inúmeros e importantíssimos processos sociais.

O elitismo predominante no futebol brasileiro, e mais especificamente carioca, se viu ameaçado quando, na cidade do Rio de Janeiro, times de origem popular, com sede na periferia da cidade e que contavam com jogadores negros e de origem humilde, triunfaram em competições organizadas pelos clubes de elite. Foi o caso do Vasco da Gama em 1923, do São Cristóvão em 1926, e do Bangu em 1933, todos times de origem popular.

O Club de Regatas Vasco da Gama, um clube do subúrbio carioca, se colocou em evidência ao incorporar no seu elenco jogadores negros, mestiços e brancos de origem humilde. O clube se destacaria naquele momento não apenas por ser um dos responsáveis por incluir, mas também como o que se propôs a resistir aos mecanismos que tentavam, de todas as formas, preservar o caráter aristocrático do esporte. Seja por lutar intencionalmente pela inclusão, seja pelo reflexo do processo de mercantilização pelo qual o futebol passou, as decisões tomadas pela instituição foram responsáveis por quebrar as barreiras e reestruturar a sua prática na capital federal e no país.

2.2 Os Camisas Negras e o Campeonato Carioca de 1923

O Club de Regatas Vasco da Gama, fundando na capital federal em 1898 por imigrantes portugueses, deu início às suas atividades como clube desportivo dedicado à canoagem. Foi apenas em 1915 que o futebol foi incorporado às suas atividades. A estreia do time de futebol

⁴⁷ ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O 'racismo à brasileira' no futebol. In: Sérgio Settani Giglio; Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. 1. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2020, v. 1, p. 721-739.

nos gramados aconteceu em maio de 1916, na terceira divisão, e ao conquistar seu primeiro título no ano de 1922, garantiu seu acesso à Primeira Divisão da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT).

O clube tinha como condição única para que um jogador fosse incorporado ao seu elenco, que este soubesse jogar futebol, ignorando qualquer preconceito da época, fosse ele racial ou social. Conhecido como “Os Camisas Negras”, o time formado por Nélson, Leitão, Mingote, Nicolino, Claudionor, Artur, Paschoal, Torterolli, Arlindo, Cecy e Negrito, no ano de 1923, com uma brilhante campanha de 11 vitórias, 2 empates e apenas 1 derrota, sagrou-se Campeão Carioca (Figura 4).

Figura 4 - Camisas Negras: o time do Vasco campeão carioca em 1923



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

E mais que campeões, eles foram responsáveis por ameaçar a hegemonia elitista do futebol carioca e nacional.

A ilusão durou pouco, os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha que competir em igualdade de condições, com o pé rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro⁴⁸.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 126.

Com campanha vitoriosa, o Vasco da Gama inseriu dentro das quatro linhas e também nas arquibancadas, os imigrantes portugueses, operários, negros e brancos de origem humilde, para disputar lugar com as famílias tradicionais e “de bem”.

A reação dos grandes clubes cariocas ao Campeão estadual de 1923 não fugiu ao esperado. Era preciso evitar que o que acontecera no campeonato de 1923 não se repetisse; com esse intuito foi criada, em 1924, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), fundada por clubes como Flamengo, Botafogo, Fluminense, América e Bangu. Os grandes clubes se juntaram, para manter como protagonista a elite branca, e para isso, instituíram o amadorismo: para ser jogador de futebol, era necessário estudar, trabalhar e possuir emprego fixo.

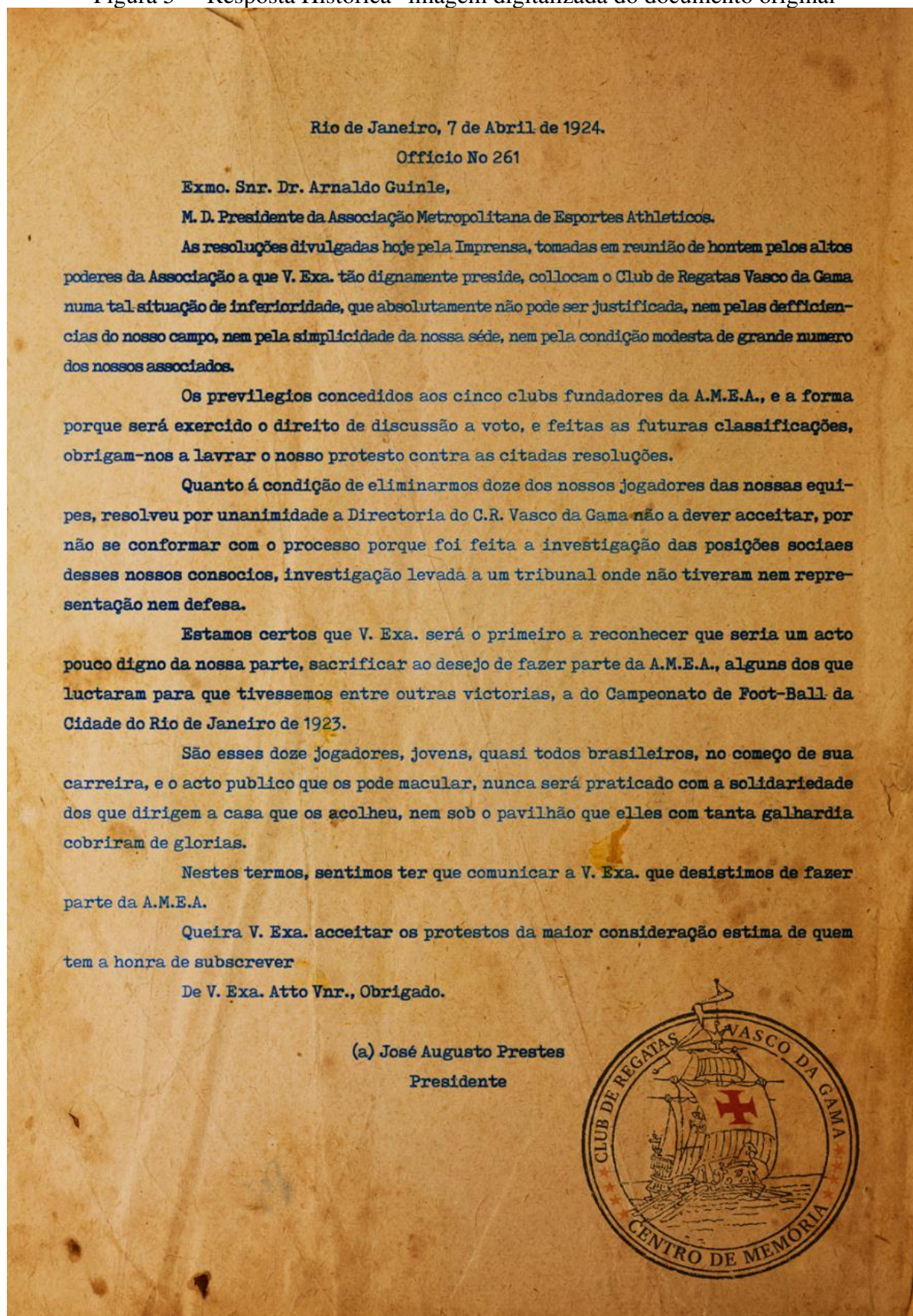
O amadorismo foi o mecanismo encontrado para garantir que, na prática do esporte, o branco continuasse sendo superior ao negro, e o rico ao pobre. Abriu-se uma exceção para a inserção de atletas operários na tentativa de não deixar explícito o preconceito racial e social existente. O Bangu, time pequeno e de operários, foi escolhido para fazer parte da AMEA, no intuito de reafirmar que não havia ali preconceito ou discriminação. Mas, por que o Bangu? O time não havia sido campeão até aquele momento, e por isso não representava real ameaça aos grandes clubes cariocas.

Para instituir e garantir o cumprimento do amadorismo, aos jogadores de futebol era cobrado que trabalhassem e ganhassem o suficiente para garantirem o seu sustento, e que além disso, fossem alfabetizados. No Vasco, para acatar às exigências feitas pela AMEA, os comerciantes portugueses começaram a empregar os jogadores do time em seus estabelecimentos, e estes começaram a ser também alfabetizados. Mas, a sindicância da associação não dava espaço para dúvidas, pois sabia que muitos comerciantes portugueses pagavam aos atletas um “salário” para treinarem, e por isso, monitoravam esses atletas para tentar comprovar qualquer irregularidade.

Segundo os dirigentes de outros clubes, o time cruzmaltino era formado por jogadores de profissão duvidosa e não contava com um estádio próprio para disputar suas partidas. Foi nesse contexto que a associação notificou o clube que, após apuração, 12 atletas do time – todos negros –, foram acusados de possuir profissão duvidosa. A AMEA exigiu que os doze jogadores fossem excluídos do elenco como condição para que o Vasco pudesse fazer parte da Liga.

Em reação à condição estabelecida pela Liga, o presidente do clube, José Augusto Prestes, enviou à AMEA uma carta se negando a obedecer à imposição feita, e mais que isso, desistindo de se filiar à associação. A carta, conhecida como “Resposta Histórica” se tornou um marco na luta contra o racismo no futebol (Figura 5).

Figura 5 - “Resposta Histórica” imagem digitalizada do documento original



Nas linhas do documento apresentado na Figura 5, o presidente José Augusto Prestes, em nome de toda a diretoria do Club de Regatas Vasco da Gama, não só recusa a se curvar diante das determinações que a todo momento inferiorizavam o clube, como também ressalta o quanto seria injusto tirar do time aqueles que foram responsáveis por sagrá-lo campeão em 1923. O Vasco não foi o primeiro clube brasileiro a dar espaço ao negro dentro do futebol, mas seria o primeiro a se sagrar campeão com jogadores negros em seu elenco, e o primeiro a lutar pela permanência desses negros em um espaço que a todo custo tentava se manter branco.

A carta, mais que uma simples resposta, foi um importante posicionamento contra o sistema elitista, racista e excludente que prevalecia não só no futebol, mas na sociedade naquele momento. A importância do documento naquele contexto e para a posteridade, fez com que o mesmo recebesse o título de “Resposta Histórica”, título esse, resultado de uma construção da memória sobre o documento e o que o mesmo representou e continua representando.

Para José Murilo de Carvalho⁴⁹, a abolição da escravidão em 1888 representou, de certa forma, um progresso da cidadania porque incluiu os ex-escravizados nos direitos civis. Entretanto, essa incorporação na sociedade foi apenas formal, uma vez que os negros ganharam o direito à liberdade, porém, não lhes foram oferecidas condições dignas de vida, perpetuando, na maioria das vezes, lógicas análogas à escravidão. Os negros continuaram a ser tratados como objeto, como coisa que pertence a alguém, como bem material, e a eles restava conviver com um Estado omissivo, com a miséria, a discriminação e a humilhação. A ideia de superioridade branca intensificava a segregação vivida pela população negra e o racismo.

Em um contexto cultural, político e social como o descrito acima, imenso seria o impacto causado por um clube que se negava a excluir jogadores negros de seu elenco, mesmo que isso significasse abrir mão de participar da Liga principal. É grande o debate sobre os reais motivos por trás da decisão do Vasco em não excluir os doze jogadores de seu elenco naquele momento. Para Ricardo Pinto dos Santos,

O desejo em manter os bons e vitoriosos jogadores em seus quadros de atletas, traduz muito mais sobre a necessidade do Vasco em manter um time forte, vitorioso e lucrativo, do que efetivamente parte de um movimento de luta contra o racismo dentro do clube. Até aquele momento, nem em tempo posterior, nenhum dos clubes no Rio de Janeiro, incluindo o cruzmaltino, tratavam sobre o racismo ou a questão negra de forma sistemática, nem *en passant*, em suas reuniões internas⁵⁰.

⁴⁹ CARVALHO, José Murilo de. Introdução e Conclusão: *In: Cidadania no Brasil: o longo do caminho*. 21. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2021.

⁵⁰ SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Pretos, não te enganes, no esporte nenhum branco lutou por ti**. Ludopédio, 1 set. 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivabancada/pretos-nao-te-enganes-no-esporte-nenhum-branco-lutou-por-ti/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

O autor questiona a ideia de luta contra o racismo no futebol, que foi e ainda é diretamente associada ao Club de Regatas Vasco da Gama, principalmente após a “Resposta Histórica”. Para ele, a saída do clube da liga principal não pode ser associada a um engajamento do clube na causa negra, pois na verdade, foi um desdobramento do processo de mercantilização pelo qual o futebol estava imerso. Sem aqueles jogadores, o clube sofreria prejuízos financeiros e, para além disso, colocaria em risco o destaque em que se encontrava no cenário esportivo naquele momento. A “Resposta Histórica” assim, teria sido motivada principalmente por questões econômicas, e não por uma preocupação social.

Leandro Fontes e Jorge Medeiros, por sua vez, discordam de Ricardo Pinto dos Santos, pois acreditam que seria incoerente cobrar que o clube tivesse desde o princípio um plano traçado para a luta contra o racismo no futebol brasileiro, uma vez que, “o Vasco não foi fundado com a finalidade de um partido político, detentor de um programa universal para o país ou de um movimento social defensor de bandeiras para frações da sociedade”⁵¹. Mas, desde sua fundação, inseriu nesse meio aqueles que até então, estiveram longe dele. É o que se pode constatar com a eleição de Cândido José de Araújo, o Candinho, primeiro presidente negro dos grandes clubes do país, eleito em 1904 e reeleito em 1905, apenas dezesseis anos após a abolição da escravidão no Brasil. Logo, o Vasco da Gama teve um negro ocupando a presidência do clube mais de uma década antes que o futebol fizesse parte de suas práticas desportivas.

As análises aqui abordadas trazem visões diferentes de um evento, de um posicionamento que, de fato, pode ser analisado e entendido de formas diferentes, porém, sem que uma análise invalide a outra. Dessa forma, mesmo que não tenha de fato existido a intencionalidade na luta contra o racismo e em favor dos negros, a postura adotada pelo Vasco ao inserir e manter esses jogadores em seu elenco através da Resposta Histórica, pode ser considerada um ato de resistência? Ou a resistência só se configura frente à intencionalidade?

Os desdobramentos da postura assumida pelo Club de Regatas Vasco da Gama ao se negar a retirar de seu elenco os jogadores negros, causou e ainda causa grande impacto na luta contra o racismo dentro e fora de campo. O clube resistiu às imposições, manteve os negros, mestiços, brancos pobres e analfabetos em sua equipe e, ao se recusar a fazer parte da AMEA,

⁵¹ FONTES, Leandro Tavares; BRAGA, Jorge Luiz Medeiros. **O Vasco lutou e seguirá lutando por negros e operários**. Ludopédio, 8 set. 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivabancada/o-vasco-lutou-e-seguira-lutando-por-negros-e-operarios/#:~:text=%E2%80%9CO%20elemento%20de%20cor%20que,%C3%A9%20o%20Vasco%20da%20Gama%E2%80%9D.&text=No%20dia%201%20de%20setembro,por%20Ricardo%20Pinto%20dos%20Santos>. Acesso em: 10 abr. 2023.

no ano de 1924 disputou o campeonato na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), junto aos “pequenos”.

Mas, a formação de duas ligas no Rio de Janeiro traria consigo um problema, posto que dividiriam entre si a atenção da imprensa, e também de público, o que afetaria diretamente na arrecadação dos clubes. “Junto de agremiações pequenas, a rotina de vitórias vascaína continuava como em 1923. Mas as atenções dos jornais não eram para os jogos da LMDT. Os jornais davam muito mais ênfase aos jogos da AMEA”⁵². E essa ênfase aos jogos da AMEA gerou importantes registros que deixavam claro o quanto a ausência do Vasco interferia diretamente no público presente nos jogos, uma vez que o time de negros, pobres e operários, lotava as arquibancadas por onde passava.

A torcida do Vasco, mesmo não tendo o time fazendo parte da liga principal, continuava sendo fiel, “ruidosa e incomodativa”⁵³. A própria imprensa começava a compreender a grandiosidade e potencial econômico que representava o Club de Regatas Vasco da Gama. Os outros times também não demorariam muito para perceber. O texto abaixo, publicado no *O Imparcial*, dá conta do público que acompanhava os jogos do Vasco, e do impacto financeiro para os clubes com os quais jogava:

PHRASE DO DIA

Não é por mal que falamos, mas o Vasco da Gama está bancando o ‘coronel’ na Liga... Todos os clubs almejam jogar com elle, porque só elle paga... Quando o Vasco tem um match e dá campo, a sua renda é nulla, embora o ground se encha, transborde. Em compensação, quando não é elle quem fornece campo, é um agrado ver no dia seguinte a ‘cara’ do thesoureiro do club com quem jogou. A receita dá para pagar todos os ‘cadaveres’ e ser certo outro crédito até... novo jogo com o Vasco. Nós estamos certos que os dirigentes do sympathic club da Cruz de Malta pouco ou quasi nada se importam com o interesse mais ou menos pecuniario que os seus adversarios possam ter. O Vasco concorre ao campeonato da Liga com objectivo sportivo; dentro de seu programma vae derrotando a todos e finalizará campeão... enquanto que os outros, sportivamente reduzidos a zero, terminarão o campeonato banqueiros e... todos estarão satisfeitos.

Quer-nos parecer, no entretanto, que terminada a luta, quando voltarem os tempos calmos do após-campeonato, ha de apparecer quem entenda que, affinal de contas, essa coisa de andar enchendo as ‘burras’ alheias é de uma admiravel abnegação, mas incompativel com os tempos que correm. Teremos, então, o estouro da boiada...

Quem viver verá⁵⁴.

⁵² SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.8.2010.tde-26102010-115906. Acesso em: 11 abr. 2023. p. 335.

⁵³ *Ibidem*, p. 337.

⁵⁴ *O Imparcial*, 27 de agosto de 1924.

A publicação de *O Imparcial*, evidencia o quanto era financeiramente positivo ter o Vasco dentro da Liga, principalmente para os times mandantes. A torcida enchia as arquibancadas e os bolsos dos dirigentes dos clubes com quem o Vasco jogava. Com a presença de sua torcida lotando arquibancadas, como já era esperado, o Vasco sagrou-se campeão da Liga Metropolitana em 1924.

Todos os clubes que participaram da AMEA sentiram falta da grande arrecadação gerada pela fiel torcida vascaína. Apesar do pensamento elitista ainda moldar o pensamento brasileiro, os valores capitalistas passariam a dominar a sociedade e o futebol, e isso faria com que a AMEA entendesse que era muito mais rentável ter o Vasco entre os “grandes”.

2.3 A volta do Vasco à AMEA e a Construção de São Januário

Os grandes clubes do futebol do carioca, como reflexo da mercantilização do esporte, perceberam o quão rentável seria a incorporação do Vasco à AMEA. Porém, mesmo entendendo que esse retorno seria positivo no âmbito econômico, condicionaram o clube ao comprometimento em realizar seus jogos em “estádios decentes”.

Em 1925, o Vasco retorna à AMEA e disputa o torneio ao lado da “elite do futebol”. Apesar de não ter se sagrado campeão (ficou em 3º lugar na competição), causou um verdadeiro alvoroço, e foi o clube que mais arrecadou com a venda de ingressos e o que mais levou torcedores para jogos fora de seu campo.

A imposição estabelecida pela AMEA com relação ao estádio onde mandaria seus jogos fez com que o Vasco, em 1926, mostrasse o grande engajamento de sua torcida. O clube iniciou uma campanha para atrair sócios, onde os mesmos não pagavam pelos ingressos ou pagavam menos por eles, e isso fez com que o número de associados crescesse de maneira estrondosa. Com isso, o clube passou a ser, além de campeão de público em seus jogos, o clube com o maior número de associados entre os clubes cariocas. A campanha tinha como objetivo levantar fundos para a construção de seu próprio estádio, para que não fosse mais necessário ficar na dependência de alugar estádios para mandar seus jogos.

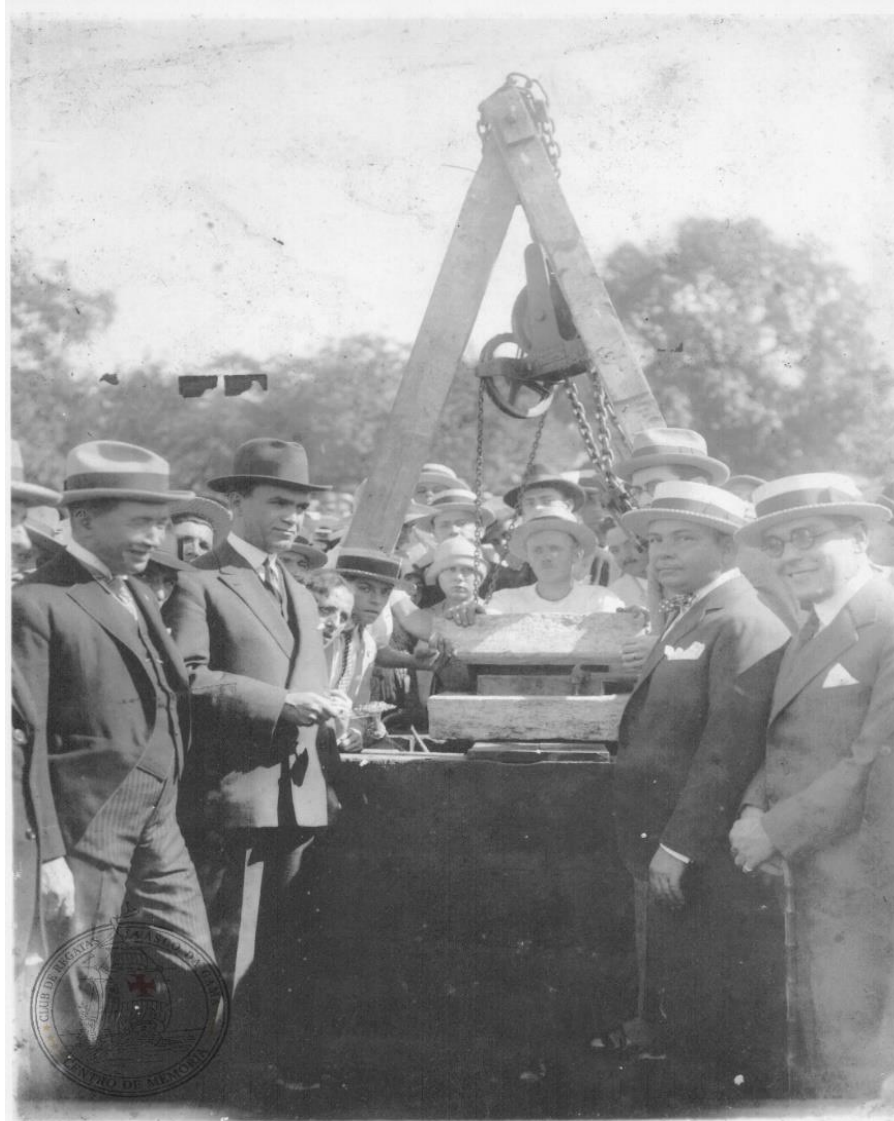
Mas eis que, pelas dificuldades naturais da lei, não podia o Vasco continuar como grande clube, porque não tinha um estádio, porque não tinha um campo seu. É como que uma vergastada no entusiasmo dos vascaínos. Mas, toda vez que esse gigante é vergastado, êle se levanta mais vibrante; é como se, adormecido, despertasse, para eventos maiores. E responde à ameaça, construindo “SÃO JANUÁRIO”, então o

maior estádio da América do Sul. Éle que, materialmente, não tinha nada de seu, dá a cidade o maior estádio daquele tempo⁵⁵.

O capital para financiar a compra do terreno e a construção do estádio foi fruto de diversas doações realizadas pela colônia portuguesa e por brasileiros de todo o país. Joias, cimento, dinheiro e até mesmo a mão de obra, eram oferecidas em favor da construção.

A união de sua torcida agora é quem dava uma resposta à AMEA e aos grandes times do Rio. No dia 6 de junho de 1926, com a presença de dirigentes e torcedores do clube, o então prefeito do Rio de Janeiro, Alaor Prata, assinava a ata de lançamento da construção e lançava a chamada “pedra fundamental” do Estádio Vasco da Gama (Figura 6).

Figura 6 - Cápsula do Tempo. Rio de Janeiro/RJ, 06 de junho de 1926



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

⁵⁵ Memória do Cinquentenário: 1898-1948. Material produzido pelo Club de Regatas Vasco da Gama em Comemoração ao seu Cinquentenário, p. 138.

Uma cápsula do tempo contendo moedas, jornais e outros objetos da época, foi enterrada no subsolo do terreno, onde ainda se encontra. Com menos de um ano de duração, suas obras foram finalizadas no dia 21 de abril de 1927.

Seu processo de construção ficou marcado não só pela mobilização dos sócios-torcedores, mas também pela dificuldade em se conseguir os materiais necessários para a execução da obra. Em um período onde o Brasil possuía economia ainda atrasada, com suas atividades voltadas para a exportação de produtos primários - principalmente o café -, e era dependente de outras economias - o país não possuía indústrias que fabricassem cimento e ferro, por exemplo. Todos os materiais que não eram produzidos no Brasil, precisaram ser importados, aumentando, consequentemente, o custo do empreendimento.

O local escolhido para construir o estádio foi o bairro de São Cristóvão, que já não apresentava mais características de um bairro aristocrático como em seus primórdios, uma vez que grande parte de seus moradores havia migrado para a Zona Sul carioca. São Cristóvão, na década de 1920, havia se tornado um bairro proletário, industrial e de fácil acesso. Essa acessibilidade se dava por meio dos bondes, que carregavam não só torcedores, mas principalmente, os trabalhadores operários.

Figura 7 - HOLLAND, S. H. Obras da Empreza [sic] Melhoramentos da Baixada Fluminense Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [1930?]



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Situado em um bairro industrial e operário do Rio de Janeiro, o estádio São Januário – como é popularmente chamado, devido a parte de sua localização estar ao final da rua São Januário –, se tornaria o maior estádio da América Latina à época e teria seu processo de construção marcado pela união da comunidade portuguesa, dos negros e operários que formavam sua torcida. É possível perceber o quanto o estádio se destaca no espaço geográfico que ocupa no ano de sua construção e nos anos seguintes. O bairro operário ainda em desenvolvimento, com casas simples e extensa área a ser construída, recebe em seu espaço um estádio de futebol que se tornaria referência espacial e ocuparia papel de centralidade física e simbólica para a comunidade já existente e que foi se desenvolvendo em seus arredores.

2.4 Estádios, suas significações e o processo de Construção do Estádio São Januário.

Visto sempre como um potencial espaço de sociabilidade, os estádios modernos passam por um período de reformulação em sua utilização. A indústria do futebol, que antes mesmo de se tornar um esporte profissional já teve sua prática diretamente ligada aos princípios capitalistas, transformou, nos últimos anos, os estádios nas chamadas “arenas multiuso”, espaços mercantilizados, que passam a ser multifuncionais e a abrigar diversos tipos de eventos pagos, com a intenção de se tornarem geradores de receitas contínuas.

Mas, será que esses espaços estiveram sempre ligados às necessidades capitalistas? Os primeiros estádios construídos para a prática do futebol carregam para além de uma atividade geradora de receitas, um espaço de troca, de identificação e de pertencimento, são espaços vívidos e tidos como um lugar de referência que alimentam o sentido de pertencimento e as identidades coletivas urbanas.

Para além de sua função econômica, é também um espaço apropriado pelos que o frequentam, fazendo dele um elemento singular na reprodução social da cidade. Contudo, essa nova significação atribuída aos estádios modernos, as arenas multiuso, empobrece a sociabilidade que foi historicamente construída em um processo de apropriação, individual e coletiva, desses espaços públicos.

Diante desse processo de ressignificação, é necessário propor uma reflexão sobre a importância e significações que esses espaços destinados à prática do futebol e do torcer possuem. É importante salientar que, para além das discussões propostas por pensadores do futebol acerca desses espaços, cada um deles possui suas especificidades, que são resultado do contexto no qual estão inseridos.

Christopher Gaffney⁵⁶ aponta que os principais critérios para a definição de um estádio, estão ligados diretamente às suas características arquitetônicas e à finalidade para o qual foi construído. Um estádio, de acordo com o autor, seria uma estrutura, em sua grande maioria, de caráter permanente e aberta, construída e mantida com a finalidade de abrigar eventos esportivos, e um espaço público capaz de criar memórias, texturas e experiências individuais e coletivas.

O geógrafo Gilmar Mascarenhas, em consonância com as ideias propostas por Gaffney, define os estádios de acordo com sua presença física e sua relação com o espaço em que ocupa e as relações construídas no seu interior e em seu entorno. Segundo o autor, um estádio é “geograficamente, um edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano-metropolitano”⁵⁷. Desta forma, compreende-o como um espaço de sociabilidade, memória acumulada e coletiva, que se realiza de forma objetiva, na tangibilidade do lugar⁵⁸. Ao unir a análise geográfica e no plano operacional urbanístico, o autor cita o estádio como uma centralidade contínua e imutável na paisagem física e cultural.

O formato, a localização, a função e as formas de apropriação dos estádios constituem-se num reflexo do espaço urbano e da sociedade na qual eles estão inseridos. Os equipamentos construídos entre a segunda metade do século XIX e o último quarto do século XX eram concebidos para abrigar coletividades de todas as classes, dispostas em setores separados de acordo com o poder de compra⁵⁹.

Inicialmente, o território onde está inserido o Bairro de São Cristóvão na cidade do Rio de Janeiro foi habitado por um grande aldeamento de índios Tamoios. Em meados do século XVI, com a ajuda dos próprios indígenas da região, os franceses ocuparam o território, no episódio conhecido como França Antártica. Em meio às lutas de reconquista desse território ocupado pelos franceses, Estácio de Sá funda em 1565 a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, retoma a colonização portuguesa e entrega a região aos jesuítas, que passam a ocupá-la.

Os jesuítas estabelecem ali uma ocupação orientada pelos seus interesses e surgem nesse momento, aldeamentos destinados à catequização dos indígenas desta região. Para além dos

⁵⁶ GAFFNEY, Christopher Thomas. A experiência do estádio. In: Solar, 9. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, Uerj, nov. 2006.

⁵⁷ MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: A conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro, RJ: Eduerj, 2014. p. 61.

⁵⁸ FERREIRA, F. C. Estádios e arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano. In: Sérgio Settani Giglio; Marcelo Weishaupt Proni. (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil** (v. 1). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020. p. 509.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 521.

aldeamentos, os jesuítas empreenderam obras como a capela em homenagem a São Cristóvão, o espaço livre destinado a trocas e a abertura de caminhos que ligavam a região a outras localidades. Porém, em 1759, com a expulsão dos jesuítas pela coroa portuguesa, as terras e bens sob domínio da ordem católica foram confiscados e as fazendas divididas em chácaras, com limites e propriedades bem definidos.

Em 1763, o Rio de Janeiro passa a ser a capital da América Portuguesa, visto que a descoberta do ouro e a necessidade de uma vigilância mais efetiva de controle sobre a estrutura mineradora, o consequente risco de contrabando e o controle sobre a região exigiam uma capital mais perto das minas. A região, que já demonstrava grande importância viária no espaço urbano carioca, uma vez que o caminho de São Cristóvão era utilizado por moradores locais e inúmeros viajantes com destino aos espaços interioranos do Rio de Janeiro, ganha ainda mais destaque com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, em inícios do século XIX. D. João VI recebeu, como doação, uma propriedade no Alto da Boa Vista e a transformou em sua residência, e a partir deste momento, a região de São Cristóvão passa a ser considerada uma área aristocrática, onde residiam fidalgos e altos funcionários da Corte portuguesa. A ocupação da elite aristocrática colonial e, posteriormente, imperial nesse espaço, resultou em importantes intervenções urbanas, como a construção do Parque da Quinta da Boa Vista, a implementação da via férrea e das linhas de bonde, a construção de reservatórios e estação de tratamento de água e a instalação da primeira fábrica da região, a Fábrica de velas Luz Esteárica.

O bairro foi o primeiro da cidade a receber serviços sanitários e investimentos em transporte coletivo, fato este que impulsionou o surgimento de novos bairros em suas proximidades e foi responsável por redefinir o desenho urbano e social da região. Aos poucos, o bairro, antes essencialmente aristocrático, teve chácaras e fazendas redefinidas para a abertura de ruas, lotes foram postos à venda e vilas começaram a surgir. A alta sociedade passou a ocupar a parte baixa do bairro, enquanto a população operária começou a ocupar os espaços ainda não construídos e áreas nas colinas.

Com as crises econômicas no setor cafeeiro e mudanças nas relações de produção, em fins do século XIX, intensifica-se o processo de industrialização e o bairro de São Cristóvão se firma como uma região propícia às indústrias por possuir diversos casarões, sua proximidade com o centro da cidade e com os eixos ferroviários para os subúrbios mais próximos, disponibilidade de energia elétrica e entrada em funcionamento do novo porto do Rio de Janeiro. A linha férrea que passou a cortar o bairro intensificou a ocupação de toda a região e essa ocupação redefiniu a paisagem urbana. A partir da década de 1920, se consolida como bairro industrial, voltado para os trabalhadores, e perde seu ar aristocrático.

Após todas as imposições feitas pela AMEA ao Club de Regatas Vasco da Gama a partir de 1923, e diante da necessidade de construir seu próprio estádio, o clube viu-se diante de um grande desafio: arrecadar o valor necessário para tal empreendimento. Era necessário, então, que fosse adquirido um terreno onde o estádio pudesse ser construído.

Com uma área de aproximadamente 65.445 metros quadrados, o terreno custou ao clube a soma de 665 reis. O valor para a compra foi arrecadado através de doações espontâneas de associados, como consta em registro no Livro de Ouro de Associados do Clube (Figura 8).

Figura 8 - Vasco em Revista, 1977, p. 6

Jordão Cansado Conde, vice-presidente do Vasco em 1923, recorda, em depoimento posterior à construção do estádio, que naquele mesmo ano ele próprio chegou a examinar a viabilidade de obter um empréstimo junto aos bancos para a realização da obra, mas a idéia foi abandonada até 1925, quando, novamente, a pedido da diretoria e do presidente José Augusto Prestes, tornou-se a discutir a questão.

Por indicação dos diretores Manuel Ferreira e Manuel Joaquim Pereira Ramos, em reunião da diretoria convocada pelo presidente José Augusto Prestes, Jordão Cansado Conde ficou com a incumbência de estudar e elaborar o projeto definitivo de empréstimo para a construção do estádio, orçado em 2 mil contos de reis.

Ainda em 1925, formou-se uma comissão liderada por Manoel Pereira Ramos, encarregada pela diretoria de resolver a questão da compra do terreno para a construção do estádio, uma vez que o local não fora até então escolhido, mesmo depois de numerosas visitas a diferentes lugares sugeridos na cidade.

Em menos de um mês, esse grupo apresentou como sugestão para compra um terreno na antiga Chacrinha da Marquesa de Santos, na rua São Januário, em São Cristóvão, com uma área de 65.445 metros quadrados e logo adquirida pela elevada soma de 665 contos 895 mil reis (dinheiro da época).

A escritura de compra do terreno adquirido pelo Vasco foi lavrado no tabelião do 16º Ofício, do Dr. Álvaro Rodrigues Teixeira, livro 86, folhas 89 e verso, dia 28 de março de 1925. Essa escritura foi registrada no livro 3 88 do Registro de Imóveis sob o número 23.421 e coletado sob o nº 14.337, em 14 de janeiro de 1926, depois gravada em carta cadastral e inscrita no Livro Territorial do 16º Distrito, dia 5 de março do mesmo ano.

O TERRENO CUSTOU 665 CONTOS

PEDRA FUNDAMENTAL

Dia 6 de junho de 1926, após o lançamento da pedra fundamental pelo prefeito Alaor Prata e na presença de várias autoridades políticas e esportivas, diretores do Clube e torcedores, começavam as obras de construção do que seria, a partir de 1927 e até o advento do Estádio Maracanã, em 1950, o maior e mais confortável estádio de futebol da América do Sul. Em forma de ferradura, segundo o projeto (a parte da curva do estádio só foi feita dois anos mais tarde), o Estádio do Vasco foi construído pela firma Christiani Nielsen, com um edifício ocupando 274 metros de frente, dando para rua Abílio (atual Gen. Almério de Moura).



Pires, presidente de 1954.

ARTUR PIRES

O ex-presidente Artur Pires presta seu valioso depoimento rememorando os primórdios das atividades no Estádio: "A atividade pioneira desenvolvida ainda com tapume e andaime das obras do Estádio, em 1927, foi o Tênis, cujas duas primeiras quadras foram construídas no mesmo local onde se situam hoje a Divisão de Tênis. Naquela época, o Vasco da Gama se preparava no nobre esporte, praticando aos sábados e domingos dentre outros os tenistas Carlos Lopes, Paulo Afonso Franco, Cristóvão Soliani, Alberto Dias, Carlos Cabral, José Joaquim Gonçalves, Eugenio Fernandes, Rubens Couto, Jadir Soares, Luiz Santos, George Blum e eu próprio". Artur Pires foi campeão carioca em 1932.



O prefeito Alaor Prata.

Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Após a formação de uma comissão liderada pelo benemérito Manoel Joaquim Pereira Ramos, e diversas visitas a diferentes lugares que foram sugeridos na cidade, o terreno adquirido pelo clube, em 1925, situava-se na Chacrinha da Marquesa de Santos, na rua São Januário, em São Cristóvão (Figura 9).

Figura 9 - O Grande Benemérito Manoel Joaquim Pereira Ramos mostra o local onde seria construído o estádio do Vasco da Gama. Rio de Janeiro/RJ, 1925



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Para que a construção do estádio pudesse se tornar uma realidade, foi lançada a chamada “Campanha dos 10.000” (Figura 10). Na matéria publicada pelo jornal *O Imparcial*, edição de 4 de março de 1926, em seu caderno “Sportivo”, é possível perceber a dimensão alcançada pela campanha empreendida pelo clube, em busca de seu principal objetivo naquele momento.

O clube, a todo momento, ressaltava a importância do comprometimento da torcida no empreendimento, através da associação. Era preciso que uma grande mobilização acontecesse entre os “sympathicos entusiastas do núcleo de Nelson e Negrito”, para que o clube mostrasse a sua importância e imponência não apenas dentro de campo com os Camisas Negras, mas também fora dele, construindo sua própria “casa”. Em um momento em que o valor do clube e de seus atletas era posto à prova de diversas formas, o Vasco considerava ser necessário demonstrar, como o anúncio acima traz, “de forma indiscutível o que, também, materialmente, elle vale e representa”.

Era preciso que uma corrente fosse feita, e a forma como o clube estruturou a campanha fez com que essa corrente se tornasse cada vez maior e mais forte, aumentando consideravelmente o seu número de associados em um curto espaço de tempo. A arrecadação inicial foi um verdadeiro sucesso, sob a liderança do Presidente Raul da Silva Campos e do Comendador Almeida Pinto (dono da Fundação Progresso), a “Campanha dos 10.000” não só atingiu, mas superou a meta inicial dos 10 mil sócios, e a contribuição dos associados permitiu que as obras para a construção do estádio tivessem início.

Figura 10 - Anúncio da "Campanha dos 10.000".

O futuro stadium do C. R. Vasco da Gama

UMA INICIATIVA FELIZ

A «campanha dos 10.000»

O "manifesto", se assim podemos chamar, dirigido pelo Club de Regatas Vasco da Gama ao seu quadro social, ou melhor: a todos os vascainos residentes no paiz, interpreta, perfeitamente, a feliz iniciativa que vêm de tomar os dirigentes do gremio Cruz de Malta.

Despensamo-nos, assim, de dizer, por surperfluo que é, da significação e da oportunidade das idéas de que vae resultar a realização da tarefa positivamente formidável que pesa sobre os hombros dos que, no momento, dirigem o poderoso nucleo de Raul da Silva Campos.

A "campanha dos 10.000" como se lhe convencionou chamar, vale, a bem dizer, portanto, a installação do futuro stadium vascaino que será dentro em breve, construido como se sabe, na grande area do terreno adquirido, já, pela directoria, no bairro de S. Christovão.

Para isso, entretanto, mister se faz que os verdadeiros entusiastas do club cruzmaltino, se congreguem, se irmanem, se colliguem, cooperando pela finalidade de todas as preocupações que no momento reflectem o indice da grande aspiração dos vascainos: a construcção de sua nova séde, de seu futuro portentoso stadium.

A "campanha dos 10.000" caminha victoriosa. Da reunião de directoria realizada a 6 de janeiro passado á de 25 de fevereiro ultimo, 688 propostas de novos socios foram aceitas. Daquella última data, até hontem, mais de 395 socios, foram propostos. Não é preciso dizer mais para positivar o exito formidável da feliz iniciativa. A "campanha dos 10.000" caminha, assim, victoriosa, como victoriosa é a aspiração dos sympathicos entusiastas do nucleo de Nelson e de Negrito. Já se não pode duvidar que o stadium da brilhante agremiação seja, dentro de pouco tempo, uma realidade.

E a prova nós a temos na expressão exacta dos algarismos que ha pouco citamos.

A circular que a directoria do Vasco da Gama, fez expedir aos socios do club está assim redigida:

"Campanha dos 10.000 — Consocio.

Todos os vascainos têm conhecimento de ter o Conselho Deliberativo autorizado a directoria a suspender a joia para a entrada de novos socios durante os proximos mezes, por isso, ao lembrar-lhes esse facto, venho appellar para todos os que se interessam pelo progresso do Vasco que envidem todos os esforços no sentido de podermos em breve attingir a cifra dos 10.000, numero este que não será difficil conseguir, bastando que cada associado proponha no minimo dois novos socios.

A situação do Vasco, que ora se encontra no momento em que tem de pôr á prova o seu proprio valor e, portanto, o dos seus componentes, exige que alguma coisa se faça que demonstre de uma forma indiscutível o que, tambem, materialmente, elle vale e representa.

As obras que tomou o encargo de executar, que mais são impostas pela necessidade que tem de acudir ao preparo dos seus numerosos atletas que pela necessidade de fazer obras sumptuosas, obrigam a contrahir responsabilidades taes que só o esforço conjugado de todos os socios póde superar e vencer.

E', pois, sob a sciencia das considerações acima, que nos dirigimos ao digno consocio exortando-o a que collabore com a directoria do Vasco no trabalho afanoso de tornar este centro de desportos o mais completo, adequado e util, erigindo-o, assim, em pioneiro destemeroso da grande causa desportiva.

Pelas gravuras que constam da presente pode o digno consocio avaliar das obras que se projectam cujo inicio já foi solemnizado com o hasteamento do nosso pavilhão no terreno adquirido e consequente nivelamento e preparo deste para receber os alicerces respectivos.

Junto seguem duas propostas para que se digne completal-as com a indicação de egual numero de futuros vascainos.

Agradecido, em nome da directoria sou

De V. S. etc."

Mas, apesar de a “Campanha dos 10.000” ter-se iniciado em 1926, os esforços em torno da construção do estádio Vasco da Gama são muito anteriores ao período, como mostra a reportagem da Revista “Vasco em Revista” (Figuras 11 e 12).

Figura 11 - Vasco em Revista, 1977, p. 4

O PRIMEIRO GRANDE ESTÁDIO BRASILEIRO



O comandante Sarmento de Beires corta a fita simbólica inaugurando o estádio.

O Estádio do Vasco da Gama, que está completando este ano 50 anos de história, foi inaugurado na ensolarada tarde de 21 de abril de 1927, pelo major J. M. Sarmento de Beires, comandante do avião português “Argos”, que acabara de realizar pela primeira vez a travessia Lisboa-Rio estreando moderno equipamento técnico para longas viagens.

Dia inesquecível e dos mais festivos na vida esportiva do Rio antigo, em especial para a colônia lusa, a inauguração do Estádio do Vasco, com sua fachada voltada para a rua Abílio (hoje general Almérico de Moura), contou com a presença de ilustres personalidades e um público imenso que lotou os dois lados de arquibancadas do campo.

O Presidente da República, Washington Luís, o presidente do Vasco, Raul da Silva Campos, Oscar Costa, presidente da CBD, ministros de Estado, autoridades, convidados e todo o público assistiram, primeiro, o corte da fita simbólica pelo major Sarmento de Beires, em meio aos aplausos gerais. Ganhava o Rio de Janeiro (Distrito Federal) o maior estádio de futebol de toda a América do Sul.

Em seguida, o presidente da Confederação Brasileira de Desportos, Oscar Costa, dava o pontapé inicial do jogo de abertura do colosso vascaíno, entre as equipes dos Santos e do Vasco da Gama, vencida pelo time santista por 5 a 3, em que o destaque foi o atacante Feitico. O time do Santos, na época, era considerado o melhor e o mais famoso do Brasil, motivo do convite pelo Vasco para a festa de abertura do estádio, inclusive com uma campanha de jogos pela Europa, projetando o futebol brasileiro entre os europeus.

DESDE 1923

Oficialmente, portanto, o Estádio do Vasco da Gama, que também ficou conhecido como Estádio do Vasco, Estádio de São Januário e Estádio da Colina, nomes dados ora pelo povo, ora pela imprensa, é de 21 de abril de 1927.

As origens do Estádio, contudo, são muito anteriores àquele ano, com a sua raiz remontando ao ano de 1923, quando o Vasco ganhou o primeiro campeonato carioca de futebol, despertando, com essa conquista, a inveja e a perseguição gratuita de vários clubes co-irmãos.

Preocupados com a força incontrolável que o Vasco despertava no esporte e no povo, atraindo não só a simpatia da colônia portuguesa como também de grande parte do público carioca, os chamados grandes clubes da época iniciaram uma campanha de pressão tentando afastar o grêmio cruzmaltino do campeonato da cidade, valendo, para isso, as mais aberrantes alegações.

A mais grotesca era pelo fato do Vasco ter usado em sua equipe, pela primeira vez na história do futebol carioca, jogadores negros, todos eles oriundos das camadas mais humildes do povo do Rio.

A campanha de pressão contra o Vasco atingiu seu auge em 1924, ocasião em que os grandes clubes se uniram para formar a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, (AMEA) abandonando a Federação Metropolitana de Esportes Terrestres, na certeza de que, assim, liquidariam, pelo isolamento, o Clube da Cruz de Malta.

Apesar das poucas glórias até então acumuladas, o Vasco resistiu à pressão e a campanha contra a sua marginalização gerou nos seus dirigentes e torcedores uma justa revolta. Em carta ao presidente da AMEA, Arnaldo Guinle, o presidente do Vasco José Augusto Prestes lançou o protesto dos vascaínos contra as máquições dos outros clubes, revidando a pretendida humilhação.

4 – VASCO EM REVISTA

Fonte: Acervo do Centro de Memória do Club de Regatas Vasco da Gama.

Figura 12 - Vasco em Revista, 1977, p. 5

A CARTA

A carta do presidente José Augusto Prestes, na verdade um ofício que tomou o número 261, é de 7 de abril de 1924, e, acabou não só mobilizando a opinião pública vascaína em defesa dos ideais do Clube, como também desencadeou, mais tarde, os primeiros movimentos para a construção do Estádio do Vasco, através de uma campanha de angariação de fundos populares. Diz a carta:

DESAFIO AOS VASCAÍNOS

"As resoluções divulgadas hoje, pela imprensa, tomadas na reunião de ontem, pelos altos poderes da Associação a quem V. Exa. tão dignamente preside, colocam o Club de Regatas Vasco da Gama numa tal situação de inferioridade, que absolutamente não pode ser justificada, nem pela deficiência do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa Sede nem pela condição modesta de grande número dos nossos associados.

Os privilégios concedidos aos cinco clubes fundadores da AMEA e a forma por que será exercido o direito de discussão e voto, e feitas as futuras classificações, obriga-nos a lavar o nosso protesto contra as citadas resoluções.

Quanto à condição de eliminarmos doze (12) jogadores das nossas equipes, resolveu, por unanimidade, a diretoria do Club de Regatas Vasco da Gama não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses

nossos consócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram nem representação, nem defesa.

Estamos certos de que V. Excia. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno da nossa parte, sacrificar ao desejo de filiar-se à AMEA alguns dos que lutaram para que tivéssemos, entre outras vitórias, a do campeonato de "Football" da cidade do Rio de Janeiro de 1923

São esses doze (12) jogadores jovens, quase todos brasileiros no começo de suas carreiras, com um ato público que os pode macular, nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a Casa que os acolheu, nem sob o pavilhão onde eles com tanta galhardia cobriram de glórias.

Nestes termos, sentimos ter que comunicar a V. Excia. que desistimos de fazer parte da AMEA. Queira aceitar V. Excia. os protestos de consideração e estima de quem tem a honra de subscrever de V. Excia. Att. Vnr. Obr.º José Augusto Prestes".



Adriano Rodrigues, diretor de futebol, campeão de 1923,

ADRIANO RODRIGUES,
uma das maiores figuras da

história do Vasco da Gama, era o segundo Tesoureiro da Diretoria que construiu o Estádio vascaíno.

— A campanha de arrecadação de dinheiro para a construção do Estádio começou praticamente depois da carta do Presidente José Augusto Prestes, que incendiou os vascaínos. Essa carta é de abril de 1924. Mas, efetivamente a campanha só tomou corpo em 1926, às vésperas da construção do Estádio, com a participação geral dos vascaínos. As listas corriam entre humildes funcionários, gente de bares e

restaurantes, pessoal que trabalhava nos bondes, enfim a gente humilde do Rio. O dinheiro era arrecadado pelos três cobradores da época e entregues à Tesouraria do Clube. Era uma espécie de empréstimo, o primeiro empréstimo compulsório que ouvi falar, prazo de dez meses e a quantia máxima de 10 mil reis. Portanto, foi o povo que construiu o estádio do Vasco, revoltado contra o racismo dos outros clubes e contra a tentativa de marginalizar o Vasco, primeiro clube no Rio a usar homens de cor na sua equipe principal de futebol.

Além do problema racial, outra questão levantada contra o Vasco (como forma de pressão para afastá-lo do futebol) era a de que o time vascaíno não possuía estádio adequado, não podendo, dessa maneira, ser considerado um clube grande. O time do Vasco treinava no antigo campo da rua Moraes e Silva e sua sede administrativa era na rua Santa Luzia, 248.

Tanto em 1924, como em 1925, esboçaram-se várias campanhas para angariação de fundos para a construção do Estádio do Vasco, mas realmente só em 1926 os vascaínos se uniram de uma forma total em torno desse projeto. Queimados com a questão racial e o desafio pela falta do estádio, a colônia portuguesa e a crescente legião de torcedores vascaínos decidiram cerrar fileira em busca dos recursos necessários à realização da obra, que,

no ano seguinte, 1927, se tornaria uma realidade.

A campanha de angariação de fundos tomou o nome de "Campanha dos Dez Mil", e junto com ela, de 6 de janeiro a 29 de dezembro de 1926, o Vasco aumentava extraordinariamente o seu quadro de sócios, ganhando, só nesse ano, 7189 novos associados.

As listas corriam toda a cidade, destacando-se principalmente a participação de condutores de bondes, pessoal de bares e restaurantes, funcionários públicos, enfim a gente humilde do Rio, gente do comércio e todas as camadas que formavam a colônia lusa. Foi uma campanha nitidamente popular e as adesões chegaram a centenas de nomes, dos quais recordamos os 13 primeiros da lista geral dos recursos angariados, com doações acima de 9 contos de reis



Almeida Pinho



Cançado Conde

Antônio de Almeida Pinho, a maior quantia, com 79 contos de reis; Jordão Cançado Conde, Américo Mourão, Alfredo Rabelo Nunes, Adriano Rodrigues dos Santos, Luís Silvestre Alves, José Ribeiro de Paiva, Miguel Pereira, Francisco Marques da Silva, Manuel Joaquim Pereira Ramos, Armando Vieira de Castro, Manuel Pereira e Manuel Hilário Fabião.

Em sua edição comemorativa aos 50 anos do Estádio São Januário, a publicação evidencia o quanto o ano de 1923 foi decisivo para a construção do estádio que se mostrou mais que uma necessidade, tornando-se uma reafirmação na luta contra a perseguição sofrida pelo clube que mudou as estruturas elitistas nas quais estava alicerçado o futebol carioca naquele momento. A matéria evidencia a tentativa de marginalização do clube por parte da AMEA e seus componentes, após seu destaque nas competições disputadas cidade do Rio de Janeiro. Foi a partir de 1923 e do auge das perseguições sofridas em 1924, que resultaram na conhecida e já mencionada anteriormente, “Resposta Histórica”, que a campanha para a construção do Stadium Vasco da Gama começa a se desenhar, mesmo que de fato, as campanhas para angariar fundos para tal empreendimento só tivessem início efetivamente no ano de 1926.

A resposta histórica e toda simbologia que carrega, foi responsável por já em 1924 arrecadar fundos para a construção do estádio, mas, mais do que isso, toda sua simbologia foi responsável por inserir entre os doadores da campanha, não só os associados mais abastados financeiramente, mas também a população marginalizada que se identificava com o clube e sua postura. A “Campanha dos 10.000” que ocorreu entre janeiro e dezembro de 1926, contou com consideráveis doações em dinheiro, mas foi uma campanha popular que incontestavelmente envolveu a participação de pessoas simples, como condutores de bondes, pessoal de bares e restaurantes, funcionários públicos, comerciantes e demais camadas que formavam a colônia lusa, indivíduos comuns da capital carioca, que se identificavam com o clube e com o que ele representava naquele momento. A necessidade de construção do estádio e a forma como isso foi possível, carrega um significado social e político de extrema importância para o período.

Para além de toda importância simbólica, a construção do estádio significou também uma mudança estrutural em todo seu entorno. Suas obras tiveram duração de 10 meses, um período curto pela grandiosidade da obra, e foram executadas pela C&N, empresa dinamarquesa responsável pela construção de outras imponentes e importantes obras no Brasil, como o Jôquei Club Brasileiro, o Elevador Lacerda em Salvador e o Estádio Jornalista Mário Filho - Maracanã.

Nos documentos apresentados nas Figuras 13, 14 e 15, é possível visualizar as obras do estádio em andamento, pela foto datada de 31 de outubro de 1926. A capacidade inicial era de 30 mil espectadores e sua fachada principal, no estilo neocolonial, é assinada pelo arquiteto Ricardo Severo. Sua estrutura conta com uma capela, a Capela de Nossa Senhora das Vitórias, para além de todas as repartições destinadas à prática de variados esportes. Nos dias atuais,

existe também em suas dependências um colégio destinado à formação de seus jogadores da base, que residem nos alojamentos do estádio, localizados na parte inferior das arquibancadas.

Figura 13 - Polyanthéa Vascaína, Rio de Janeiro, 1927, p. 99



CONSTRUÇÕES DE CIMENTO ARMADO

CHRISTIANI & NIELSEN

ENGENHEIROS E EMPREITEIROS

FUNDADA EM 1904

PONTES — ARCHIBANCADAS — CAES — DIQUE — USINAS — BARRAGENS — TUNNEIS — ESTACARIAS — ESTACARIAS — ENCANAMENTOS — CAIXÕES — EDIFICIOS — SILO — ETC. — ETC.



Archibancadas dos socios do C. R. Vasco da Gama — Estadio de S. Januario — A marquise de cobertura tem 18 ms. de balanço

== RIO DE JANEIRO ==

RUA 1.º DE MARÇO, 96

BUENOS-AIRES, MOTEVIDEO, COPENHAGUE,
PARIS, HAYA, HAMBURGO, LENINGARDO,
STOCKOLMO, OSLO, MELBURNE





Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Figura 14 - Vasco em Revista, 1977, p. 7

CONSTRUÇÃO EM TEMPO RECORDE: 10 MESES



Vista do estádio em 31 de outubro de 1926

O "STADIUM"

O "Stadium do Vasco", como foi inicialmente chamado, foi construído em menos de um ano. O contrato entre o Vasco e Christiani & Nielsen firmado dia 17 de abril de 1926 recebeu as assinaturas do presidente Raul da Silva Campos, pelo Vasco, e Harald Broe, pela empresa construtora.

A C&N, firma dinamarquesa fundada pelo engenheiro Christiani e pelo capitão de marinha Nielsen, começou suas atividades no Brasil em 1917 construindo uma fábrica de papel em Recife, Pernambuco. Em 1923-1924, construiu o Jôquei Club Brasileiro, 27 o Estádio do Vasco, em 28, o Elevador Lacerda, em Salvador, Bahia; em 50, o Maracaná, e muitos outros grandes projetos. O Estádio do Vasco, pela sua beleza, foi repetido em outros países (Venezuela e na própria Dinamarca) e a inovação de sua marquise suspensa suscitou, na época, várias constróversias. Muitos achavam uma temeridade essa inovação e levantaram suspeição quanto à sua segurança.

A área construída foi de 11 mil metros, capacidade inicial de 30 mil pessoas (apenas a parte social e o lado oposto do campo) e custou 1 mil 200 contos de reis, sem o fornecimento de cimento e armação, que ficou por conta do Vasco. Estrutura excepcional em concreto normal (uma parte de cimento, duas e meia de areia e 3 e meia de pedra britada,) o Clube forneceu 252 toneladas de ferro e 6.600 barris de cimento.

Ocupa a "bacia" do estádio quase dois terços do terreno, sendo sua forma determinada por quatro paralelas, duas a duas, e

ligadas por dois arcos de círculo de raio igual a 30 metros internamente. As arquibancadas, em número de três, abrangem vinte e sete metros de projeção horizontal em volta do campo de atletismo. As arquibancadas sociais, com uma marquise de 18 metros de balanço tem trinta e seis filas de cadeiras.

O campo de futebol observava as dimensões estabelecidas por lei, com 95 metros de comprimento por 65 de largura, tamanho alargado há 4 anos para 110 metros de comprimento por 72 de largura, ocasião em que a administração do presidente Agathyrno Silva Gomes também substituiu o antigo alambrado pelas grades modernas de ferro, depois de recuar a mureta de sustentação e alargar a pista de atletismo.

A fachada principal, estilo colonial, é obra do arquiteto Ricardo Severo. As arquibancadas sociais, mobiliadas pela firma catarinense Jorge Zippéerer & Cia., de Rio Negrinho, estão abrigadas por uma marquise de 18 metros de balanço e 27 metros de comprimento total, tribuna de honra com 20 metros de frente e três filas de trinta cadeiras.

O Estádio possui ainda uma bancada para a imprensa, aumentada pela atual administração com mais três lances de cadeiras, arquibancadas fronteiras à social com 47 degraus e espaço de 50 cms, arquibancada na curva no campo com igual número de degraus e 20 filas de cadeiras, um camarote e uma marquise de 20 metros de balanço. A inclinação das arquibancadas fixada segundo as construções recentes no gênero por meio de uma curva logaritmica leva em conta a posição dos observadores, os quais, de

qualquer uma das filas poderão avistar o mesmo ponto do campo.

O Estádio do Vasco tem as seguintes dependências: Parque Aquático, inaugurado em 1954 pelo presidente Artur Pires, com arquibancadas para 5 mil pessoas, piscina olímpica, 2 piscinas pequenas para aprendizagem, uma torre de saltos, vestiários, casa de máquinas, gabinete médico e sala de administração.

Capela Nossa Senhora das Vitórias, três quadras de tênis, gabinete do presidente do Clube, tesouraria, cobrança, divisão técnica, sala dos poderes, divisão do pessoal, contabilidade, administração do estádio, sala dos trofeus, almoxarifado, depósito do material do atletismo, rouparia e vestiário do tênis masculino e feminino, vestiário do basquete, sala da torcida Força Jovem, sala da Torcida Organizada, divisão de ciclismo restaurante e bar, lavanderia, sala de balé, judô, ginástica, ioga, futebol de salão, *handebol*, basquete no ginásio do Clube. O ginásio foi construído especialmente para servir ao Departamento Infante Juvenil, criado pelo presidente Cyro Aranha.

Uma pista Olímpica de atletismo com 402 metros, caixas de saltos e um mastro que pertenceu ao navio "Timbira", ofertado ao Vasco da Gama, na presidência de Jorge Bhering Matos, e um sistema de drenagem do campo.

O Estádio do Vasco, tem capacidade para 50 mil espectadores e sua construção, hoje, segundo cálculos estimados pela C&N, custaria mais de Cr\$ 80 milhões.

Figura 15 - Vista do Estádio de São Januário antes de sua inauguração, Rio de Janeiro, 1927



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Nota: Vê-se a curva sendo construída.

Figura 16 - Jornal “O Imparcial”, edição de 13 de fevereiro de 1927

UMA BOA MEDIDA DO VASCO DA GAMA

Uma excelente medida vem de ser tomada pela direcção do grêmio da cruz de Malta. E' que, por motivo de ordem interna e



para evitar abusos de pessoas ex-

tranhas ao club, a começar de hoje, só será permittido o ingresso daquelles que desejarem visitar as obras do Stadium, pelo portão principal da rua Abilio, quando munidos da respectiva carteira social e recibo correspondente, que serão exhibidos ao empregado ali postado, encarregado dessa fiscalização.

O CAMPEONATO OLYMPICO

A comissão executiva do comité Olympico Internacional, fixou a data de 22 de maio a 15 de junho de 1928, para a realização do campeonato olympico de futebol.

Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

As obras do estádio despertavam a curiosidade e atraíam a visitação de muitas pessoas, e o fato de que para a viabilização financeira da obra tivesse havido uma grande participação

popular, fazia com que a visitação fosse muito grande. A edição do dia 13 de fevereiro de 1927, do jornal *O Imparcial* (Figura 16), informa que o clube precisou tomar medidas severas para controlar o fluxo de visitação às obras do estádio. Só os associados, com a apresentação da carteirinha podiam ter acesso ao local através do portão principal, situado da rua Abílio. E toda essa curiosidade em torno das obras, estava associada não só ao processo responsável por viabilizá-la, mas também pela forte ligação da população carioca com o futebol naquele momento. O futebol tornava-se cada vez mais popular, mais urbano e representativo, uma “febre” entre os brasileiros. Para Nicolau Sevcenko,

Uma avaliação do significado profundo de febre futebolística não pode, entretanto, se circunscrever ao âmbito do cobiçado estádio ou da curta duração das partidas. O fenômeno esportivo em geral, futebolístico em particular, é uma manifestação plenamente urbana, que palpita de um modo ou de outro por todos os desvãos da cidade e preenche o tempo ampliado das horas de lazer. Ele é ubíquo na fiscalidade concreta das atitudes e expressões que difunde e onímodo na variedade abstrata dos estados emotivos que desperta e alimenta. A cidade dissipada no caos de um crescimento tumultuoso encontra nele a enfibratura de correntes que organizam pela exaltação. Essas correntes conjugam focos de alinhamentos coletivos que se sustentam pela adesão voluntária e a comutação do entusiasmo em doses cotidianas. A cidade não assiste o esporte como um episódio isolado e externo: ela lhe dá vida, corpo e voz – ela não o vê de fora, ela se vê nele⁶⁰.

E não tinha como a cidade e sua população se sentir isolada ao processo de construção do estádio. Eles foram responsáveis por angariar fundos para o empreendimento, e para além disso, o empreendimento moldava e ressignificava seu entorno, alterando a paisagem urbana naquele momento.

Na edição de 28 de fevereiro de 1927, o jornal *O Imparcial* noticia a visita do então prefeito do Rio de Janeiro, Antônio Prado Júnior, às obras do estádio construído pelo Vasco da Gama em São Januário (Figura 17). O jornal, que com frequência publicava notas sobre o estádio, informa que o prefeito fica admirado com a grandiosa obra empreendida pelo clube, e ao percorrer todos os espaços da construção e áreas existentes, observa as formas de aproveitamento que poderá lhes dar, comprometendo-se em empenhar seus melhores esforços para encontrar soluções com relação à necessidade de se pensar sobre o escoamento de pessoas e veículos em dias de jogos. Ruas precisaram ser alargadas, linhas de bondes receberam novos trajetos, ruas e praças foram construídas. Aos poucos, o entorno do estádio moldava-se às suas necessidades e a presença desse “majestoso estádio” reconfigura a área urbana a qual ocupa e se torna uma referência física naquele espaço.

⁶⁰ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1922, p. 59-60.

Figura 17 - Jornal "O Imparcial", edição de 28 de fevereiro de 1927



Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

A relação estreita entre esporte e religião, ficaria evidente não só no processo de construção do espaço, marcado pela edificação de uma capela católica dentro dos limites do estádio, mas também no que tange aos rituais para sua inauguração. A religiosidade estava intrinsecamente ligada ao estádio prestes a ser inaugurado, e em um país essencialmente católico como naquele momento, isso teria um peso enorme.

Dezoito dias antes de sua data de inauguração, o Bispo Dom Mamede visitou o estádio, percorreu a área do gramado e demais instalações, para proferir sua bênção (Figuras 18 e 19). As imagens das arquibancadas demonstram que o ritual foi realizado com a presença de plateia, muito provavelmente composta de associados e suas famílias, talvez ainda - como o próprio motivo que levaria à construção do estádio - alguns operários que participaram das obras e curiosos em geral. As vestimentas utilizadas pelos presentes, nos levam a entender que a bênção acabou se tornando um evento solene, com convidados bem trajados e presentes ali com a finalidade de participar desse momento tão importante para o clube que estava prestes a inaugurar seu estádio. Em um país onde política, futebol e religião ainda caminham de forma tão próxima, não nos causa estranheza essa relação tão íntima nos finais dos anos 20.

Figura 18 - Bispo Dom Mamede realiza a bênção ao estádio do Vasco da Gama. Rio de Janeiro/RJ, 03 de abril de 1927



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Figura 19 - Bispo Dom Mamede e a bênção que antecedeu a inauguração do estádio do Vasco da Gama. Rio de Janeiro/RJ, 03 de abril de 1927. Revista da Semana



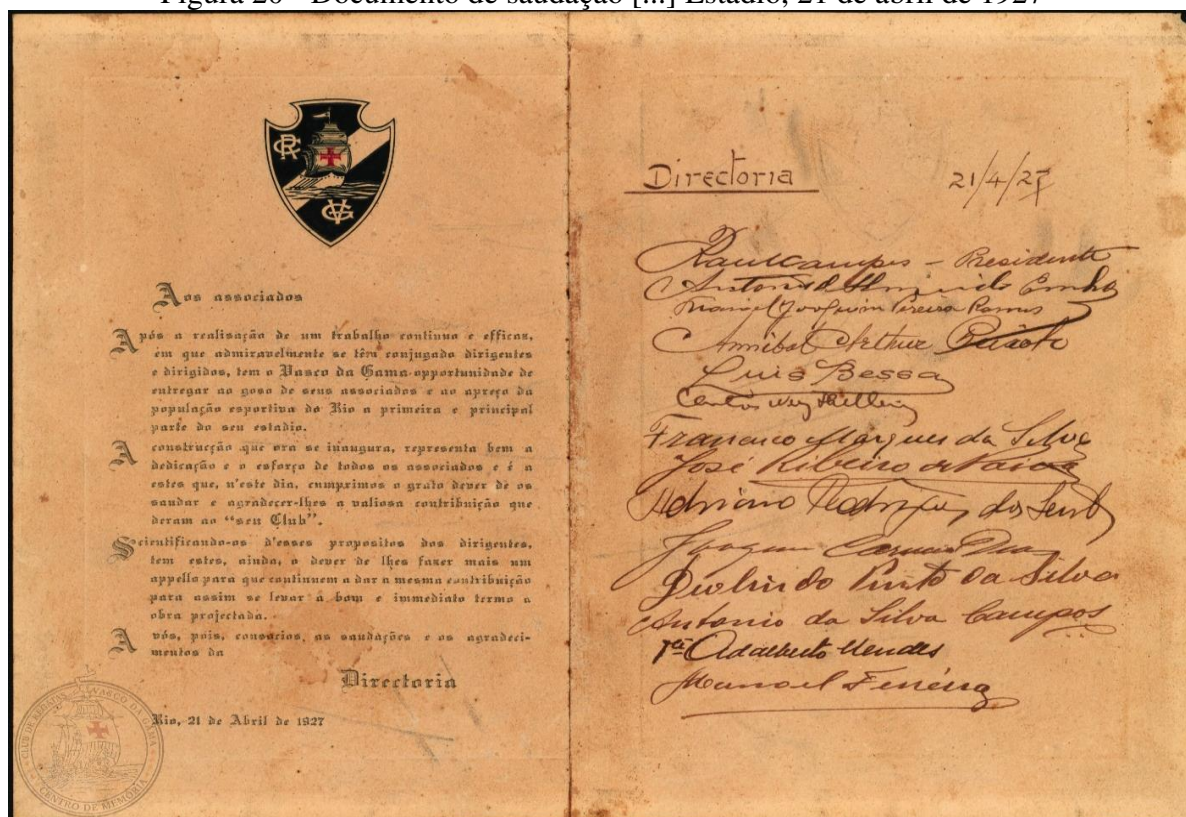
Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

É possível perceber o quanto os estádios são importantes não só para o estudo sobre as práticas esportivas, mas também para compreender acerca das relações ali estabelecidas, a dinâmica urbana modificada pela inserção desses espaços em determinados locais, e todas as histórias e memórias ali produzidas. Para Abreu,

Não basta analisar a atuação dos processos sociais no espaço. Temos que dar conta também do espaço onde esses processos atuaram. Se ficarmos só no primeiro tipo de análise, estaremos tratando o espaço como espaço social *tout court*, ou como espaço topológico. A história e a memória de uma cidade não se constroem, entretanto, apenas nesse espaço. Elas precisam também daquele espaço concreto, daquele espaço onde se desenrola a vida cotidiana. Um espaço complexo, prenhe de singularidades. Um espaço onde dominam não apenas as determinações mas também as contingências⁶¹.

Após a benção do Bispo, no dia 21 de abril de 1927, foi redigido pela diretoria um documento de saudação aos sócios. No texto, informa-se que após a realização de um trabalho contínuo e eficaz, fruto da união e parceria de dirigentes e dirigidos, o Vasco da Gama teria o prazer de entregar ao gozo de seus associados e à população esportiva da cidade do Rio, a primeira e principal parte das obras de seu estádio (Figura 20).

Figura 20 - Documento de saudação [...] Estádio, 21 de abril de 1927



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

⁶¹ ABREU, Maurício de. Sobre a Memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, v. XIV, p. 91, 1998 (Geografia I série).

O documento evidencia a todo momento a gratidão da diretoria aos associados e a dedicação e esforços que os mesmos empregaram para que a construção do estádio fosse possível. Um trecho diz: “cumprimos o grato dever de os saudar e agradecer a valiosa contribuição que deram no ‘seu club’”. O clube fazia questão de dizer aos seus sócios: o clube é de vocês! Vocês são o Vasco da Gama, inflamando ainda mais o sentimento de pertencimento e ligação afetiva do clube com aqueles que fizeram ser possível o “Estadium Vasco da Gama”. Davam mostras, com seu discurso de saudação, de que aquela não era uma conquista individual, mas sim, coletiva.

O “caldeirão” da torcida vascaína, recebe essa designação pois possui suas arquibancadas e alambrados bem próximos à área do campo, permitindo uma significativa proximidade entre jogadores e torcedores, criando ali uma ligação mais ativa e passional dos espectadores. E, mais que ser um caldeirão que envolve o campo de jogo, é também um caldeirão em seu entorno. Em dias de jogos do Vasco, todo o seu entorno sofre mudanças em diversos sentidos, fruto das interações espaciais que ali ocorrem. O comércio informal se intensifica, as vendas dos comércios locais e formais aumentam substancialmente e o trânsito sofre alterações devido ao aumento de circulação de pessoas.

O entorno de São Januário possui vizinhança composta predominantemente por moradores de classe média-baixa, moradias simples, edifícios pequenos e comércios de pequeno porte. Além disso, o estádio fica ao lado de uma favela horizontal, a Barreira do Vasco, uma parte ainda mais periférica, dentro de um bairro já considerado periférico. A favela foi fundada na década de 1930, quando o presidente Getúlio Vargas entregou terras à Igreja Católica, para que pessoas humildes e que necessitavam de habitação pudessem construir barracos em uma área de frente ao estádio. A intenção era abrigar temporariamente as famílias removidas das favelas localizadas na Zona Sul do Rio. Como o terreno adjacente era um pântano, passou por um processo de nivelamento e concretagem, para que mais pessoas pudessem construir suas casas, e isso fez com que a comunidade crescesse ainda mais.

Nesse cenário, o estádio e as atividades que nele são desenvolvidas foram, desde o seu processo de construção e ainda o são, capazes de alterar a dinâmica do seu entorno, uma vez que o mesmo acaba reafirmando com o passar do tempo, cada vez mais aspectos de centralidade física e simbólica no espaço que o cerca.

A presença do estádio no espaço em que ocupa é tão significativa, que em 1997, foi aprovado um projeto de autoria do vereador carioca Áureo Ameno, em que é criado o bairro

“Vasco da Gama”⁶², uma subdivisão do bairro de São Cristóvão, que transformou a área onde fica o estádio e adjacências, em um novo bairro carioca. É importante salientar a importância que tal fato carrega, uma vez que tal fenômeno é único no Brasil. Se o comum na história do futebol era os nomes dos clubes serem uma referência aos seus bairros de origem, no caso do Vasco, é o bairro que surge em referência ao clube. Apesar de a criação do bairro Vasco da Gama ter acontecido mais no plano simbólico do que prático, uma vez que os dados da área ainda são comumente vinculados ao bairro de São Cristóvão, a lei em questão evidencia a relevância central e o papel dinamizador que o estádio possui.

2.5 História, memória e patrimônio

Com o advento da *Escola dos Annales*, a história atrelada à busca por uma verdade única e absoluta, deu lugar à elaboração de uma história-problema, uma história produzida através de questionamentos e focada nas ações dos seres humanos em seu cotidiano, enxergando-os como sujeitos e objetos da história. A história deixou de ser “a história” e passou a ser “uma história”.

Marc Bloch e Lucien Febvre, através dessa nova forma de se pensar a história, ampliam a noção de fontes históricas, e a partir de então, tudo aquilo que o homem toca, produz ou pensa, passa a ser considerado fonte de história. E isso vai mudar a dinâmica de como a história será produzida, uma vez que amplia as possibilidades de pesquisa e volta o seu estudo também para as pessoas comuns. A história começa a ser feita por todos e não mais apenas pela e sobre a elite.

De acordo com Pierre Nora⁶³, vivemos a aceleração da história, que acaba por produzir, com considerável rapidez, um passado morto, que transmite a ideia de algo que já não existe mais. E se a história é uma reconstrução incompleta daquilo que já não existe, e ao mesmo tempo, pertence a todos e a ninguém; a memória está em constante evolução, surge de um grupo, sendo múltipla, coletiva e plural.

Segundo o autor, vivemos em uma sociedade que vive um declínio da memória, fruto dos processos de mundialização, massificação, midiaticização e democratização, que seriam os principais causadores, gerando o fim das sociedades-memória, responsáveis por assegurar a conservação e transmissão de valores, e o fim das ideologias-memória, que garantem a

⁶² Projeto de Lei 425/97, sancionado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no dia 28 de agosto de 1998.

⁶³ NORA, P. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. São Paulo, SP: PUC, 1993 (Projeto História, n. 10).

passagem regular do passado para o futuro, tendo a capacidade de indicar o que deveria ser retido do passado para se preparar o futuro. O autor afirma que esses lugares de memória são

Antes de tudo, restos. [...] São rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos⁶⁴.

Os sujeitos só lembram daquilo que envolve o ponto de vista de um grupo social específico, ao qual de alguma maneira se vinculam, mostrando o quanto a memória está ligada às identidades sociais. Os lugares de memória surgem da necessidade desses grupos, de construir e resguardar a memória ameaçada. A necessidade de memória é também uma necessidade de história.

Lowenthal⁶⁵ discute a natureza e valor do conhecimento da memória, propondo primeiro uma revisão de seu caráter pessoal e coletivo, com o objetivo de mostrar como a lembrança sustenta nosso sentido de identidade. A necessidade de utilizar e reutilizar o conhecimento da memória, de esquecer e recordar, acaba nos forçando a selecionar, e por vezes distorcer e transformar o passado, acomodando as lembranças às necessidades do presente. “A memória impregna a vida”⁶⁶, e o passado que conhecemos ou vivenciamos se mostra sempre dependente de nossas opiniões e perspectivas e, principalmente, de nosso presente. Assim, ao passo que somos produtos do passado, o passado conhecido é um produto nosso.

Os processos de construção da história e a necessidade da busca pela memória, seja esta individual ou coletiva, possuem intensa relação com a ideia de patrimônio cultural. Canclini⁶⁷ estabelece uma associação do patrimônio cultural ao que um grupo considera como cultura própria, aquilo que sustenta sua identidade e o diferencia de outros grupos. E isso não engloba apenas os monumentos históricos e bens físicos, a experiência vivida também se condensa em linguagens, conhecimentos e tradições.

É preciso refletir sobre a importância e necessidade de preservação e difusão do patrimônio cultural, através da valorização de espaços para além do físico, englobando também seus usos sociais a partir de uma visão mais complexa de como a sociedade se apropria desses espaços, e quantas memórias esses espaços são capazes de abrigar.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 12-13.

⁶⁵ LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Tradução de Lúcia Haddad. São Paulo, SP: PUC, 1998 (Projeto História, v. 17).

⁶⁶ *Ibidem*, p. 77.

⁶⁷ CANCLINI, Néstor García. O patrimônio cultural e a construção do imaginário nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 23, p. 94-115, 1994.

Os bens culturais, tomados com um legado vivo que recebemos do passado, vivemos em nosso presente e transmitimos às futuras gerações, reúnem referenciais identitários, memórias e história que são preciosos suportes para a formação dos cidadãos, como afirma Pelegrini⁶⁸. As memórias e referências do passado, para a autora, fundamentam a coesão entre indivíduos que compartilham afetos, tradições e histórias, além de evidenciar diferenças culturais que podem estimular e promover a aceitação da diversidade como valor essencial para o convívio social. Logo, para a autora:

O direito à memória e ao acautelamento do patrimônio cultural de distintos grupos que convivem num mesmo país (estado ou região) constituem exercícios de cidadania importantes para fundamentar as bases das transformações sociais necessárias para a coletividade. Além disso, o reconhecimento de identidades plurais, (sejam elas de gênero, religião ou etnia) pressupõe a coexistência entre características culturais distintas que no seu conjunto contribuem para a conformação de afinidades mais amplas, como é o caso das identidades nacionais⁶⁹.

Pensar no Estádio São Januário apenas como um bem físico, diminuiria sua importância dentro das inúmeras memórias e histórias que o mesmo carrega. Sua patrimonialidade está diretamente ligada à representatividade que seu processo de construção carrega – representatividade essa, de um grupo marginalizado naquele período –, e aos inúmeros eventos políticos, sociais e culturais que tiveram o estádio como palco privilegiado.

Para Canclini, os produtos gerados por classes populares tendem a ser mais representativos da história local e mais adequados às necessidades do grupo que os fabrica, constituindo seu próprio patrimônio, o que pode ser facilmente percebido através da relação de proximidade e sentimento de pertencimento que os moradores dos bairros São Cristóvão e Vasco da Gama, bem como da Comunidade da Barreira do Vasco, mantém com o Estádio.

Para Scifoni, existem diferentes concepções de patrimônio que podem ser compreendidas sob dois princípios, o da monumentalidade e o do cotidiano:

O discurso do cotidiano valoriza outras coisas, como a experiência pessoal e coletiva dos diversos grupos sociais, constituindo o patrimônio como a representação da diversidade cultural presente em uma sociedade nacional. Nessa perspectiva, o patrimônio simboliza diferentes práticas sociais e memórias de diversos grupos nem sempre reconhecidos pela historiografia oficial⁷⁰.

Como afirma Castells⁷¹, o ato de preservar envolve conservar raízes capazes de vincular cidadãos ao seu passado e suas origens, sejam esses bens materiais, modos de usar esses bens,

⁶⁸ PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural**: consciência e preservação. São Paulo, SP: Brasiliense, 2009.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 24.

⁷⁰ SCIFONI, Simoni. Os diferentes significados do patrimônio natural. **Diálogos**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 59, 2006.

⁷¹ CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2000.

espaços físicos, experiências vividas e celebrações. Para pensarmos São Januário enquanto monumento e lugar de memória, assim como reconhecer o seu valor patrimonial e histórico, precisamos entender o que seria um monumento. Segundo Choay:

O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido, chamar-se-á monumento tudo aquilo que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente sobre ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar⁷².

O estádio, pensado enquanto monumento e lugar de memória, pretende demonstrar a história que ultrapassa as quatro linhas do campo de futebol, e se mostra importante fonte de estudo para se compreender o processo de construção de uma identidade nacional brasileira.

O Club de Regatas Vasco da Gama e o seu Estádio São Januário tiveram participação destacada no processo de nossa identidade nacional, tanto no plano simbólico quanto no material. A própria construção do Estádio foi parte integrante do movimento, capitaneado pelo clube nos anos 20, que quebrou a estrutura elitista e racista que dominava o futebol brasileiro em seus primórdios. Sobre as fundações de São Januário ergueu-se muito mais do que um estádio de futebol. Ergueu-se um palco esportivo em que atletas negros, mulatos e de origem humilde podiam enfrentar, de igual para igual, os rapazes brancos, de “boa família”, que monopolizavam o futebol através dos clubes de elite⁷³.

São Januário se mostrou, então, na periferia carioca, palco onde o público que vivia à margem da sociedade, conseguiria enfim se identificar com os jogadores do time, lançando bases para a construção e consolidação da identidade nacional através do futebol. Segundo Mário Filho, “A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico”⁷⁴.

E não se pode negar que a representatividade das minorias operada pelo Vasco nos anos 20, tenha sido um presságio às transformações materiais e simbólicas que aconteceriam após a Revolução de 1930, entre as quais podemos destacar o reconhecimento e valorização da mistura

⁷² CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2001. p. 17-18.

⁷³ MALHANO, Clara E. S. M. B.; MALHANO, Hamilton Botelho. **Memória Social dos Esportes**: São Januário – Arquitetura e História. Rio de Janeiro, RJ: Editora Tempo, 2001. p. 10.

⁷⁴ FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 2003. p. 293.

étnica como base da sociedade brasileira, e ampliação de direitos políticos e sociais desses setores marginalizados.

Na Europa, o debate em torno da importância dos esportes com fins políticos-ideológicos já estava ocorrendo desde o final da Primeira Guerra Mundial. Países como a Itália e, posteriormente, a Alemanha já utilizavam as atividades desportivas como uma forma de expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus estados ou nações. O futebol, em particular, foi um meio eficiente para inculcar sentimentos nacionais devido à facilidade com que até mesmo os indivíduos políticos ou públicos de menor expressão na sociedade podiam se identificar com a nação⁷⁵.

Para Hobsbawm, no período entre guerras (1918-1939), o esporte – e o futebol, em particular –, foi capaz de representar com grande intensidade uma expressão de luta nacional e identificação dos indivíduos com sua nação. “A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação”⁷⁶. Segundo o autor, o futebol pode ser considerado uma entre diversas formas de expressão e símbolo da nacionalidade, um elemento de coesão importante e necessário à nação moderna.

Assim como em alguns países da Europa, o Estado brasileiro, desde o início do século XX, começou a se aproximar da prática do futebol, e durante a chamada “Era Vargas”, o controle sobre a prática passou a ser uma das prioridades dos grupos que estavam no poder, pois estes enxergavam o grande potencial do esporte como elemento integrador das massas, capaz de reforçar o sentimento de identidade e unidade, sendo um importante aliado no processo de construção da unidade nacional brasileira.

Para além de toda materialidade envolta nos estádios e no futebol, pensar em futebol e nesses espaços físicos é pensar em experiências, memórias coletivas e individuais que não se encontram apenas em bens materiais. Um patrimônio, não necessariamente é apenas material, ele é também afetivo, e está diretamente ligado a marcos culturais de um determinado contexto ou povo. Desta forma, um patrimônio não é apenas das instituições, mas das pessoas que lhe atribuem valor e simbolismo, se apropriam dele e o preservam.

Getúlio Vargas, utilizando-se do simbolismo popular que envolvia o Club de Regatas Vasco da Gama e o seu estádio, utilizou esse espaço para importantes eventos políticos e cívicos, organizados pelo governo. Não só porque o estádio possuía grande capacidade de público – já que foi o maior estádio do Brasil até a construção do Pacaembu em São Paulo, e

⁷⁵ SOUZA, Denaldo Alchorne de. Mitos, futebol e identidade nacional (1950-1983). In: Sérgio Settani Giglio; Marcelo Weishaupt Prone. (Orgs.). **O Futebol nas Ciências Sociais no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2020. p. 187 (v. 1).

⁷⁶ HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1998. p. 171.

do Maracanã, no Rio de Janeiro –, mas porque para se firmar como o “pai dos pobres”, ele deveria estar o mais próximo possível deles, e nada mais simbólico do que o estádio que foi construído pela classe trabalhadora.

CAPÍTULO III – ESTÁDIO SÃO JANUÁRIO E SEUS USOS PARA ALÉM DO FUTEBOL

3.1 Inaugura-se o Stadium Vasco da Gama

Em uma ensolarada tarde, no dia 21 de abril de 1927, feriado nacional⁷⁷, com a presença do Presidente do Brasil, Whashington Luís, inaugura-se o Stadium Vasco da Gama, popularmente conhecido como Estádio São Januário e Colina Histórica. Um dia festivo e importante, que marcou a história esportiva do Rio antigo.

Junto ao Presidente da República estava o presidente do Vasco, Raul da Silva Campos, Ministros do Estado, autoridades, convidados e todo o público que, juntos, assistiram ao corte simbólico da fita pelo major Sarmiento de Beires. Em meio a aplausos, a capital federal acabava de ganhar o maior estádio de futebol da América do Sul.

Em seguida, o presidente da CBD - Confederação Brasileira de Desportos, Oscar Costa, foi o responsável pelo pontapé inicial da partida de inauguração do estádio entre Vasco da Gama e Santos. Naquela época, o time do Santos era considerado o melhor e mais famoso time do Brasil, após uma campanha de jogos pela Europa, que projetou o futebol brasileiros entre os europeus. Por esse motivo, teria sido Santos, um clube paulista, o escolhido como adversário para a festa de inauguração do estádio.

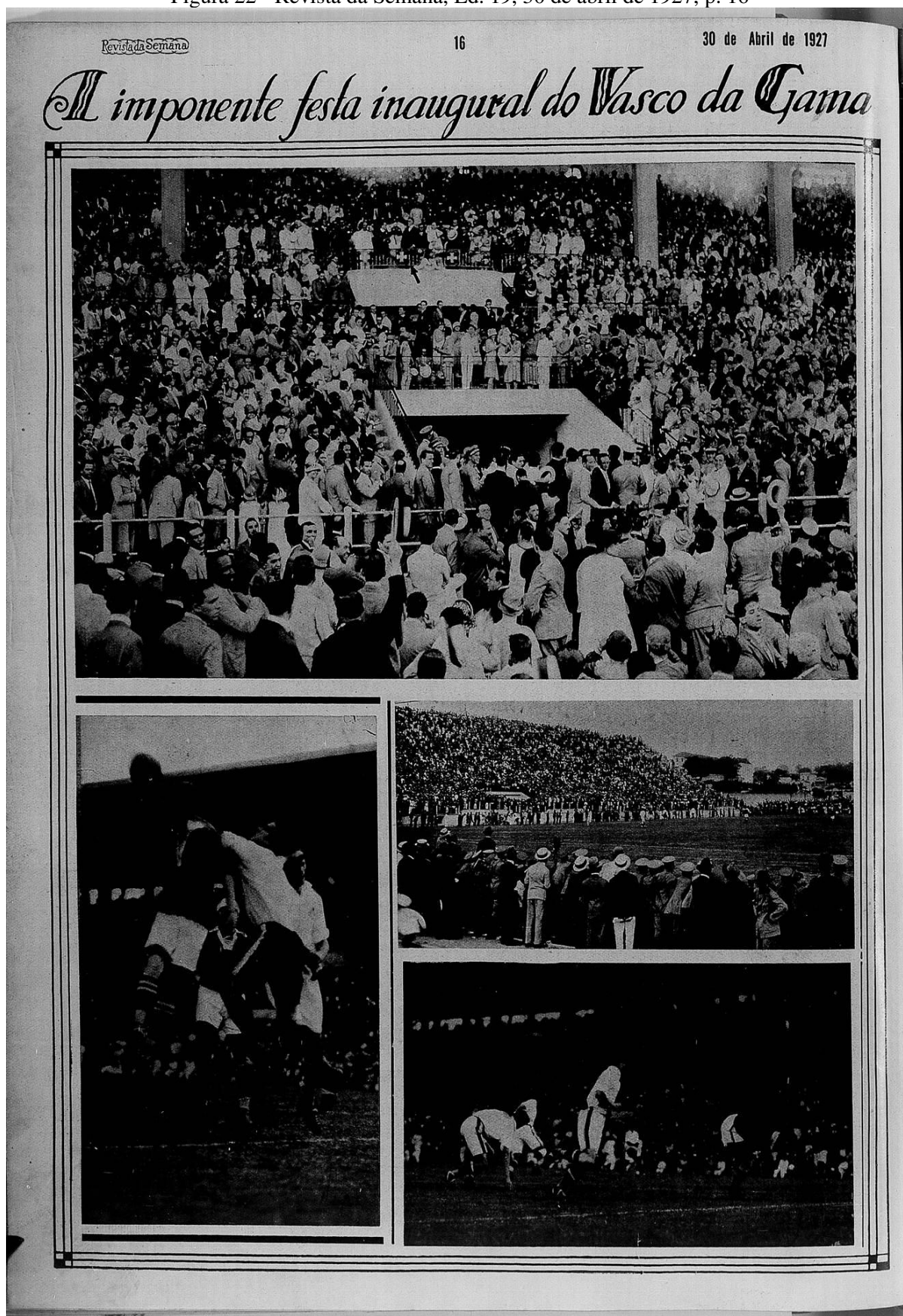
Na publicação da Revista da Semana, edição de 30 de abril de 1927 (Figuras 21-23), o evento de inauguração do estádio ganha três páginas e muitos registros fotográficos do dia em questão. Nas imagens da Figura 21, é possível ver a equipe do Santos, vencedores da partida por 5x3; e a equipe do Club de Regatas Vasco da Gama, ostentando em uma só bandeira as bandeiras de todos os clubs terrestres co-irmãos. O Santos entrou em campo com Tuffy, Bilu e Davi; Alfredo, Júlio e Hugo; Omar, Camarão, Feitiço, Arakem e Evangelista. Já o time cruzmaltino atuou com Nelson, Espanhol e Itália; Nesi, Claudionor e Badu; Pascoal, Torterolli, Galego, Russinho e Negrito. Os gols da equipe santista foram marcados por Evangelista (2), Arakem, Osmar e Feitiço. Para a equipe do Vasco marcaram Negrito, Galego e Pascoal.

⁷⁷ Em 14 de janeiro de 1890, o governo provisório de Deodoro da Fonseca, instituiu o dia 21 de abril como feriado nacional em homenagem à Tiradentes, por meio do decreto nº 155-B. A data teria sido escolhida pelo dia da morte do mineiro.

Figura 21 - Revista da Semana, Ed. 19, 30 de abril de 1927, p. 15



Figura 22 - Revista da Semana, Ed. 19, 30 de abril de 1927, p. 16



Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

Figura 23 - Revista da Semana, Ed. 19, 30 de abril de 1927, p. 17



Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

Nos registros das páginas anteriores, é possível perceber a dimensão do evento. As arquibancadas estavam lotadas, e segundo registro, era possível perceber o grande entusiasmo que a solenidade despertou nos presentes. Muito provavelmente, não haviam ali apenas torcedores e simpatizantes do time cruzmaltino. Autoridades políticas, lideranças esportivas e a sociedade carioca em sua diversidade cultural, política e social, marcaram presença na inauguração do, naquele momento, maior estádio da América do Sul. As arquibancadas estavam repletas de pessoas que viam naquele espaço recém construído também um lugar de lazer. Algo que o futebol das primeiras décadas do século XX foi capaz de revelar, foram novos contornos para a prática do lazer, da sociabilidade e para os usos da cidade.

Ao longo de finais do século XIX e início do século XX, o futebol acompanhou o processo de formação da república no Brasil, como também seus processos de urbanização, industrialização e construção de sua sociedade. Os reflexos desse processo, observamos hoje no século XXI, quando diversos meios de comunicação tratam o futebol para além do fenômeno esportivo como um dos elementos fundamentais da identidade brasileira. Para ver este processo de identidade, por exemplo, basta observarmos a agitação e o envolvimento das pessoas em cidades, casas, apartamentos, ruas, bares e seus entornos em dias de jogos para além dos estádios onde ocorrem os jogos⁷⁸.

Desta forma, a partir daquele dia 21 de abril de 1927, aquele espaço se tornaria propício não apenas para eventos ligados ao futebol e demais esportes. O Stadium Vasco da Gama seria visto por lideranças políticas como um local propício para diversos eventos culturais, educacionais, políticos e sociais de extrema importância na capital federal e que faria parte do processo de construção da identidade brasileira.

A presença de um estádio desse porte no bairro de São Cristóvão, colocaria em evidência um bairro industrial e proletário, reforçando simbolicamente o momento vivido pelo futebol brasileiro naquele momento.

Os estádios refletiam um meio de representação simbólica do corpo social de seus novos frequentadores, agora muito mais complexos e multifacetados do que nos primórdios do futebol na cidade. Os códigos morais de civilidade dos indivíduos, defendidos pelos *sportmen*, entravam em tensão com os novos rumos que o futebol apontava com a sua crescente popularização e ascensão de times menores como o Vasco da Gama e o São Cristóvão, que venceram campeonatos com jogadores mulatos, negros e brancos pobres⁷⁹.

⁷⁸ ABRANTES, F. V. de P.; SILVA, M. A.; COSTA, T. C.; SILVA, S. R. da. Patrimônio Afetivo, Concreto e em Movimento: O Caso do Futebol. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 310-333, 2022. DOI: 10.35699/2447-6218.2022.40805. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/40805>. Acesso em: 29 jun. 2023, p. 313.

⁷⁹ FERNANDEZ, Renato Lanna. **Fluminense Football Club: A construção de uma identidade Clubística**. 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, FGV, Rio de Janeiro, 2010, p. 133.

Para além do simbolismo que sua estrutura abriga, com relação ao espaço e à sociedade, o estádio chama atenção também por seu modelo arquitetônico (Figuras 24 e 25). Preservado até hoje, suas dependências e fachada em estilo neocolonial⁸⁰ foram projetadas pelo arquiteto português Ricardo Severo da Fonseca e Costa e executadas pela empresa dinamarquesa Christiani e Nielsen. Seu estilo neocolonial valoriza suas raízes luso-brasileiras, tendo em sua fachada e em algumas áreas internas ornamentos como desenhos em azulejos e obras de arte produzidas pelo desenhista e pintor português Jorge Colaço.

Sua fachada possui frontão curvilíneo, varandas coloniais, uma fileira de janelas com arcos, ornamentos e detalhes barrocos, telhas estilo canais, portas e janelas em madeira e uma grande riqueza de detalhes. Sua parte interna chama a atenção para locais como as sociais e sua imponente marquise, a histórica tribuna de honra e sua entrada social.

No estádio concentra-se, nos dias de hoje, o campo de futebol, parque aquático, quadras, campos para treinamento, ginásio, quadra de tênis, instalações para a prática de esportes olímpicos, espaço para moradia de atletas, uma escola direcionada também aos atletas do clube, a Capela Nossa Senhora das Vitórias, restaurante, lanchonete, loja de artigos do clube, sala de troféus, parte administrativa e o Centro de Memória.

Figura 24 - São Januário lotado, anos após a construção



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

⁸⁰ A arquitetura neocolonial é caracterizada pela mistura de elementos modernos e tradicionais, pelo uso de telhados de duas águas, janelas em arco, colunas e portas em madeira. Esse estilo é também conhecido por incorporar elementos decorativos como azulejos, mosaicos e pinturas.

Figura 25 - Estádio de São Januário, sem data



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Apesar de ter recebido algumas reformas ao longo dos anos, o estádio não perdeu suas características originais, e sua fachada segue sendo preservada. Apesar de ter sua fachada na relação de edificações preservadas por critérios de preservação no município do Rio de Janeiro, o estádio detém apenas a proteção da prefeitura carioca e não do IPHAN e INEPAC, os institutos que determinam quais são os patrimônios brasileiros e do Rio de Janeiro, respectivamente.

Diante de sua imponência física e geográfica, de suas características arquitetônicas e de seus diversos usos para eventos que ultrapassam a esfera do futebol, um Projeto de Lei nº 263/2017⁸¹, buscou reconhecer como de interesse histórico, cultural, desportivo e social para o Município do Rio de Janeiro o Estádio Vasco da Gama, conhecido como São Januário, localizado na Rua General Almério de Moura, 131. Em sua justificativa, a PL 263/2017 traz o seguinte:

O Estádio de São Januário, inaugurado em 1927, é patrimônio histórico da cidade do Rio de Janeiro e um dos mais emblemáticos templos do futebol mundial. De notável arquitetura neo-colonial, palco de alguns dos mais importantes eventos esportivos, culturais e políticos do país durante o século XX, a casa do Club de Regatas Vasco da

⁸¹ Projeto de Lei nº 263/2017, publicado em 1º de junho de 2017 de autoria de: Vereador Renato Cinco, Vereador Tarcísio Motta, Vereador Paulo Pinheiro, Vereador Dr. Carlos Eduardo, Vereador Rocal, Vereador Inaldo Silva, Vereador Zico Papera, Vereador João Mendes De Jesus, Vereador Cesar Maia, se tornou **Lei nº 6.856**, em vigor a partir de 14 de abril de 2021.

Gama é também um símbolo da luta contra o racismo no esporte e até hoje um exemplo de espaço popular de lazer no subúrbio carioca.

Sua construção remonta à perseguição que o Vasco da Gama sofreu após ser campeão carioca no ano de 1923 com uma equipe formada por atletas negros, mestiços e de origem humilde. Na ocasião, o time bateu, logo em seu primeiro ano na primeira divisão, os clubes grandes da época, então formados por jovens de famílias ricas da cidade. Para mascarar motivações racistas e elitistas, dirigentes que defendiam a exclusão do Vasco do campeonato alegaram para tanto, entre outras coisas, a falta de um estádio próprio. Foi o que motivou uma histórica campanha de arrecadação que movimentou a capital federal e envolveu milhares de associados e torcedores. Em tempo recorde, ao pé de uma colina no bairro de São Cristóvão, os vascaínos ergueram aquele que durante alguns anos foi o maior estádio de futebol das Américas.

A partir de então, até a construção do Maracanã, em 1950, São Januário foi o principal estádio do Rio de Janeiro e testemunhou momentos marcantes do nosso esporte. Além de receber jogos de grandes times brasileiros e estrangeiros, foi casa da Seleção Brasileira, que se sagrou ali campeã da Copa Roca de 1945, das Copas Rio Branco de 1947 e 1950, e do Campeonato Sul Americano (a atual Copa América) de 1949. Em 1998, o Vasco da Gama fez em São Januário uma das partidas finais da Libertadores da América, principal competição de clubes do continente. Em 2007, o atacante Romário marcou ali seu milésimo gol no futebol.

Vários grandes jogadores que defenderam o Brasil em Copas do Mundo foram formados ou se consagraram em São Januário. Além do próprio Romário, nomes como Leônidas da Silva, Fausto, Domingos da Guia, Barbosa, Danilo Alvim, Ademir de Menezes, Vavá, Bellini, Roberto Dinamite, Bebeto, Edmundo e Juninho Pernambucano tiveram por lá momentos fundamentais de suas carreiras. Ídolos de nosso atletismo olímpico como Adhemar Ferreira da Silva também adotaram o estádio como espaço de treinamento. Até hoje o Vasco da Gama se notabiliza como clube revelador de grandes jogadores, mantendo nas dependências de São Januário um alojamento e um colégio para a formação dos adolescentes que vêm de diversos lugares do país e encontram no futebol uma oportunidade.

São Januário também testemunhou importantes momentos de nossa história política e cultural. Nas décadas de 30 e 40, o presidente Getúlio Vargas costumava arrastar multidões para seus comícios no estádio. Em um deles, no dia 1º de maio de 1940, anunciou a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), as primeiras leis trabalhistas do Brasil. Naquele mesmo ano, a “Colina Histórica” - como também é conhecido o estádio - foi o palco da apresentação de um coral composto por mais de 40 mil estudantes e regido pelo maestro Heitor Villa-Lobos. Cinco anos mais tarde, durante o processo de redemocratização do país, Luís Carlos Prestes reuniu mais de 100 mil pessoas em um comício que foi fundamental para trazer o Partido Comunista de volta à legalidade. Também em 1945, o estádio recebeu o desfile das escolas de samba, vencido naquele ano pela Portela.

Percebe-se, portanto, a grande importância histórica, cultural, desportiva e social do Estádio de São Januário para o município do Rio de Janeiro. Localizado no subúrbio, em uma região que reúne espaços como a Feira de São Cristóvão, a Quinta da Boa Vista, o CADEG, a quadra da Estação Primeira de Mangueira e o Maracanã, São Januário possui até hoje grande centralidade na vida esportiva e cultural da cidade, sendo um dos principais destinos de lazer de cariocas de diferentes classes sociais. Ao aprovar essa lei, a Câmara Municipal de Vereadores fará um justo reconhecimento e zelar pelo patrimônio do Rio de Janeiro.

Partindo da Justificativa apresentada pelo Projeto de Lei que deu origem à Lei nº 6.856/2021 que “reconhece como de interesse histórico, cultural, desportivo e social para o Município do Rio de Janeiro o Estádio Vasco da Gama, conhecido como São Januário”, discorreremos sobre alguns dos importantes eventos que tiveram o referido estádio como palco desde a sua construção, até o final da década de 1950.

3.2 Estádio São Januário: sociedade, futebol, carnaval e patriotismo em campo

Em seu período de existência, não se tem limitado o Club de Regatas Vasco da Gama às atividades exclusivamente esportivas. Práticas recreativas e culturais também estiveram constantemente presentes nesse espaço. No mesmo ano de sua inauguração, o estádio foi palco de grandioso evento social promovido pelo Club de Regatas Vasco da Gama, o “Primeiro Natal das crianças pobres”. A festa, que já acontecia em outros espaços cariocas, no Natal de 1927, aconteceria também nos gramados de São Januário. No vão das arquibancadas foi montada uma grande árvore de natal recheada de presentes; no gramado, um ringue comandado por palhaços, garantiu a diversão da garotada.

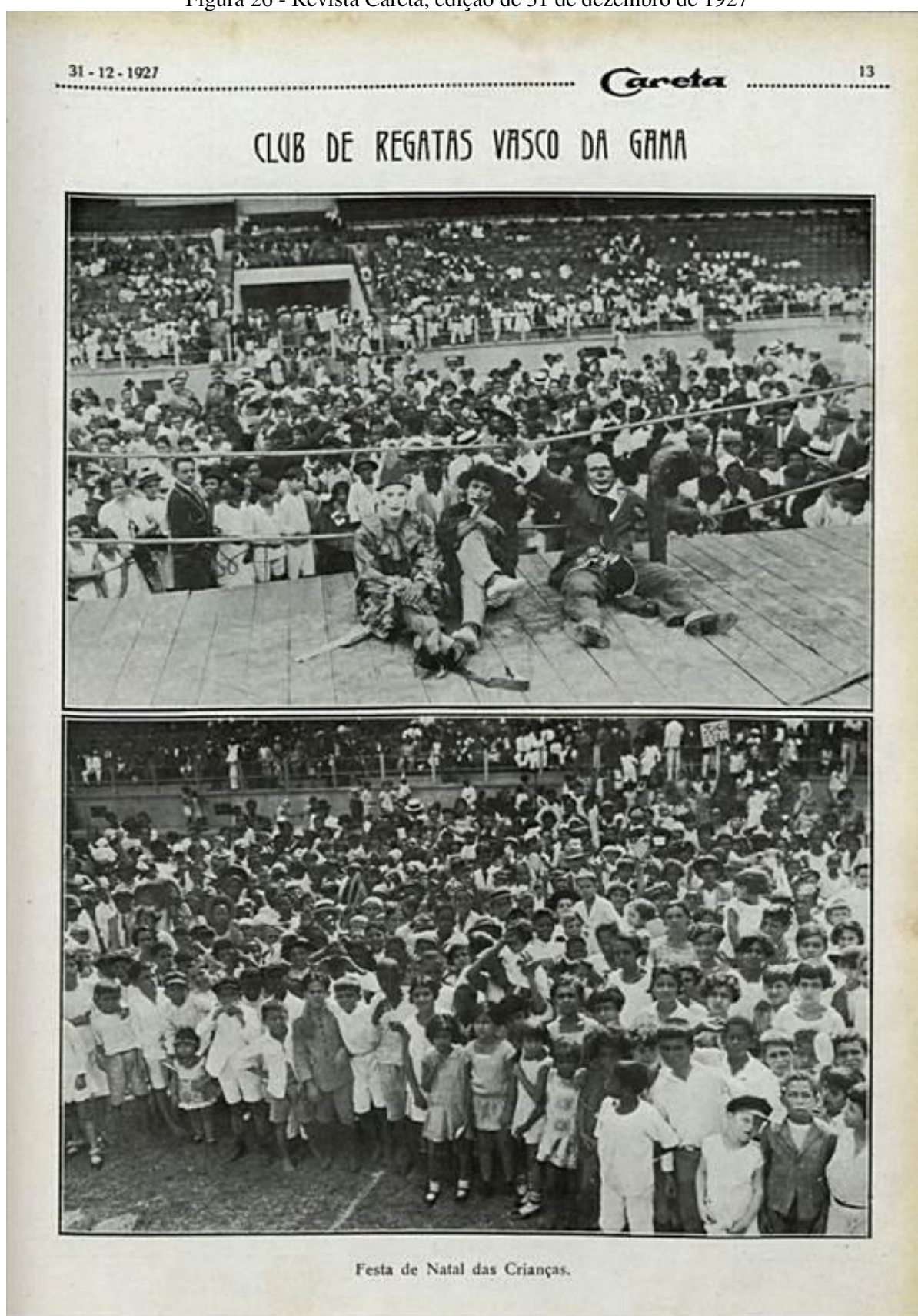
De acordo com as imagens (Figura 26) da edição de 31 de dezembro de 1927 da *Revista Careta*, e com a publicação do jornal *O Imparcial*, de 27 de dezembro de 1927, “O campo apresentava aspecto surpreendente, pois cerca de 6 mil crianças ali se concentraram. [...] Enfim, um sucesso completo a festa do Vasco às Crianças Pobres”⁸². Em um relatório do clube, publicado em 1928⁸³, com o intuito de distribuir brinquedos, roupas e outros artigos às crianças pobres do bairro onde estava localizado o seu estádio, o Club de Regatas Vasco da Gama não só assumiu a responsabilidade de contribuir com a causa, como também, em dias de jogos no estádio, fez percorrer uma equipe de escoteiros pedindo contribuições para angariar fundos para a realização do evento.

As crianças presentes no evento, em sua maioria, crianças carentes da comunidade aos arredores do estádio, estariam naquele momento fazendo o uso do estádio sem associá-lo ao esporte, mas ao natal e às memórias afetivas a que envolvem essa data. Em um espaço comumente destinado ao público adulto, as crianças é quem foram os protagonistas, e muito provavelmente, grande parte delas que já possuíam vínculos com o estádio que pertencia à sua comunidade, estreitaram ainda mais esses vínculos a partir dessa comemoração natalina.

⁸² O Imparcial, 27 de dezembro de 1927, Rio de Janeiro, p. 9.

⁸³ Relatório Diretoria, 1928, p.27 e 28. Acervo: Centro de Memória CRVG.

Figura 26 - Revista Careta, edição de 31 de dezembro de 1927



Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

Os estádios de futebol até aquele momento, segundo Mascarenhas⁸⁴, foram erguidos e pensados como equipamentos designados às classes sociais mais altas da sociedade. Mas, a construção do Estádio de São Januário marca o processo de popularização e democratização do futebol no Brasil, e se torna símbolo de uma nova etapa:

Nesse sentido, nossos primeiros estádios eram destinados exclusivamente às elites. Sua geografia é inequívoca: localizados nos bairros mais nobres, e com equipamentos de pequeno porte (geralmente uma única estrutura edificada que sequer cobria toda a extensão de um dos quatro lados), apresentavam uma arquitetura mais assemelhada a um confortável teatro, porém, a céu aberto⁸⁵.

Ainda segundo o autor, “a edificação deste histórico monumento do futebol carioca e brasileiro”⁸⁶, marcou a construção dos estádios no Brasil, pois alterou a dinâmica vigente. São Januário, construído em bairro pobre e essencialmente operário, seria espaço de inserção social não apenas para os adultos e amantes de futebol, mas seria também ocupado por crianças, que tiveram suas memórias afetivas ligadas aos gramados do estádio.

Conforme abordado em capítulo anterior, três anos após sua inauguração em 1927, Getúlio Dorneles Vargas assume o poder do país. Resultado de um movimento formado pela aliança entre os estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, a Revolução de 1930, destituiu o Presidente Washington Luís do poder e impediu a posse do presidente eleito nas eleições de 1930, Júlio Prestes.

Vargas assume a presidência do país de forma provisória, em 1930, mas acaba se mantendo no poder até 1945, período conhecido como “Era Vargas”. Esse período foi caracterizado por importantes avanços e rupturas:

O ano de 1930 foi um divisor de águas na história do país. A partir dessa data, houve aceleração das mudanças sociais e políticas, a história começou a andar mais rápido. No campo que aqui nos interessa, a mudança mais espetacular verificou-se no avanço dos direitos sociais. Uma das primeiras medidas do governo revolucionário foi criar um Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. A seguir, veio vasta legislação trabalhista e previdenciária, completada em 1943 com a Consolidação das Leis do Trabalho. A partir desse forte impulso, a legislação social não parou de ampliar seu alcance, apesar dos grandes problemas financeiros e gerenciais que até hoje afligem sua implementação. Os direitos políticos tiveram evolução mais complexa. O país entrou em fase de instabilidade, alternando-se ditaduras e regimes democráticos. A fase propriamente revolucionária durou até 1934, quando a assembleia constituinte

⁸⁴ MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2014.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 107.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 123.

votou nova Constituição e elegeu Vargas presidente. Em 1937, o golpe de Vargas, apoiado pelos militares, inaugurou um período ditatorial que durou até 1945⁸⁷.

Para José Murilo de Carvalho, o ano de 1930 foi um importante e revolucionário ano na história de nosso país, pois a partir daquele momento, mudanças sociais e políticas aconteceriam de forma acelerada.

Vargas começou a delinear mecanismos que fossem capazes de construir uma nova ideia de Estado e de nação. Ampliando a intervenção do estado em diversas esferas da sociedade, como saúde e educação, a questão social durante esse período passou a ser considerada um caso de política nacional. O presidente percebeu o futebol e o samba, como elementos importantes e centrais na cultura brasileira. Era preciso ressignificar o ritmo e utilizá-lo junto ao futebol, como elementos integradores na busca pela construção de uma unidade nacional e de uma identidade brasileira.

Curiosamente, o futebol fez entre nós o caminho inverso ao do samba, até que se encontraram em cruzilhadas brasileiras. O samba surgiu entre as camadas mais pobres de descendentes de africanos e chegou às camadas médias e elites, especialmente com o advento do rádio e do disco, na primeira metade do século XX. O futebol no Brasil é um jogo inicialmente praticado pelas elites que vai se popularizando com o tempo⁸⁸.

O samba e as escolas de samba que hoje são tão populares em nosso país e no mundo, nem sempre foram vistos com bons olhos pela sociedade brasileira. O ritmo popular entre as camadas menos abastadas da população, e as escolas, cujos integrantes eram em sua maioria negros e mulatos do subúrbio, buscavam, no final da década de 1930, conquistar seu espaço e respeito na sociedade.

Vargas, que buscava elementos capazes de fortalecer a identidade nacional e o sentimento de pertencimento na população brasileira, viu o samba como um importante elemento integrador, e mais que isso, um importante aliado ao seu projeto de construção de uma nova identidade que valorizava o que era genuinamente brasileiro. Essa invenção de uma brasilidade, que Vargas tanto almejava, encontrava na produção de um Brasil mestiço e cordeal, um terreno fértil. Esse Brasil, construído com base na valorização do povo mestiço e da cultura que ele produz, seria capaz de resolver os dilemas de uma formação histórica marcada pela violência colonial, pela escravidão, pela dizimação indígena, pelos grandes latifúndios e pelos privilégios de uma minoria.

⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2002. p. 87.

⁸⁸ SIMAS, Luiz Antônio. **Maracanã**: quando a cidade era terreiro. Rio de Janeiro, RJ: Mórula, 2021. p. 18.

Neste cenário, em 1935, futebol e samba dividiram o gramado do estádio São Januário para um desfile onde as escolas de samba apresentariam seus sambas-enredo para o carnaval do ano seguinte. A página 24 da edição de o *Jornal do Brasil*, de 7 de dezembro de 1935, traz a seguinte manchete (Figura 27):

Figura 27 – Jornal do Brasil, edição de 7 de dezembro de 1935

O grande festival de hoje no Estadio de S. Januario

O quadro do Vasco da Gama vai enfrentar o "scratch" da Saude—O desfile das escolas de samba para apresentação das marchas para o Carnaval de 1936

Uma festa soberba será realizada hoje, no estadio de São Januario, em homenagem ao jubileu desportivo do Caboclo e Provenzano. As festas terão início às 19 horas e 30 minutos, sendo abertos os portões às 19 horas.

A PRIMEIRA PARTE DO PROGRAMA

A primeira parte do programa consistirá de um grande match de futebol entre a equipe do C. R. Vasco da Gama e o forte Seleccionado da Saude, composto de elementos de grande valor no futebol carioca. Esta partida será iniciada às 19 horas e 30 minutos, sob a direção do competente árbitro Pedro dos Santos.

O DESFILE DAS ESCOLAS DE SAMBA

A grande novidade da noite será o desfile das escolas de samba, que apresentarão as ultimas novidades para o carnaval de 1936. As escolas inscritas no grande certame são as mais importantes da Capital Federal, a saber: Portela, Mangueira, Unidos da Tijuca, Lira do Amor e Paz e Amor.

COMO SE DARA' O DESFILE

Após o encontro de futebol, os porta-estandartes das escolas representadas irão à tribuna de honra onde serão cumprimentados pelas altas autoridades presentes. Entre as

curso aquatico
l. Icarai
as amanhã as

Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

Neste sábado, dia 7 de dezembro de 1935, futebol e samba dividiram as atenções dos espectadores no estádio cruzmaltino. A manchete traz: “Uma festa soberba será realizada hoje, no estádio de São Januário, em homenagem ao jubileu desportivo do Caboclo e Provenzano”⁸⁹. No jogo amistoso, Vasco da Gama e Seleccionado da Saúde, se enfrentariam em uma partida que terminou com a vitória do time mandante por 2x1. Esse amistoso antecedeu o desfile das escolas de samba cariocas, que apresentariam naquela oportunidade, os sambas-enredo do desfile oficial do Carnaval de 1936. Segundo a manchete, as escolas inscritas no grande certame eram as mais importantes da capital federal: Portela, Mangueira, Unidos da Tijuca, Lira do Amor e Paz e Amor.

⁸⁹ Caboclo e Provenzano foram dois dos maiores remadores da história do Club de Regatas Vasco da Gama. Neste evento, comemorar-se-ia o jubileu 1910-1935 dos heróis vascaínos. Uma medalha comemorativa do jubileu também foi confeccionada em 1935.

O desfile aconteceria da seguinte forma: após o amistoso de futebol, os porta-estandartes das escolas representadas iriam à tribuna de honra, onde seriam cumprimentados pelas autoridades presentes. Entre os estandartes das escolas, estaria também a flâmula gloriosa da União das Escolas de Samba. Após essa cerimônia, às 21h, os porta-estandartes ocupariam suas posições nas suas escolas, e iniciariam o desfile. As escolas, que estavam formadas nos terrenos do estádio fronteiro à Rua Bonfim, entrariam na pista pelo lado geral, contornariam as arquibancadas, e prosseguiriam a marcha até a tribuna de honra. Nesse local as escolas apresentariam suas marchas – como eram chamados os sambas-enredo na época –, e prosseguiriam depois pela pista.

Neste evento, futebol e samba, que se tornariam as duas principais paixões nacionais e elementos que seriam utilizados para representar e projetar o Brasil para o mundo, se misturaram e utilizaram o mesmo espaço como palco. Esse não seria o único evento do samba em São Januário. Nos anos seguintes, em outras oportunidades e com diferentes finalidades, o estádio voltaria a sediar desfiles de escolas de samba.

A década de 1940 foi um período conturbado tanto no Brasil, quanto no resto do mundo. A entrada do país na Segunda Guerra, em 1942, fez com que a população e as autoridades assumissem opiniões conflituosas com relação à realização das festividades carnavalescas naquele ano. Para piorar, a Praça Onze, que sediava os desfiles carnavalescos, havia sido demolida para a construção da Avenida Presidente Vargas. Na edição de 19 de janeiro de 1943, o jornal *O Globo*, trouxe a seguinte manchete: **“Deve ou não haver carnaval em 1943?”** (Figura 28).

Segundo a matéria publicada no jornal, uma enquete foi realizada para consultar os seus leitores sobre se deveria haver ou não as festividades de carnaval em 1943. Cartas de dois leitores foram publicadas na edição do dia 19 de janeiro, ambas externando opinião contrária à realização das festividades. Em um trecho da carta escrita por SR. RIO VERDE, ele diz:

muito criteriosamente afirmou Sr. Cyro Aranha⁹⁰ - ‘que deverá ficar no foro íntimo de cada um brincar ou deixar de brincar’. Mas, como nem todos os nossos patrícios se orientam pelos princípios elementares de humanidade; nem todos os corações pulsam pelos mesmos elevados e intangíveis sentimentos de patriotismo, daí a necessidade dos imperativos da lei.

⁹⁰ Presidente do Club de Regatas Vasco da Gama, assumiu o posto em 1942 e foi responsável por montar o lendário elenco do “Expresso da Vitória”. Foi o pioneiro na criação do Departamento Infanto-Juvenil do Vasco. Faleceu em 1985, mas a sua histórica frase permanece viva até os dias de hoje: “Enquanto houver um coração infantil, o Vasco será imortal”.

Figura 28 - Jornal "O Globo" edição de 19 de janeiro de 1943

MOVEIS · CORTINAS · TAPETES · DECORAÇÕES ASA UNES AGC 65-R

CARNAVAL

Hoje o 76.º aniversário dos Democráticos

Deve ou não haver Carnaval em 43? ☐

As opiniões dos nossos leitores sobre a "enquete" que estamos procedendo

Na edição final de ontem anunciamos a publicação, hoje, da íntegra das cartas que nos foram enviadas, pelos nossos leitores Srs. João do Rio Verde e Fausto de Santos Lima. Ambas são contrárias à realização do Carnaval em 43, como se poderá ver a seguir, ao ler os textos que transcrevemos.

A CARTA DO SR. RIO VERDE

"Sr. redator do GLOBO — Saudações — Deparei-me-me ontem nas colunas do vossa apreciadíssimo jornal — paladino inquebrantável das grandes causas nacionais — uma interessante "enquete", em que se consulta a opinião pública, se deve ou não haver Carnaval em 43.

Lamentemos sincera e profundamente, Sr. redator, que, nesta hora de provações e de incertezas por que atravessa a humanidade e, particularmente a Pátria querida, ainda exista brasileiro com coragem de publicamente emitir conceito favorável à realização dos festejos carnavalescos, este ano!

Fuizto criteriosamente afirmou o Sr. Gyro Aranha — "que deve ficar no foro íntimo de cada um brincar ou deixar de brincar".

Mas, como nem todos os nossos patrícios se orientam pelos princípios elementares de humanidade; nem todos os corações pulsam pelos mesmos elevados e intangíveis sentimentos de patriotismo, daí a necessidade dos imperativos da lei.

Faz, Sr. redator apenas cinco meses que o Brasil sofreu o mais bestial atentado de que há memória na história da sua vida de nação democrática, cujos atos sempre foram inspirados nos mais sagrados ideais de paz e de liberdade.

Lembremos, pois, aos nossos patrícios desviados da rota do amor ao próximo — os que desejam dar gargalhadas na época em que tantos ares brasileiros se cobrem de luto, de dor e de lágrimas — a covarde e dolorosa tragédia com que os hunos feriram traiçoeiramente a alma nacional!

Invocamos o quadro dantesco desenvolvido na imensidade do Atlântico, no mês de agosto, onde centenas e centenas de vidas preciosas se perderam no silêncio da noite, entre gemidos de angústia e gritos estridentes de pequeninas vítimas inocentes!

Mistremos aos importunos fogões o ardor vibrante com que a nossa juventude acotire aos quartéis, como entidade absoluta, afim de desagravar a nossa soberania ultrajada, não temendo "as responsabilidades de uma possível ação fora de Contínente"!

É possível, então, Sr. redator, que os que se aprestam para a folia, ainda despertem do sono entorpecido em que se encontram e desanuviados, vibrem a Pátria estremejada que, nestes dias tormentosos, pela palavra do seu heróico e abnegado presidente — Getúlio Vargas — pede a cada um dos brasileiros um pouco de sacrifício pela vitória da causa da Liberdade e da Justiça: a causa do Brasil.

Fixar-vos-el grato pela publicação, se possível. — Disponha do humilde patrício e admirador — (a.) João do Rio Verde".

DO SR. SANTOS LIMA,

DE NITERÓI

Niterói, 15 de janeiro de 1943.

Sr. redator — Respondo à vossa "enquete" — "Deve haver Carnaval?"

Não! O Carnaval é a licenciosidade e a orgia cega. São três dias durante os quais é permitido a cada pessoa tirar a máscara que traz afivelada há 362 dias, e fazer aquilo que faria todos os dias se lhe fosse permitido.

O Brasil está em guerra, o mundo está em guerra, não há lugar para orgia.

O brasileiro precisa ter noção de responsabilidade. O mundo se deita em fogo e sangue. O grito de dor e o grito de revolta contra o barbarismo que quer escravizar o mundo, encheu o espaço. Como se pode permitir que uma multidão de farristas e bebedores tente, com sua orgia, abafar a dor e a revolta da humanidade consciente? Que diriam nossos aliados, dessa bacanal? Que vale o esforço de nosso Governo, alertando o povo em prol da causa santa? Pela incocência de farristas e bebedores é que a humanidade está sendo destruída. Isto é "quintacolumismo", não é festa popular. Atenciosamente — (a.) Fábio de Santos Lima".

O início das comemorações — Sábado o baile de gala

Constitue o assunto mais palpitante de nossas rodas carnavalescas a grandiosa festa com que, sábado próximo, dia 23, os gloriosos "carapicús" comemorarão o 76º aniversário da sua fundação, que transcorre hoje. Para esta auspiciosa data, o Clube dos Democráticos oferecerá, em seus salões da rua Riachuelo, ricamente engalanados, um soberbo baile à fantasia, que ficará assinalado nos anais como um verdadeiro acontecimento. Hoje os "carapicús" farão realizar, no altar-mór da Igreja da Lapa, às 10.30 minutos, missa solene em ação de graças pela vida gloriosa do clube, ficando convidados todos os associados, imprensa, autoridades e simpatizantes.

EM BENEFÍCIO DO SOLDADO COMBATENTE

Desfile das Escolas de Samba

A União Geral das Escolas de Samba, realizará no próximo domingo um grande desfile de suas filiais, em homenagem a Exma. Sra. Darcy Vargas, presidente da Legião Brasileira de Assistência, em benefício do Soldado Combatente, no estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, gentilmente cedido, com início às 20 horas. Preços dos ingressos, Cr\$ 2,00; militares fardados, Cr\$ 1,00, e crianças até 12 anos acompanhadas, grátis.

DIVERSAS

Foi lançada sábado, com enorme êxito, a marcha-charge de Nassara e Frazão, o "Danúbio azulou". A composição da famosa dupla, realmente um trabalho de valor.

Com a festa de sábado e a peixada de domingo, o Grupo dos Independentes, instalado na rua 13 de Maio, reiniciou as suas atividades carnavalescas. Erito, presidente; Mesquita, procurador; Alvaro, tesoureiro; Valle, secretário, e Perdigão, presidente de honra, estiveram incansáveis na direção dos divertimentos.

"Alô, Tio Sam", de David Nasser e Haroldo Lobo continua no cartaz, com absoluto sucesso.

E por falar em sucesso, nos ensaios carnavalescos, "China Pau", o mesmo "Alô, Tio Sam", "Notícia de última hora" e "Helena vem me buscar" foram cantadas com entusiasmo pela enorme público que lotava o auditório da PRA-3.

A Bola Preta esteve em festas sábado e domingo. Muita animação no salão do segundo andar da rua Bittencourt da Silva.

"Salve os casados", de David Nasser e Haroldo Lobo, é a marcha que promete grande aceitação por parte do público. A música será lançada, pela Columbia, na voz de Castro Bar-

"China Pau", "Alô, Tio Sam" e "Notícia de Última Hora" receberam a consagração definitiva

Fonte: O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>.

Em outro trecho, da carta escrita pelo leitor SR. SANTOS LIMA, de Niterói, o leitor afirma: "O Carnaval é a licenciosidade e a orgia cega. São Três dias durante os quais é permitido a cada pessoa tirar a máscara que traz afivelada a 362 dias, e fazer aquilo que faria todos os dias se lhe fosse permitido. [...] Isso é 'quinta-columismo', não é festa popular".

É possível perceber que apesar da tentativa de Vargas em tornar o Samba e o Carnaval elementos populares e integradores, as manifestações culturais de vertente Africana e populares, ainda eram vistas como subversivas, imorais, e que naquele momento, iam contra ao sentimento patriota. As escolas de samba ainda eram entidades embrionárias que buscavam legitimidade na sociedade, lutando contra o preconceito.

Ao passo que a discussão sobre a realização ou não do carnaval acontecia, a mesma edição de *O Globo* trazia, ao lado das cartas publicadas, um anúncio referente ao desfile carnavalesco que aconteceria em 24 de janeiro, em homenagem à Darcy Vargas. O estádio São Januário sediaria o desfile em homenagem à esposa do presidente Vargas, e em benefício dos soldados combatentes na Segunda Guerra Mundial (Figura 29).

Figura 29 - Jornal “O Globo” edição de 25 de janeiro de 1943



DESFILÉ DAS ESCOLAS DE SAMBA EM BENEFÍCIO DOS SOLDADOS COMBATENTES — Perante enorme assistência realizou-se ontem à noite, no estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, o grande desfile das Escolas de Samba, em homenagem a D. Darcy Vargas, presidente da Legião Brasileira de Assistência, e em benefício do soldado combatente. Essa demonstração de melodias brasileiras contou com a presença das seguintes escolas, filiadas à União Geral das Escolas de Samba: Azul e Branco, do morro do Salgueiro; Cada ano sai melhor, do morro de São Carlos; Portela, de Oswaldo Cruz; Paz e Amor, e Lira do Amor, de Bento Ribeiro; Deixa Malhar, do largo da Segunda-Feira; Depois eu digo e Unidos do Salgueiro, do morro do Salgueiro; União de Sampaio; Unidos e Império, da Tijuca; Unidos do Tuiti e Mocidade Louca, de São Cristóvão.

As escolas exibiram, em sua maioria, enredos que exaltavam o patriotismo, provavelmente, na tentativa de demonstrar que os festejos carnavalescos não significavam desrespeito ao sentimento patriota e ao cenário de Guerra. Segundo Fernandes,

Nas vésperas do Carnaval, a imprensa se juntou às autoridades, fazendo coro de que não havia clima para a festa. O Jornal do Brasil, por exemplo, publicou editorial afirmando que “festejar o Carnaval na situação em que nos encontramos seria levandade, senão verdadeira inconsciência”. Por seu lado, a prefeitura decidiu cancelar o baile do Teatro Municipal e as subvenções para todos os grupos carnavalescos, o que levou as grandes sociedades, ranchos e blocos a decidirem por se retirar das ruas e do campo festivo. As escolas de samba, porém, não aceitaram tal imposição e demonstraram que não dependiam tanto assim do apoio oficial e nem mesmo da UGES, que não teve grande destaque na organização do Carnaval daquele ano. Conquistaram para a sua causa a Liga de Defesa Nacional e a União Nacional dos Estudantes, que acabaram como responsáveis pelo desfile. Em 24 de janeiro de 1943, os sambistas demonstraram que sua posição de não abandonar os festejos carnavalescos não provava inconsciência a respeito da guerra, como acusava o Jornal do Brasil. Assim, aceitaram a convocação da primeira-dama do país, Darci Vargas, e participaram de um desfile em benefício da cantina do soldado, realizado no campo do Vasco da Gama⁹¹.

Em 1945 o estádio seria utilizado novamente pelas escolas de samba do Rio, sendo o único ano em que oficialmente, escolas de samba desfilaram em um estádio de futebol. Esses desfiles aconteceram em São Januário porque o estádio vascaíno era, naquele período, o principal palco para a realização de eventos de grande porte na capital federal.

Em 1945 a guerra vivia seus momentos de definição e a tensão reinante era grande como nunca. Quase nada se sabe do Carnaval daquele ano, cujos festejos se reduziram mais ainda. As escolas desfilaram, mas não tiveram o direito de se exhibir na avenida Rio Branco, cuja apresentação foi deslocada para o estádio do Vasco da Gama⁹².

A Portela alcançou o pentacampeonato com o samba “Brasil glorioso”, mas o título do “Expresso da Vitória do Samba”⁹³, acabou sendo ofuscado por uma tragédia. Com o samba e os sambistas marginalizados, e um desfile que aconteceu sob contestações, o evento ficou marcado negativamente. A briga entre integrantes da “Depois Eu Digo”, do Morro do Salgueiro, e da “Cada Ano Sai Melhor”, do Morro de São Carlos, acabou com a morte do sambista Matinada. O desfile recebeu atenção da imprensa nas páginas dos assuntos policiais, e o evento

⁹¹ FERNANDES, Nelson da Nobrega. **Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. p. 122-123 (v. 1).

⁹² *Ibidem*, p. 125.

⁹³ Fazendo alusão ao “Expresso da Vitória”, denominação dada ao vitorioso elenco cruzmaltino entre 1944 e 1953. A denominação teria surgido num programa musical da Rádio Nacional, onde um cantor, ao se apresentar, disse que dedicaria a música ao Vasco, chamado por ele de “Expresso da Vitória”, por atropelar seus adversários em campo.

foi noticiado com foco na confusão, nos mais de vinte feridos e na morte de José Matinada, integrante da bateria do Salgueiro.

O episódio fez com que a maior parte da imprensa externasse o preconceito com relação à manifestação popular, e a todo custo, tentavam usar o episódio para associar os sambistas e seus adeptos à violência, justificando assim a necessidade de um maior controle e censura aos sambistas.

A verdade é que o acontecimento no estádio do Vasco da Gama foi algo que recebeu maior destaque pejorativo por ter como personagens moradores dos morros cariocas, gente simples e pobre que não merecia que tal fatalidade fosse capaz de definir o que de fato representava o samba e o carnaval. Ao abrir seu estádio para o desfile naquele ano, o Vasco daria voz e protagonismo aos marginalizados que buscavam nesse espaço, através do samba e do carnaval, criar essa legitimidade social.

Para além dos desfiles de escolas de samba em São Januário em período de Guerra, em 1942, o estádio cruzmaltino teria também ligação direta com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Em agosto de 1942, o Brasil declarou guerra à Alemanha e Itália, e após essa declaração, o Estado iniciou intensa mobilização com o intuito de estruturar a Força Expedicionária Brasileira (FEB), e levantar recursos civis para o esforço de guerra.

Dentre todas as perspectivas, a presença do Brasil na Segunda Guerra Mundial não era algo pretendido pelos principais grupos envolvidos. No entanto, o país, com suas características territoriais e valiosas matérias-primas, começou a se mostrar peça fundamental em uma possível expansão do conflito. Quando a Guerra teve início, o governo Vargas optou por manter a proximidade comercial com Alemanha e Estados Unidos, nesse contexto, o país norte-americano ainda não estava no conflito ativamente, e por isso, a decisão de Vargas não apresentou maiores problemas de forma imediata.

A posição adotada por Vargas era ambígua. Se por um lado estruturava a política do Estado Novo alinhada às perspectivas fascistas e defendia uma nova forma de fazer política que contrariava os princípios da democracia liberal, por outro, estreitava laços com os EUA. Mas, em 8 de dezembro de 1941, o Estados Unidos entra de forma efetiva no conflito⁹⁴ e a pressão sobre os países sul-americanos aumenta. Vargas rompe com as nações do Eixo, sendo o anúncio feito em um discurso proferido por Osvaldo Aranha, Ministro de Relações Exteriores:

⁹⁴ Em 08 de dezembro de 1941, um dia após o ataque japonês à Pearl Harbor, os EUA formalmente declararam guerra contra o país asiático e, três dias depois, Alemanha e Itália se voltaram contra os estadunidenses, tendo assim um realinhamento e reorganização em relação aos componentes dos principais grupos da Segunda Guerra Mundial.

O Brasil, meus senhores, em toda a sua história sempre teve como decisivo o valor de sua palavra. Recebemos de nossos antepassados esse patrimônio moral incomparável e o defenderemos com todas as nossas forças. Estamos dispostos a todos os sacrifícios para a nossa defesa e a defesa da América. Nosso povo, que evoluiu na paz, que formou sua mentalidade no acolhimento fraternal de todos os homens de boa vontade, tem em seus estatutos nunca violados o repúdio à guerra de conquista. Não acreditamos que a guerra seja elemento de civilização ou de evolução. Não acreditamos que a guerra seja capaz de assegurar a felicidade dos povos. Nosso progresso não se processou com o espírito dominado pela obsessão da guerra. E, como todas as Nações que amam a paz, fomos até imprevidentes em nossa defesa, porque os recursos do povo os aplicamos em benefícios diretos do povo e nunca contra outros povos.

A neutralidade do Brasil foi sempre exemplar, mas nossa solidariedade com a América é histórica e tradicional. As decisões da América sempre obrigaram o Brasil e mais, ainda, as agressões à América. Esta foi a nossa História, essa há de ser a nossa História, porque o curso de tempo não reduziu, antes aumentou nos brasileiros não só a confiança em si mesmos, mas a consciência da solidariedade com seus irmãos americanos⁹⁵.

Embora o Brasil formal e efetivamente não estivesse entrado no conflito, já estava decidido qual seria seu lado. E essa decisão, não ocorreu apenas por solidariedade aos EUA - estava atrelada principalmente às trocas comerciais e apoio estadunidense a algumas estratégias de Vargas no Brasil, sobretudo à ampliação do desenvolvimento industrial no país.

No dia 22 de agosto de 1942 o Brasil declarou, formalmente, guerra ao Eixo, e nove dias depois, o decreto nº 10.358⁹⁶ deixava toda a nação em “estado de guerra”. O Brasil aderiu ao conflito diretamente.

A participação do Brasil nesse conflito global, a partir de 1942, também iria repercutir e afetar o futebol nacional. Seja através da convocação de atletas para a Força Expedicionária Brasileira (FEB), da atuação dos clubes no esforço de guerra ou da repressão estatal – e da subsequente “nacionalização” – a agremiações esportivas identificadas com colônias estrangeiras, o mais popular dos esportes não passaria incólume pelas conturbações externas e internas que marcariam a primeira metade da década de 1940⁹⁷.

O Brasil entra de forma efetiva no conflito, o que resultaria em uma necessidade de mobilização dos recursos civis para os esforços de Guerra. Clubes cariocas se engajaram e assumiram certo protagonismo, ao conseguirem alcançar expressivo envolvimento de seus associados e torcedores. Em um cenário onde a mobilização militar encontrou diversos obstáculos e a falta de engajamento popular na empreitada expedicionária era uma realidade, a participação dos principais clubes de futebol da capital federal, seria de extrema importância.

⁹⁵ Osvaldo Aranha, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1942.

⁹⁶ BRASIL, Decreto nº 10.358, 1942.

⁹⁷ DE FREIXO, A; CAMILO ALVES, V. O Futebol em Tempos de Conflito: os grandes clubes do Rio de Janeiro e a Segunda Guerra Mundial (1942-1945). **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 32, p. E0101, 2021, p. 7.

Nesse contexto, o Club de Regatas Vasco da Gama teria atuação destacada, e seu estádio papel fundamental na formação de soldados e nos esforços de Guerra. De acordo com o material produzido pelo clube em comemoração ao seu Cinquentenário,

A cooperação do Club de Regatas Vasco da Gama com os poderes públicos tem sido frequente e de importância que ressalta da simples enunciação dos fatos principais. Essa colaboração sempre foi prestada às forças armadas, Ministério do Trabalho, Prefeitura e outras entidades oficiais, por meio da cedência do campo de jogos, ocupação dos alojamentos do estádio e outras formas de concurso cívico e desportivo.

- Manteve o clube, até a extinção por lei da instrução militar preparatória, uma Escola de Instrução Militar onde se formaram cerca de 10.000 soldados para o serviço da Pátria.
- Alojaram-se no Estádio, antes de partir para a Itália, unidades da Força Expedicionária Brasileira: um Regimento de Santa Catarina e um Regimento Motorizado⁹⁸.

As dependências do estádio foram usadas para alojamento e treinamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB). A instituição Club de Regatas Vasco da Gama, mais que ceder espaço para o treinamento e alojamento de combatentes, se esforçava também na tarefa de mobilizar o recrutamento de futuros combatentes.

Em abril de 1942, o *Jornal dos Esportes* noticiava que o Club de Regatas Vasco da Gama iria realizar uma conferência – “Jovens do Brasil, sentido!” - no Palácio Tiradentes, com o objetivo de estimular os jovens a se tornarem voluntários e lutarem pelo país na guerra.

A mesma edição destacava que o popular clube carioca mantinha em sua sede, no bairro de São Cristóvão, “a maior e mais bem organizada Escola de Instrução Militar, a de nº 307, que fornece anualmente às reservas do Exército Nacional, quase um milhão de reservistas”. Nos meses seguintes, matérias similares sobre o engajamento das agremiações esportivas cariocas no esforço de guerra se tornariam constantes não só nas páginas desse diário esportivo, mas também nas dos demais veículos de imprensa no Rio de Janeiro⁹⁹.

Uma escultura em bronze, em homenagem aos atiradores brasileiros, passou a fazer parte do espaço físico do estádio em 1942, marcando e eternizando de forma concreta, a presença da Escola de Instrução Militar nº 307 nas dependências do estádio (Figura 30). Estima-se que mais de 10.000 soldados se formaram e receberam certificação na Escola de Instrução Militar nº 307. A Figura 31 mostra a cerimônia de entrega dos certificados aos reservistas de 1944 do C. R. Vasco da Gama, pelo 1º Sargento Gabriel Junqueira, Instrutor da E. I. M. 307.

Figura 30 - O Monumento ao Atirador (ou Monumento em Homenagem aos Atiradores do Brasil)

⁹⁸ Livro “**Memória do Cinquentenário 1898- 1948**”, produzido pelo Club de Regatas Vasco da Gama, p. 29.

⁹⁹ DE FREIXO, A; CAMILO ALVES, V. O Futebol em Tempos de Conflito: os grandes clubes do Rio de Janeiro e a Segunda Guerra Mundial (1942-1945). **Tempo e Argumento**, v. 13, n. 32, p. E0101, 2021, p. 17.



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Nota: Escultura em bronze, inaugurado em 11 de outubro de 1942, constitui-se em uma homenagem feita pelo então Presidente do Clube, Cyro Aranha, à Escola de Instrução Militar Nº 307, o popular Tiro de Guerra do Vasco.

Figura 31 - Cerimônia de entrega de Certificado de Reservistas da Escola de Instrução Militar Nº307. São Januário/RJ, 1944.



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Além de ceder sua sede para alojamento e treinamento do Exército, o clube, engajado

nos esforços de guerra, também se destacou com a campanha pró-avião Vasco da Gama. “Era preciso fazer alguma coisa de mais concreto pela causa da liberdade”¹⁰⁰, e diante das mais variadas provas do civismo de seus associados, o clube lança a campanha certo de que alcançaria sua meta, uma vez que, nas palavras de Cordinha, tesoureiro da campanha, “no Vasco basta lançar a semente. Quando a terra é boa, em pouco tempo a árvore está grande e a dar frutos”¹⁰¹.

A campanha visava angariar fundos para a doação de uma aeronave para a Força Aérea Brasileira, e embora envolvesse todas as entidades esportivas do Brasil, o clube de São Januário se destacou ao conseguir através da mobilização de seus sócios e torcedores, a doação de duas aeronaves à FAB.

Naquela noite memorável, em São Januário, disputava-se uma finalíssima do campeonato brasileiro. No intervalo, em empolgante cerimônia de civismo, foram entregues ao Ministro da Aeronáutica os aviões vascaínos. Sentiam, todos os vascaínos, o coração bater de emoção e o peito arfar de patriotismo. A Cruz de Malta, pintada da <<nacelle>> dos aviões, tinha a mesma cor e quase a mesma forma daquela outra cruz: a benemérita Cruz Vermelha, símbolo de socorro, de esperança e de piedade para o que sofre e agoniza no campo de batalha. Diz o professor Castro Filho a quem devemos este precioso relato: “Eu me sentia desligado daquela praça verde, palco de lutas desportivas gigantescas. O meu pensamento vagueava por outras paragens: o campo de lutas sangrentas e irreparáveis em que, naquela hora, por certo, preliavam, como heróis, muitos nos nossos atletas, tantos dos moços que ali receberam as primeiras lições de coragem e de civismo. O meu olhar turvado de lágrimas, estava preso aos graciosos movimentos do Pavilhão Nacional do grande mastro. Parecia-me ver nêsse ondular de verde e ouro o acêno protetor e amigo do reconhecimento; eu via a Bandeira do Brasil a acenar para todos, como se lhes dissesse comovida: - Obrigada, Vasco, muito obrigada vascaínos; Deus vos conserve êsse grande, e imenso coração”¹⁰².

A cerimônia de entrega do avião à FAB foi realizada no estádio São Januário, em 10 de dezembro de 1942, na preliminar da final do campeonato brasileiro de seleções, disputada entre o Distrito Federal e São Paulo. Participaram do evento de entrega o Dr. Pedro Calmon, que por designação do Ministro da Aeronáutica, recebeu a doação em favor do Aeroclube de Salvador-BA para a instrução de novos pilotos, e do paraninfo e vascaíno de longa data, Joaquim Fagundes Leal, que batizou a aeronave.

Desta forma, o estádio Vasco da Gama esteve ligado de forma direta com o processo de legitimação social do samba, dando espaço e voz ao ritmo, seus produtores e suas manifestações até então marginalizados, mas que anos mais tarde, se tornariam elementos centrais da identidade nacional brasileira, assim como o futebol.

Figura 32 - Batismo do Avião Vasco da Gama, em 10 de dezembro de 1942

¹⁰⁰ **Memória do Cinquentenário:** 1898-1948. Material produzido pelo Club de Regatas Vasco da Gama em Comemoração ao seu Cinquentenário, p. 35.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 36.

¹⁰² Crônica da série ‘Um Cinquentenário Desportivo’, de José da Silva Rocha, publicada no Jornal “A Noite”. In: **Memória do Cinquentenário: 1898-1948.** Material produzido pelo Club de Regatas Vasco da Gama em Comemoração ao seu Cinquentenário, p. 37-38.



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Nota: O avião doado pelo clube era um L-4H-PI Piper Grasshopper.

Para além disso, o estádio também se mostrou espaço fundamental para o país em sua participação na Segunda Guerra Mundial. A instituição se mostrou comprometida com os esforços de guerra e com a causa patriótica, não só cedendo seu espaço para o recrutamento e preparação dos soldados, mas também na arrecadação de fundos para a compra de aeronaves. As dependências de São Januário estão atreladas à história social e política de nosso país, dando ao estádio uma significação para além de sua função futebolística.

3.3 Educação e trabalho nos gramados de São Januário

O período pós Primeira República, se caracterizou pelo fortalecimento do Poder Executivo, que interferia no sistema político buscando promover um vasto conjunto de reformas administrativas, políticas, econômicas e sociais. O auge desse fortalecimento aconteceu após o golpe político de 1937, quando Vargas implantou um governo ditatorial, conhecido como “Estado Novo”.

Fundamentado em um forte mecanismo de censura comandado pelo DIP, que tinha como objetivo anular divergências e promover as bases do governo ditatorial sob o campo da cultura, o regime criou mecanismos de controle utilizando produções ligadas à educação, turismo, rádio e cinema que propiciaram a legitimidade do período no imaginário popular a partir do culto ao líder e da exaltação e do fortalecimento do sentimento de unidade nacional.

O debate sobre a ideologia nacionalista antecede o século XIX, mas foi a partir desse período que a nação passou a ser tomada como tema de análise e reflexão de forma mais intensa. A princípio, como sugere Hobsbawm¹⁰³, entre os séculos XVI e XVII, nação seria um povo que habitava um determinado território ou pertencia a um determinado grupo étnico com características culturais em comum. As ligações da definição de nação com o Estado e com conotação política surgem com o processo de industrialização no século XVIII e se intensificam com os desdobramentos dessa nova dinâmica de trabalho e organização política e social.

Assim, o Estado Moderno, através da criação e desenvolvimento de mecanismos para estimular o sentimento de pertencimento na população, utilizou-se dos meios de comunicação para fortalecer o sentimento de pertencimento e identificação nacional. A comunicação de massa, através do cinema, rádio e imprensa, conseguia transformar os símbolos nacionais em parte da vida de qualquer indivíduo.

A questão da construção e da formação da identidade brasileira é pertinente desde o processo de Independência do país, no qual o Estado foi grande responsável. Entretanto, a formulação e a defesa da temática não se limitou à iniciativa de pessoas diretamente envolvidas nas tramas partidárias, contando também com a participação de intelectuais de formações variadas que se dispuseram a pesquisar e conhecer o “verdadeiro” Brasil. Preocupavam-se em delinear um perfil da nação, realçando principalmente suas características peculiares de modo que essas lhes garantissem uma identidade própria diante de outras nações, em particular, da nação lusitana¹⁰⁴.

A busca por nossas origens, as características de nosso processo de colonização e a herança deixada por nossos colonizadores, a diversidade populacional, as autênticas formas de expressão popular, a miscigenação, e o processo de imigração europeia no fim do século XIX, são usados como base para delimitar a realidade nacional e construir as simbologias necessárias para a formação da identidade brasileira.

¹⁰³ HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2004.

¹⁰⁴ AVANCI, Roberta. Educação para o Progresso: apontamentos sobre a educação no projeto nacionalista de Getúlio Vargas (1937-1945). In: *Como se Faz a História: Arquivos, práticas, temas e teorias*. Semana de História UFV. **Anais [...]**. Viçosa-Minas Gerais, 2013. p. 84-91. p. 19.

Heitor Villa Lobos foi um dos importantes nomes ligados a esse processo de construção e fortalecimento da identidade nacional tão forte no período varguista, se tornando uma espécie de músico oficial do regime.

Tanto a obra musical quanto a militância pedagógica do compositor Heitor Villa Lobos ajudaram a construir uma imagem de nação que era, em muitos aspectos, identificada com os ideais dos governos que ocuparam o poder entre 1930 e 1945, período designado pela historiografia brasileira como Era Vargas. Estes ideais foram postos em prática em políticas implementadas sobretudo durante o Estado Novo, período abertamente ditatorial que vai de 1937 até a deposição de Vargas em 1945 e que está historicamente vinculado ao processo político iniciado pela revolução de 1930. Já desde sua posse, o Governo Provisório de 1930 procurou dotar-se de instrumentos de poder capazes de garantir sua sustentação. Centralizando as forças políticas, então pulverizadas nas oligarquias regionais, o aparelho do Estado foi sendo reorganizado a fim de, progressivamente, consolidar o controle do Executivo Federal sobre o processo decisório. As intervenções “modernizadoras”, apoiadas na ideia de “reconstrução nacional”, não se deram apenas nos planos econômico e militar. A criação do Ministério do Trabalho, já em 1930, garantiu a tutela do Estado sobre a organização sindical, definindo o trabalho como fator primordial na política desse “Estado centralizado e forte”. Controle sobre o trabalho, centralização do poder e unidade nacional constituem elementos fundamentais para a compreensão do aparato ideológico construído durante a Era Vargas. Oriundo da mesma matriz ideológica, embora estabelecendo diferenças locais, o Estado varguista adotou procedimentos do fascismo europeu, tais como o uso sistemático da propaganda como veículo de seus preceitos. A difusão do ideário varguista se deu através de canais de diversas naturezas. Numa época em que os símbolos nacionais ainda não se encontravam claramente definidos, as festas cívicas - como representação de ordem, civismo, unidade nacional e participação coletiva na totalidade da nação - se constituíram como instrumento de legitimação desses símbolos na imaginação coletiva¹⁰⁵.

O músico era considerado importante compositor de estética nacionalista e possuía obras reconhecidas a nível internacional, em decorrência de um período como embaixador cultural na Europa durante a década de 1920. À frente da SEMA (Superintendência de Educação Musical e Artística), criada por Anísio Teixeira¹⁰⁶ em 1932, Villa-Lobos implementou seu projeto de educação musical com o intuito de estender ao povo a educação social através da música, buscando promover a disciplina, a educação cívica e a educação artística na capital federal.

O artista recebeu apoio oficial para a realização de grandiosos espetáculos, chamados de “concentrações orfeônicas”. Esses espetáculos foram cada vez mais frequentes durante o

¹⁰⁵ PAOLIELLO, Guilherme. Villa-Lobos e o canto coletivo na Era Vargas (1930-1945). *Artefilosofia*, Ouro Preto, v. 1, p. 151-152, 2006.

¹⁰⁶ Anísio Spínola Teixeira, jurista, intelectual, educador e escritor brasileiro. No auge do debate sobre a universalização da escola pública, laica, gratuita e obrigatória, na década de 1930, Anísio Teixeira foi destacado como um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Ele defendia uma educação construtivista, que pensava os alunos como agentes transformadores da sociedade. O intelectual também expressava, em suas ideias, uma preocupação constante com a educação livre de privilégios.

Estado Novo e reunia um grande número de cantores (orfeões), em sua grande maioria crianças, executando repertório patriótico.

Nesse período, o Club de Regatas Vasco da Gama, em diversas oportunidades, sediou, em São Januário, comemorações do Dia da Independência, sendo palco para a realização da cerimônia cívica “Hora da Independência”, que contava com a presença do Presidente Getúlio Vargas e uma multidão de pessoas (Figuras 33 e 34).

Figura 33 - Imagem do palanque onde ficavam o Presidente da República e demais autoridades durante a cerimônia da Hora da Independência



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Figura 34 - Aspecto grandioso do Estádio de São Januário na tarde de 07 de setembro de 1943, durante a cerimônia cívica da Hora da Independência, realizada com a presença do Presidente da República, Getúlio Vargas



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Uma das principais atrações do evento era o maestro Heitor Villa-Lobos regendo o coral orfeônico, com mais de 40 mil vozes de crianças e jovens estudantes de escolas públicas e privadas da capital federal, que cantavam o hino nacional e outras peças musicais. As apresentações eram fruto de um projeto de educação musical nas escolas, onde o maestro propunha diversas atividades com o objetivo de valorizar as músicas folclóricas brasileiras. O projeto, que contava com o apoio de Vargas, valorizava os elementos musicais regionais e as tradições brasileiras (Figura 35).

Figura 35 - Maestro Heitor Villa-Lobos. São Januário/RJ



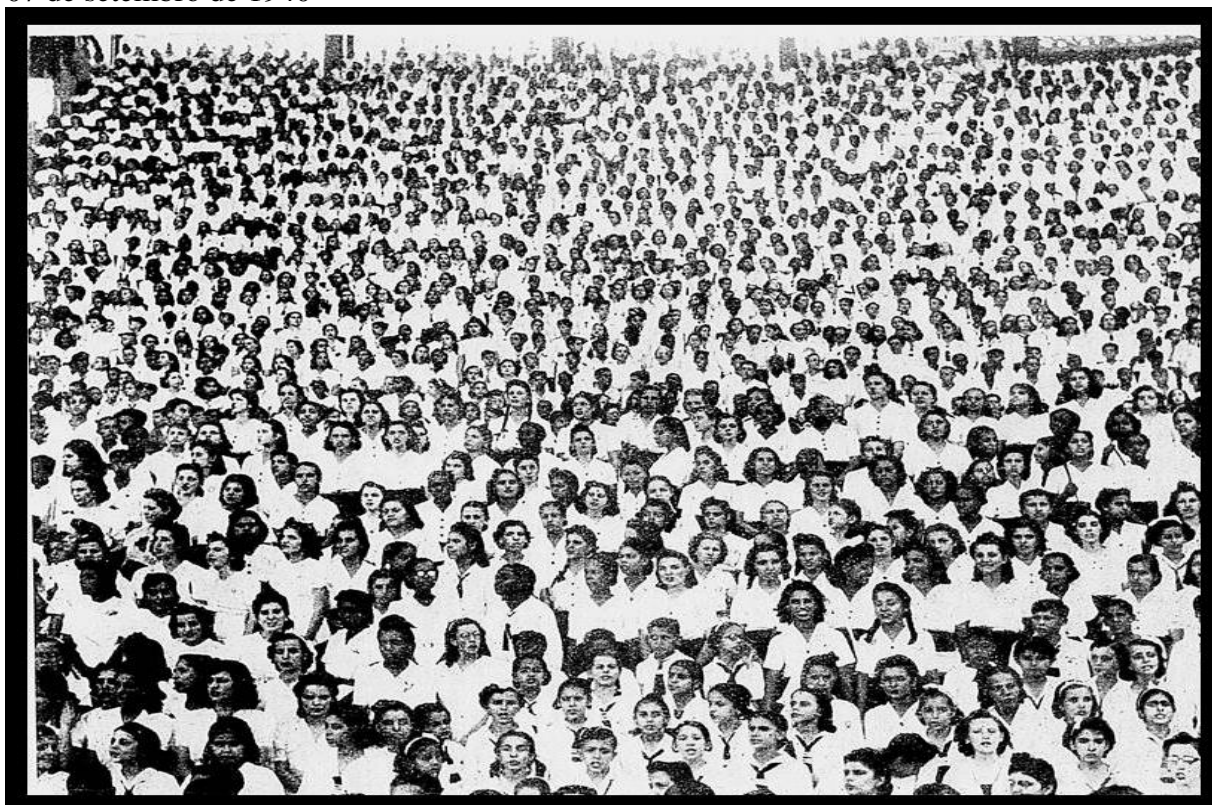
Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Após assistir uma dessas apresentações musicais regidas por Villa-Lobos, o poeta e cronista Carlos Dummond de Andrade, externa o importante papel dos eventos para a construção de um sentimento de identidade e pertencimento:

A multidão em torno vivia uma emoção brasileira e cósmica, estávamos tão unidos uns aos outros, tão participantes e ao mesmo tempo tão individualizados e ricos de nós mesmos, na plenitude de nossa capacidade sensorial, era tão belo e esmagador, que, para muitos, não havia outro jeito se não chorar; chorar de pura alegria. Através da cortina de lágrimas, desenhava-se a figura nevoenta do maestro, que captara a essência musical de nosso povo, índios, negros, trabalhadores eito, caboclos, seresteiros do arrabalde; que lhe juntara ecos e rumores de rios, encostas, grutas, lavouras, jogos infantis, assobios e risadas de capetas folclóricas¹⁰⁷.

¹⁰⁷ MAIA, Maria. Villa-Lobos. **Alma brasileira**. Rio de Janeiro: Contraponto: Petrobras, 2000, p. 48-49 (apud).

Figura 36 - Coral orfeônico regido pelo Maestro Heitor Villa-Lobos. Estádio de São Januário, 07 de setembro de 1940



Fonte: Blog Memória Vascaína.

Figura 37 - Coral orfeônico regido pelo Maestro Heitor Villa-Lobos. Estádio de São Januário, 07 de setembro de 1942



Fonte: Blog Memória Vascaína.

A presença do coral composto por tantas vozes, infantis e juvenis, sob o comando de Villa-Lobos, alcançava harmonia perfeita e encantava a todos os presentes com os hinos patrióticos, cantos de louvor, marchas e canções folclóricas. O evento marcava não só por sua grandiosidade, mas também por envolver crianças e adultos na missão de educar o povo através da música (Figuras 36 e 37).

E a multidão presente nas arquibancadas de São Januário era algo frequente durante o período em que Vargas esteve no poder. Durante o Estado Novo, uma série de comemorações oficiais destacavam certas datas e envolviam a população em um calendário festivo que dava grande destaque à figura do trabalhador. O primeiro Dia do Trabalho comemorado pelo Estado Novo foi em 1938, e partir daquele ano a data não passaria mais em branco e tomaria proporções cada vez maiores. Em 1938 a solenidade aconteceria no Palácio Guanabara, em 1939 um evento de maior porte seria realizado no Palácio do Trabalho, e em 1940, a festa seria levada para o Estádio São Januário.

O Dia do Trabalho passou a assumir certos contornos rituais. Era sempre uma comemoração de massas, na qual o presidente em pessoa se encontrava e falava com os trabalhadores. Mais do que isso, era uma data que passou a ser aguardada pelos trabalhadores, já que era a ocasião em que se anunciava mais uma iniciativa governamental de peso no campo do direito social: o presente da festa¹⁰⁸.

Em 1940, o estádio São Januário é escolhido pelo presidente Getúlio Vargas para receber as comemorações do Dia do Trabalho, e no 1º de maio daquele ano, em meio a uma grande festa e muitas apresentações, em seu discurso o presidente assina o decreto-lei que instituiria o salário mínimo.

O 1º de Maio para a cultura política estadonovista, marcava o encontro do líder com as massas. Esse momento era reservado para que o governo pudesse prestar contas à população de suas ações. Ao povo, na visão estadonovista, cabia legitimá-las ao comparecer em grande número às festividades oficiais em comemoração ao Dia do Trabalho.

O jornal *O globo* trazia com destaque em sua página 8 do dia 2 de maio de 1940, a matéria intitulada “Paz e Justiça para o trabalhador do Brasil”. A solenidade foi realizada no campo do Vasco da Gama, onde houve discursos do chefe de Governo e do Ministro do Trabalho, e a assinatura do decreto-lei que instituía o salário mínimo (Figura 38).

¹⁰⁸ GOMES, Angela Maria de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2005. p. 217.

Na publicação, “Antes das 15h a massa operária já ia se espalhando pelas arquibancadas do stadium”, além da massa operária, representantes dos sindicatos de classe, autoridades como o prefeito da capital federal, Sr. Henrique Dodsworth, o Ministro da Educação Gustavo Capanema, dentre tantas outras, encheram a tribuna de honra do estádio. Às 16h, Getúlio Vargas, acompanhado pelo Ministro do Trabalho Sr. Waldemar Falcão e pelo General Francisco José Pinto, subia as escadarias da tribuna de honra sob vibrantes aplausos. E não eram só os trabalhadores os responsáveis por manifestar a gratidão à Vargas, as crianças presentes atiravam pétalas de flores sobre o presidente, que agradecia sorridente as manifestações de carinho.

Em seu discurso, o Ministro do Trabalho, Sr. Waldemar Falcão, exaltou a forma como Vargas havia mudado o significado da comemoração do 1º de Maio. Em suas palavras,

Então, o 1º de maio resumia, de facto, ephemerides que se marcavam com o signo Vermelho da violência e do martyrio, salpintadas do sangue dos revoltados e dos incompreendidos, que clamavam e lutavam pelo direito dos humildes e pela reivindicação de principios elementares de justiça e de reparação sociaes. [...] Fostes vós, Sr. president Getúlio Vargas, o homem de governo que, bem cedo, tudo previu e neutralizou, eliminando o ambiente para as revoluções sociaes, porque tiveres coração para sentir as resonancias da grande alma sofredora da multidão anonyma dos desherdados, acampados então á margem da sociedade brasileira, como se porventura fossem cellulas estranhas ao organismo da Pátria. [...] E crescestes na gratidão dos brasileiros e avultastes na memoria agradecida de todas as classes, e ficastes emoldurado na consciencia da gente simples e boa de nossas massas trabalhadoras, vivendo na alma reconhecida dessa multidão infindável de operarios rudes, mas sinceros, que ainda agora vos applaudem, na vibração calorosa desse espetaculo incomparavel de civismo e de belleza commovedora. [...] São maozinhas infantis que vos batem palmas, e são labios de crianças que pedem a Deus por vós. São mãos calosas e honradas de trabalhadores que, traçam, na luz desta tarde, o symbol augusto de um monument indestructivel erguido para sempre áquelle que soube reconstruir a nacionalidade sobre os fundamentos eternos do amor e da justiça¹⁰⁹.

A lógica simbólica do discurso trabalhista ressignificou os benefícios sociais, agora não mais vistos como conquista ou reparação, mas como um ato de generosidade que envolvia reciprocidade. O Estado era produtor de um discurso que utilizava elementos-chave da autoimagem dos trabalhadores, e articulava valores, tradições e as demandas dessa classe, criava conexões e estabelecia mecanismos geradores de relações sociais sólidas e estáveis. Os benefícios sociais eram apresentados aos trabalhadores como um presente outorgado pelo Estado, como se as suas demandas fossem atendidas por uma autoridade virtuosa, paternal e justa, que se preocupava com seu sofrimento e os reconhecia como parte fundamental do todo.

¹⁰⁹ Trechos do discurso proferido pelo Ministro do Trabalho, Waldemar Falcão, na comemoração do Dia do Trabalho, em 1º de maio de 1940. Discurso publicado na íntegra pelo Jornal O Globo, edição de 2 de maio de 1940.

E a gratidão da classe trabalhadora era o combustível para que novas demandas fossem atendidas pelo Estado. A reciprocidade fazia com que os benefícios fossem concedidos sem a necessidade de luta ou revoltas.

Em seu discurso, Waldemar Falcão exaltava a figura de Vargas, por reconhecer os direitos fundamentais do trabalhador e valorizar o capital humano. E o resultado disso era a gratidão não só dos trabalhadores, mas também de suas famílias, de crianças que em sua pureza e ingenuidade, já reconheciam o impacto dos benefícios concedidos por Vargas, à classe trabalhadora.

Após apresentação de números de cantos e canções patrióticas, e da entrega de honrarias à representantes do setor industrial e sindical, era Vargas quem assumiria a palavra e daria início ao seu discurso.

TRABALHADORES DO BRASIL – Aqui estou, como de outras vezes, para compartilhar das vossas comemorações e testemunhar o apreço em que tenho o homem de trabalho como collaborador directo da obra da reconstrução politica e economica da pátria. [...] Todo trabalhador, qualquer que seja a sua profissão, é – a esse respeito – um patriota que conjuga o seu esforço individual á uma acção coletiva em prol da independência economica da nacionalidade. O nosso progresso não póde ser obra exclusiva do Governo, e, sim, de toda a Nação, de todas as classes, de todos os homens e mulheres que se ennobrecem pelo trabalho, valorizando a terra em que nasceram. Constitue preocupação constante do regimen que adoptamos diffundir entre os elementos laboriosos a noção da responsabilidade que lhes cabe no desenvolvimento do pais, pois o trabalho bem feito é uma alta fórmula de patriotismo como a ociosidade uma attitude nociva e reprovavel. [...] Falando num momento como este, diante de uma multidão que vibra de exaltação patriotica, nao posso deixar de pensar como os nossos governantes permaneceram, durante tanto tempo, indifferentes á cooperação constructiva das classes trabalhistas. Delegados a uma existencia vegetativa, privados de direitos e afastados dos beneficios da civilização, da cultura e do conforto, os trabalhadores brasileiros nunca obtiveram, sob os governos eleitoraes, a menor protecção, o mais elementar amparo. Para arrancar-lhes os votos, os politicos profissionaes tinham de mantel-os desorganizados e sujeitos á vassalagem dos cabos eleitoraes. [...] Os beneficios da politica trabalhista, emprehendido nestes ultimos anos, alcançam profundamente todos os grupo sociaes, promovendo o melhoramento das condições de vida nas varias regiões do paiz e elevando o nivel de saude e do bem estar geral¹¹⁰.

Em suas palavras, Vargas além reforçar o processo de ressignificação das comemorações do Dia do Trabalho, reforça também que, foi a partir de seu governo que as classes trabalhadoras começaram ser vistas como classe que enobrece sua pátria com o seu trabalho, e contribui para o progresso da Nação. E, mais que isso, apenas sob seu governo, direitos e benefícios começaram a ser concedidos a essa classe. Em seu discurso, o líder das

¹¹⁰ Trechos do discurso proferido pelo Presidente Getúlio Vargas, na comemoração do Dia do Trabalho, em 1º de maio de 1940. Discurso publicado na íntegra pelo Jornal O Globo, edição de 2 de maio de 1940.

massas, o “pai dos pobres”¹¹¹, era sempre o sujeito das ações, aquele que criou, estabeleceu, determinou, o que nenhum outro antes havia feito.

Além disso, o presidente ressalta o importante papel do Estado na elaboração da legislação trabalhista, na organização sindical e na valorização do trabalho. Foi, a partir da política trabalhista, que todos os grupos sociais, de várias regiões do país, começaram a ter acesso aos “benefícios da civilização, da cultura e do conforto” elevando o nível de saúde e bem estar da nação.

Nesta oportunidade, o presidente estabelece a Lei que fixa o salário mínimo (Figura 39); anuncia que a Justiça do Trabalho, cuja regulamentação estava em fase final de estudos, seria posta em vigor em breve; e reforça sua benevolência e o seu compromisso com a massa trabalhadora.

Figura 39 - O presidente do Brasil assina o decreto-lei que cria o salário mínimo no Brasil



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

Ao finalizar seu discurso, suas últimas palavras foram abafadas pela multidão presente com palmas e aclamações. O presidente se retirou do estádio e em seus arredores, a multidão que se aglomerava o acompanhava no trajeto pelas ruas vizinhas sob salva de palmas. Vargas tinha encontrado no bairro São Cristóvão e no estádio São Januário, o ambiente propício para

¹¹¹ Durante o Estado Novo, o Departamento de Imprensa e Propaganda, referia-se à Getúlio Vargas como o “pai dos pobres”, implantando na população o culto ao presidente, responsável por garantir direitos sociais à classe trabalhadora.

seus eventos. Se o trabalhador brasileiro era o seu principal foco, um estádio de futebol construído com a ajuda financeira e laboral de operários e dentro de um bairro essencialmente operário, se mostrava um local simbólico e de grande carga afetiva para a classe.

Em 1941 as comemorações do 1º de maio voltam a acontecer em São Januário, e desta vez, durante seu discurso, Vargas instituiu a Justiça do Trabalho. O presidente discursou e inaugurou oito Conselhos Regionais do Trabalho em diferentes capitais do país, o que significou para além de uma conquista de direitos, o reconhecimento desses direitos através de uma legislação instituída.

O cenário legislativo, social e político que permitiram a instituição da Justiça de Trabalho naquele 1º de maio de 1941, foi construído por um governo que colocou a questão social como foco, e teve como principais protagonistas o seu líder e a classe trabalhadora. Nas arquibancadas de São Januário, a massa trabalhadora ouvia em polvorosa as palavras proferidas por Vargas em seu discurso oficial.

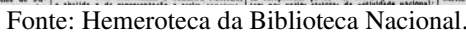
TRABALHADORES DO BRASIL – Na grandiosa data das Comemorações do Trabalho, estou de novo entre vós, vindo de longe para compartilhar das vossas alegrias e dirigir-vos palavras de confiança e de fé. Quero, mais uma vez, louvar o operariado nacional pela lealdade e inteligência da sua cooperação com o Governo, que soube interpretar-lhe as legítimas aspirações e defender-lhe os justos interesses. [...] A Justiça do Trabalho, que declaro instalada neste histórico Primeiro de Maio, tem essa missão. Cumpre-lhe defender de todos os perigos a nossa modelar legislação social-trabalhista, aprimorá-la pela jurisprudência coerente e pela retidão e firmeza das sentenças. Da nova magistratura outra coisa não esperam Governo, empregados e empregadores¹¹².

Vargas como de costume, exalta a postura leal dos trabalhadores, reafirma a necessidade de organização da classe e como a cooperação dos mesmos era essencial para o crescimento do país e para que mais direitos fossem alcançados pela classe. Assim como no discurso do ano anterior, suas palavras estavam fundamentadas na reciprocidade entre trabalhadores e governo, e em como a instalação da Justiça do trabalho era algo necessário para que a legislação social-trabalhista, proposta por seu governo, fosse assegurada.

A organização do evento, nessa edição, se mostrava ainda maior que as anteriores. De acordo com Isabel Bilhão,

A imprensa publicou, pela primeira vez, uma extensa regulamentação de como deveriam se portar e desfilar cada uma das representações, incluindo a orientação detalhada dos portões do estádio a serem utilizados para a entrada de cada grupo. Da programação destacam-se, além das apresentações artísticas, a execução do Hino Nacional e o discurso de Vargas; a realização de duas partidas de futebol, uma entre jogadores profissionais, representando as zonas Norte e Sul da cidade, e outra entre

¹¹² Trechos do discurso pronunciado por Getúlio Vargas no Estádio “Vasco da Gama”, por ocasião das comemorações do Dia do Trabalho, a 1º de maio de 1941. Fonte: Biblioteca da Presidência da República.



¹¹³ BILHÃO, Isabel. "Trabalhadores do Brasil!": as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista. **Revista Brasileira de História** (Online), v. 31, p. 82, 2011.

Na Figura 40, o *Jornal do Commercio*, na edição de 1º de maio de 1941, publica toda a programação do evento, evidencia a participação da Marinha e das Forças Armadas, e ressalta a sua transmissão pelo rádio. O “stadium” seria novamente, naquele ano, palco de uma festividade que estava adquirindo novos contornos e aumentando seu poder de alcance através da imprensa. No ano de 1942, porém, a data seria comemorada de forma diferente das anteriores devido à ausência de Vargas, que havia sofrido um acidente automobilístico (Figura 41).

Figura 41 - Vargas desfila em carro aberto em São Januário. 1º de maio de 1941



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

Em sua edição do dia 3 de maio de 1942, o *Correio da Manhã* detalha o acidente sofrido pelo presidente (Figura 42). Segundo publicação, quando se dirigia ao Palácio Guanabara, por volta das 15h, vindo de Petrópolis, o carro em que viajava o Presidente Getúlio Vargas se chocou com um poste de sinalização, na praia do Flamengo esquina da rua Silveira Martins. Ainda segundo publicação, devido a violência do choque, o presidente veio a sofrer ferimentos, embora sem maior gravidade.

Figura 42 - Jornal Correio da Manhã, edição de 3 de maio de 1942 o Acidente de Getúlio Vargas e sua ausência nas comemorações do Dia do Trabalho



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Com o acidente sofrido por Vargas, as comemorações do 1º de Maio no Estádio São Januário, embora mantivesse grande concentração trabalhista, naquele ano não atingiria o brilhantismo a que estava destinada, uma vez que os operários em grande massa presentes no local, seriam privados do tradicional discurso do Presidente da República (Figura 43).

Figura 43 - Desfile em celebração do dia 1º de maio no Estádio de São Januário, 1942



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional

Nota: Ao fundo, "placa" de publicidade da Companhia Siderúrgica Nacional, criada na era Vargas.

Sem Vargas, o que se notou foi uma forte presença das Forças Armadas Brasileiras, que naquele momento se preparavam para entrar na Segunda Guerra Mundial. A celebração do 1º de Maio em 1942 ocorreu sob forte impacto da participação do Brasil na Guerra e da tentativa de capitalização política dessa participação. Nesse contexto, buscou-se reforçar o valor positivo da disciplina, da ordem e do respeito à hierarquia, como valores necessários a um país em guerra. Neste ano, houve novamente grande cuidado com a questão organizacional do evento, e antes mesmo de chegarem ao estádio, os participantes foram informados do local que ocupariam. As gerais foram reservadas ao povo; as arquibancadas aos sindicatos; as tribunas especiais aos tiros de guerra; as tribunas de honra aos sócios do Vasco e às altas autoridades civis e militares. Sob coordenação do DIP, os discursos oficiais seriam transmitidos em cadeia nacional, como ocorrera no ano anterior.

Com a ausência de Vargas, Alexandre Marcondes Filho, Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, ficou responsável por ler o discurso do chefe de governo, discurso esse, que centrava-se na necessidade de aumento da produção em quantidades exportáveis, e reforçava o apelo nacionalista.

Nos anos seguintes, em 1943 e 1944, as celebrações do 1º de Maio não seriam realizadas no Estádio São Januário, como vinham sendo desde 1940. Em 1943 a festividade aconteceu na Esplanada do Castelo, e nesta ocasião o Presidente Vargas assina o Decreto-Lei nº 5.452, garantindo direitos básicos como o salário mínimo e regulamentação da jornada de trabalho, consolidando as leis do Trabalho (CLT). No ano seguinte, Getúlio Vargas participaria das comemorações em São Paulo, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu.

Vargas justificou a realização da comemoração do 1º de Maio em São Paulo como uma resposta ao apelo dos trabalhadores da cidade. O estádio com maior capacidade de público no Brasil a partir de 1940, em 1944 seria palco da comemoração que nos anos anteriores, tinha o Estádio Vasco da Gama como sede. Na capital federal, houve apenas a instalação de alto-falantes em vários pontos, onde foi feita a transmissão da festa trabalhista do campo do Pacaembu, e além da transmissão, exposições de sessões cinematográficas dedicadas ao proletariado.

Com o fim da guerra, em 1945, o desfile de 1º de maio deste ano volta a acontecer em São Januário, e em seu discurso Vargas já dava sinais de que o Estado Novo estava próximo do fim. Na programação, desfiles de delegações sindicais, bandas militares e de fábricas, escoteiros, apresentações de canto orfeônico e de ginástica, jogo amistoso entre Trabalhadores da Estiva x Cerâmica, e como novidade nas comemorações, a presença do Serviço Nacional da Indústria (SENAI) – instituído por decreto presidencial em janeiro de 1942 - se apresentavam

a um público de aproximadamente 50.000 trabalhadores.

Entretanto, as comemorações do 1º de Maio de 1945 aconteceram em um cenário em que o destaque se dava ao processo eleitoral daquele ano. Nas páginas do jornal *O Globo*, de 2 de maio de 1945 (Figuras 44 e 45), fica evidente que o tão aguardado discurso de Vargas que sempre vinha recheado de uma conquista trabalhista, nesse ano, teve tom de saudosismo dos últimos 15 anos em que esteve a frente do governo do Brasil, e de despedida. Em suas palavras, Vargas estava se preparando para passar o poder, mas a verdade é que o presidente não pretendia abrir mão desse poder de forma definitiva.

Figura 44 - Jornal O Globo, edição de 2 de maio de 1945

APTURADOS OS MARECHAIS RUNDSTEDT, LIST, RITTER, LEIST E O ALMIRANTE HORTHY - (Telegramas na terceira página)

NÃO PODE HAVER DÚVIDAS SOBRE OS RUMOS DA CAMPANHA DE RECOMPOSIÇÃO DA VIDA POLÍTICA DO PAÍS, QUE DEVERÁ PROCESSAR-SE DEMOCRATICAMENTE, EM CONDIÇÕES DE ABSOLUTA SEGURANÇA", DECLAROU O SR. GETULIO VARGAS NO SEU DISCURSO DE ONTEM, A NAÇÃO

HITLER MORREU

NUNCIANDO A MORTE DO FUEHRER, NO SEU Q. G. DE BERLIM, A RADIO NAZISTA DIANTA QUE O ALMIRANTE DOENITZ ASSUMIU A CHEFIA DO GOVERNO ALEMÃO

anizador da guerra submarina, o comandante-chefe da armada do Reich — ticismo em toda parte — "Bluff" faz, diz-se em Moscou — Causa estranha o silêncio em torno de Himmler, Goering e Goebbels.



MANTER A ORDEM, REALIZAR AS ELEIÇÕES E PASSAR O PODER!

E' o que promete o Sr. Getulio Vargas, acrescentando: "Sem temer ameaças, cumprir o compromisso de garantir a todos a livre manifestação de opiniões e o exercício do direito do voto"

Frisa bem o chefe do Governo: "Ultimada a recomposição política e reajustados os quadros governamentais, retornarei às atividades de simples cidadão, recolhendo-me à vida privada" — S. Ex. passa revista à legislação trabalhista — Depois, declara: "Digam o que disserem, neguem por negar, a qualquer observador de bom senso, não escapa a evidencia do progresso que alcançamos no curto prazo de quinze anos" — E, referindo-se ainda, à sua obra: "Ninguém pode ter a ousadia, o despalante de menosprezar ou denegrir" — Conceitos sobre as candidaturas à Presidência — "A do general Eurico Gaspar Dutra, frisa, merece a confiança da Nação" — Sempre à disposição do trabalhador, mesmo depois que deixar o poder — "Quanto aos golpistas, diz, e aos reacionários de toda espécie, que pretendem interromper o trabalho e a tranquilidade do povo brasileiro, eu desafio que o façam" — Integra do discurso de 1.º de maio à Nação

Foi o seguinte o discurso pronunciado pelo chefe do Governo, Sr. Getulio Vargas, no estúdio do Clube de imprensa Vitorino da Silva, da tarde de ontem, durante as comemorações do dia 1.º de maio: "TRABALHADORES DO BRASIL — Aqui estou na vossa festa para amenizar-me as comemorações do Dia do Trabalho.

Este primeiro de maio representa, para mim e para nós, de momento significação. Estamos participando de grandes acontecimentos e assistimos ao alvorecer de uma nova fase da civilização. A nossa pátria, até hoje pouco considerada país semi-ocidental, certo, prosperou, tornou-se uma nação capaz de influir na resolução dos maiores problemas mundiais. Isso deve encorajar os orgulhosos maiores problemas mundiais. Isso deve encorajar os orgulhosos maiores problemas mundiais.

ANO XX — N. 5811 — Rio — Quarta-feira, 2 de maio de 1945

O GLOBO
FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO
Diretor-Administrador: ROBERTO ROGER
Diretor-Geral: ROBERTO MARINHO
Suplente: SUZO BARRETO

LIBERTAÇÃO IMEDIATA
das forças produtoras da Nação

O Estado deve cingir-se à função fiscalizadora, eliminando todas as formas de monopolios, semi-monopolios e órgãos oficiais encorreados de controlar e limitar a



AS COMEMORAÇÕES DO 1.º DE MAIO — Conforme fora amplamente divulgado, registou-se ontem, no campo do Vasco da Gama a concentração operária para a comemoração do Dia do Trabalho. Cerca de 50.000 pessoas ali se concentraram para participar das solenidades e ouvir o discurso do chefe do Governo. Entre esses 50.000 trabalhadores, estavam soldados da FEB dos que vieram do "front", feridos, os quais acompanhados de pessoas de suas famílias, ocuparam lugar na bandeira da imprensa. Cerca das 16 horas, chegou ao estádio do Vasco da Gama, o Sr. Getulio Vargas, em companhia do ministro do Trabalho e dos membros dos Ministérios Civil e Militar da Presidência, sendo recebido com salvas, quando as bandas militares executavam o Hino Nacional. Logo a seguir, o Orfeão do Trabalhador executou a Canção dos Trabalhadores, finda a qual o Sr. Getulio Vargas ocupou o microfone, dando início ao seu discurso. Terminada a oração, o presidente e demais autoridades retiraram-se, verificando-se então o desfile de trabalhadores, com que foram encerradas as comemorações. Na gravura, o chefe do Governo pronunciando a sua oração e um detalhe da assistência que lotou o estádio do Vasco.

EDIÇÃO DAS 11 HS.

DOMINADA

Fonte: <https://oglobo.globo.com/acervo/>.

Figura 45 - Jornal O Globo, edição de 2 de maio de 1945, p.10

Manter a ordem, realizar as eleições e passar o poder!



INAUGURADA A "GALERIA PRESIDENTE VARGAS" — Como parte integrante das comemorações do Dia do Trabalho, se realizou no programa a inauguração da Galeria Presidente Vargas, organizada pelo Ministério do Trabalho, com a finalidade de revalorizar o trabalho e a importância da iniciativa, o ministro Marcelino Filho, o Sr. Getúlio Vargas, acompanhado dos auxiliares de direito do governo, percorreu demoradamente a galeria, e depois alçou o primeiro andar da escadaria de mármore.

COLÓSSO DA VIDA

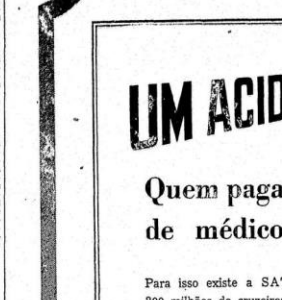
Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.



INAUGURADA A "GALERIA PRESIDENTE VARGAS" — Como parte integrante das comemorações do Dia do Trabalho, se realizou no programa a inauguração da Galeria Presidente Vargas, organizada pelo Ministério do Trabalho, com a finalidade de revalorizar o trabalho e a importância da iniciativa, o ministro Marcelino Filho, o Sr. Getúlio Vargas, acompanhado dos auxiliares de direito do governo, percorreu demoradamente a galeria, e depois alçou o primeiro andar da escadaria de mármore.

COLÓSSO DA VIDA

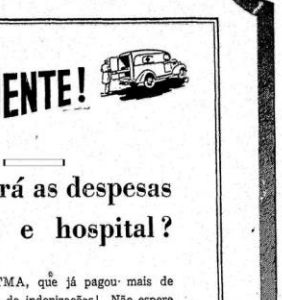
Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.



INAUGURADA A "GALERIA PRESIDENTE VARGAS" — Como parte integrante das comemorações do Dia do Trabalho, se realizou no programa a inauguração da Galeria Presidente Vargas, organizada pelo Ministério do Trabalho, com a finalidade de revalorizar o trabalho e a importância da iniciativa, o ministro Marcelino Filho, o Sr. Getúlio Vargas, acompanhado dos auxiliares de direito do governo, percorreu demoradamente a galeria, e depois alçou o primeiro andar da escadaria de mármore.

COLÓSSO DA VIDA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.



INAUGURADA A "GALERIA PRESIDENTE VARGAS" — Como parte integrante das comemorações do Dia do Trabalho, se realizou no programa a inauguração da Galeria Presidente Vargas, organizada pelo Ministério do Trabalho, com a finalidade de revalorizar o trabalho e a importância da iniciativa, o ministro Marcelino Filho, o Sr. Getúlio Vargas, acompanhado dos auxiliares de direito do governo, percorreu demoradamente a galeria, e depois alçou o primeiro andar da escadaria de mármore.

COLÓSSO DA VIDA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

UM ACIDENTE!

Quem pagará as despesas de médico e hospital?

Para isso existe a SATMA, que já pagou mais de 200 milhões de cruzeiros de indenizações! Não espere os golpes da fatalidade. Esteja sempre em condições de enfrentá-la, fazendo o seu seguro de acidentes pessoais.

9 CARTEIRAS DE SEGURO:

Acidentes do Trabalho • Responsabilidade Civil
Acidentes Pessoais • Incêndio • Fidejussão e Fiança
Transportes • Automóveis • Aeronáutico • Animais.

SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES

A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES DA AMÉRICA DO SUL

RIO DE JANEIRO



politicamente amadurecido para escolher e lhe convencer.

NÃO TEMER AMERICA

HIMMLER FEZ NOVA OFERTA DE RENÚNCIA INCONDICIONAL

MALMOE, Suécia, 1 (A. P.). — O chefe da Wehrmacht alemã, o general Hermann Goering, fez uma nova oferta de renúncia incondicional ao regime nazista, segundo se apurou através de fontes alemãs. A oferta foi feita por Goering ao chefe da Wehrmacht alemã, o general Hermann Goering, e foi aceita pelo chefe da Wehrmacht alemã, o general Hermann Goering.

Falará pelo rádio o rei da Inglaterra

LONDRES, 1 (A. P.). — O rei da Inglaterra, o rei Jorge VI, fará um discurso pelo rádio, segundo se apurou através de fontes britânicas. O discurso será feito pelo rei Jorge VI, e será transmitido pelo rádio.

Hoje, ao meio dia

LONDRES, 1 (A. P.). — Hoje, ao meio dia, o rei Jorge VI, fará um discurso pelo rádio, segundo se apurou através de fontes britânicas. O discurso será feito pelo rei Jorge VI, e será transmitido pelo rádio.

Primeira medida

MALMOE, Suécia, 1 (A. P.). — A primeira medida tomada pelo governo sueco, em relação ao regime nazista, foi a expulsão dos alemães da Suécia, segundo se apurou através de fontes suecas.

Encontro de generais alemães

LONDRES, 1 (A. P.). — Um encontro de generais alemães, em relação ao regime nazista, foi realizado em Berlim, segundo se apurou através de fontes alemãs.

Presente o almirante

NOVA ORLEANS, 1 (A. P.). — O almirante da Marinha dos Estados Unidos, o almirante Ernest J. King, está presente em Nova Orleans, segundo se apurou através de fontes americanas.

Ocupação pelos alemães

PARIS, 1 (A. P.). — A ocupação dos alemães em Paris, em relação ao regime nazista, foi realizada em Paris, segundo se apurou através de fontes alemãs.

Atestado de partido nazista

LONDRES, 1 (A. P.). — Um atestado de partido nazista, em relação ao regime nazista, foi emitido em Berlim, segundo se apurou através de fontes alemãs.

Atestado de partido nazista

LONDRES, 1 (A. P.). — Um atestado de partido nazista, em relação ao regime nazista, foi emitido em Berlim, segundo se apurou através de fontes alemãs.

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

DESELEGÂNCIA

Se a vida é uma obra-prima, a galeria do trabalho é o templo da humanidade. A Galeria Presidente Vargas, inaugurada no dia 1º de maio, é um monumento à vida, à luta, ao trabalho. Ela é o colosso da vida, o templo da humanidade.

Em seu discurso, o chefe de governo fez questão de ressaltar a sua gratidão aos trabalhadores e exaltar o seu comprometimento com a classe. Em suas palavras,

TRABALHADORES DO BRASIL – [...] Este primeiro de maio reveste-se para mim e para vós, de marcante significado. Estamos participando de grandes acontecimentos e assistimos ao alvorecer de uma nova fase da civilização. [...] Num balanço de consciência da minha atuação à frente do Governo Nacional, nestes quinze anos, não tenho saldo de ódios e estou certo de haver trabalhado com afinco, incessante e desinteressadamente, pelo bem geral, pela segurança e maior prosperidade do Brasil. Em relação aos trabalhadores, realizamos quanto foi prometido, e mesmo muito mais. [...] Retornarei às atividades de simples cidadão, recolhendo-me à vida privada. Que outros assumam as pesadas responsabilidades do futuro e proporcionem ao nosso povo o quanto merece de bem estar e felicidade, de progresso material e cultural. [...] Com as preliminares da reforma institucional e a próxima promulgação da lei eleitoral, que vai dar ao país os meios de escolher livremente os delegados de sua confiança, surgirá a oportunidade de apurar democraticamente os legítimos valores nacionais. O povo há de preferir, por certo, os que trabalham aos que vivem parasitariamente, os que realizam aos que fazem a campanha “contra” por esperteza ou incapacidade. [...] Manterei a ordem, realizarei as eleições e passarei o poder a quem for legitimamente eleito pelo povo¹¹⁴.

Vargas faz uma retrospectiva dos anos em que esteve no poder, cita todos os avanços nos direitos e legislação trabalhista, e ressalta o quanto o país progrediu em quinze anos de regime. Para além disso, contesta o que se dizia sobre as tendências totalitárias de seu regime, usando como justificativa a posição que o país adotou na Segunda Guerra, se aliando aos Estados Unidos contra o nazismo e o fascismo.

Sobre o processo eleitoral daquele ano, o presidente se mostrou conformado com sua retirada do cenário político nacional, e demonstrou apoio ao chefe militar Eurico Gaspar Dutra, definindo o general como digno da confiança da nação. Contudo, se Gaspar Dutra era o candidato apoiado pelo governo, ele deveria ter todo o apoio da máquina política administrativa, o que na prática, não aconteceu. As palavras proferidas por Vargas naquele 1º de Maio à multidão presente em São Januário, não foram de encontro às manobras políticas para que o mesmo se mantivesse no poder.

Recorrendo ao depoimento de Segadas Vianna, a indicação é de que os trabalhistas defendiam a instalação de uma Assembleia Nacional Constituinte, ainda com Getúlio no poder, para, em seguida, serem realizadas eleições diretas em que Vargas poderia ser candidato. Desta forma, as candidaturas militares não precisariam ser retiradas; elas seriam neutralizadas pelo nome do presidente. Esta possibilidade apostava com segurança no prestígio de Vargas e diagnosticava que nem Dutra nem o Brigadeiro estavam conseguindo ou iriam conseguir real popularidade¹¹⁵.

¹¹⁴ Trechos do Discurso de Getúlio Vargas publicado pelo Jornal O Globo, edição de 2 de maio de 1945, p.10.

¹¹⁵ GOMES, Angela Maria de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2005, p. 283-284.

Neste cenário, surge o “Movimento Queremista”¹¹⁶ e a “Constituinte de Getúlio”, movimentos nascidos de forma articulada em meados de 1945, que buscavam a permanência de Vargas na presidência do país. Mas, ao passo que movimentos pró-Getúlio ganharam força, a grande imprensa e a Igreja Católica passaram a mover uma intensa campanha antiqueremista, antivarguista, antipopular e anticomunista.

Se o estádio São Januário até o ano de 1945 teve seu espaço diretamente atrelado ao seu uso político fortemente associado a Vargas,

Unindo o político e o sagrado, Getúlio Vargas teve nos estádios de futebol um dos principais palcos de sua ligação com os trabalhadores do Brasil. Nas festas do 1º de maio, discursando das tribunas de honra em frente ao microfone que levava sua voz a todo o Brasil e até ao exterior, em retransmissões do DIP, Vargas utilizava-se do capital simbólico dos estádios para se aproximar das classes populares, que tinham no esporte um de seus principais elementos de lazer¹¹⁷.

Após um longo período ditatorial no Brasil, o estádio também seria templo de esperança, redemocratização e união nacional. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, e em meio à pressão pelo fim do Estado Novo e pela redemocratização do país, um decreto assinado pelo Presidente Vargas em 18 de abril de 1945¹¹⁸ concedia a anistia a militantes políticos que se encontravam presos ou exilados. Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB), preso desde 1934, com o decreto, estava novamente livre.

Segundo Roberto Ribeiro Martins¹¹⁹, na história de nosso país, possuímos a tradição de encerrar um período caracterizado por revoltas, contestações ou guerra, com atos de anistia, buscando a pacificação da sociedade. Desta forma, com o fim do Estado Novo e o processo de redemocratização política, a tradição da anistia se faria presente.

Em 1945, após massiva campanha pró-anistia, Vargas vendo-se pressionado pelo contexto nacional e mundial, além de visar à formação de bases de apoio, concedeu anistia em 18 de abril de 1945 para todos os presos, exilados e perseguidos políticos durante o Estado Novo. Porém, esse decreto pela anistia de 1945 apresentava algumas restrições, Getúlio Vargas condicionou o retorno dos militares e civis a seus antigos postos a pareceres de comissões nomeadas pelo próprio Presidente da República. Nesse sentido, a anistia de abril de 1945, apesar de toda a comemoração em torno dela, foi uma anistia “parcial”, visto que cada caso estava sujeito a pareceres de comissões submissas ao interesse do Presidente da República. Devido a tais restrições do decreto-lei de 1945, começou um longo calvário para os militares participantes do levante de 1935, a fim de serem reintegrados nas fileiras das Forças Armadas.

¹¹⁶ Movimento popular surgido em maio de 1945, no Rio de Janeiro, com o objetivo de lutar pela permanência de Getúlio Vargas na presidência da República. Seu nome originou-se do slogan “Nós queremos Getúlio”. Fonte: <https://atlas.fgv.br/verbete/6033>.

¹¹⁷ DRUMOND, Maurício. **Getúlio Vargas, São Januário e o 1º de Maio**. Ludopédio. 1 maio 2012. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/getulio-vargas-sao-januário-e-o-1o-de-maio/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

¹¹⁸ Decreto-Lei N. 7.474, de 18 de Abril de 1945.

¹¹⁹ MARTINS, Roberto Ribeiro. **Liberdade para os brasileiros: anistia ontem e hoje**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização brasileira, 1978.

Portanto, chama-me a atenção a peculiaridade do Decreto-lei de 18 de abril de 1945, pois esse decreto parece ter sido formulado para atingir, para o bem ou para o mal, os comunistas, uma vez que, com o enfraquecimento do Estado Novo, Getúlio Vargas buscava apoio para se manter no poder. O ditador travou laços diplomáticos com a União Soviética e anistiou os presos políticos, entre eles Luiz Carlos Prestes, porém, a maioria do atingidos pela anistia enfrentaria o marasmo das comissões que julgariam cada caso e a ameaça comunista da década de 1930 não foi esquecida¹²⁰.

A anistia assinada por Vargas, nesse sentido, colocou nas ruas os Comunistas que foram anteriormente considerados uma ameaça para a política na década de 1930. E tudo não passou de uma jogada política, uma vez que Vargas se viu sem o apoio de uma grande parcela dos militares. O presidente entendia que, a partir da anistia, ele passaria a contar com o apoio dos Comunistas e dos queremistas, e isso poderia significar a manutenção do poder em suas mãos.

O PCB voltava à legalidade e seu líder estava livre. Diante disso, grandiosos eventos foram organizados para saudar Luiz Carlos Prestes e o novo tempo que começava. O primeiro deles aconteceu na capital federal, no mesmo Estádio de São Januário que serviu como palco para muitas das comemorações varguistas, em 23 de maio de 1945.

Nas páginas 1, 2 e 7 da edição de 24 de maio de 1945, do jornal *A Noite*, é possível perceber a grandiosidade do comício realizado no estádio Vasco da Gama. Aproximadamente 35 mil pessoas, representantes de todas as classes sociais, marcavam presença no estádio que apresentava, naquela noite, um aspecto festivo (Figura 46).

A decoração contava com um grande retrato de Prestes emoldurado com iluminação vermelha; letras em grande dimensão formavam no gramado a palavra “BRASIL”; bandeiras do Brasil e das Nações Unidas; além de faixas com frases de efeito, a qual se destacava “O povo em liberdade é a maior garantia de ordem”.

Para muitos, era inconcebível que Prestes, visto como um mártir do Estado Novo, apoiasse o responsável por o manter preso por nove anos. Após os acordos acerca da anistia e ao sair da cadeia demonstrando apoio a Vargas, a postura de Prestes não só causaria surpresa, como revolta em alguns grupos que o apoiavam.

¹²⁰ SOUZA, Mayara Paiva de. O que não devia ser esquecido: a anistia no período de redemocratização do Brasil (1945-1946). In: Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação em História da UFG/UCG, 2. *Anais [...]*. Goiânia: Editora da UCG, 2009, p.7.

Figura 46 - Edição do Jornal A Noite, de 24 de maio de 1945

ataque já realizado contra o Japão — Empregando técnicas de bombardeio aplicadas na Europa

GUAM, 24 (U. P.) — Tóquio sofreu ontem o maior e o mais devastador ataque aéreo da guerra, pois a aviação norte-americana lançou sobre a capital nipônica, durante 150 minutos, mais de 4.500.000 quilos de bombas incendiárias e explosivas.

MAIS DE 700.000 BOMBAS INCENDIARIAS

GUAM, 24 (U. P.) — Revelou-se que no ataque ontem efetuado contra Tóquio tomaram parte 550 Super-Fortalezas Voadoras, as quais descarregaram mais de 700.000 bombas incendiárias sobre a capital japonesa.

O CORAÇÃO INDUSTRIAL DE TÓQUIO

GUAM, 24 (U. P.) — O peso principal do devastador raid aéreo norte-americano contra Tóquio, ontem, foi concentrado contra o bairro da Shinagawa, considerado

(CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA)

ANO XXXIV Rio de Janeiro — Quinta-feira, 24 de maio de 1945 N. 11.952

A NOITE

Director: ANDRÉ CARRAZZONI Empresa A NOITE
Redator-chefe: CARVALHO NETTO Superintendente: LUIZ C. DA COSTA NETTO
Número Anual: Cr\$ 0.40
Gerente: OCTAVIO LIMA

Tropas anglo-americanas entram em Trieste



Nenhuma oposição foi oferecida pelos iugoslavos — Tito concorda no estabelecimento de um governo militar aliado em Trieste

LONDRES, 24 (U. P.) — Tropas anglo-norte-americanas entraram ontem em Trieste sem que as forças do marechal Tito oferecessem qualquer resistência, o que contribuiu para diminuir a tensão existente entre os diversos países aliados inte-

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

Quando Luiz Carlos Prestes proferia seu discurso — Um aspecto do estádio durante o comício

Luiz Carlos Prestes fala sobre o momento brasileiro



Luiz Carlos Prestes ao percorrer o estádio, em automóvel, logo que ali chegou

"A união nacional é possível. Existem em nossa terra todas as condições objetivas para a sua realização. Unamo-nos, pois" — Os rumos, que a seu ver, é necessário dar à administração — Em torno das próximas eleições — O discurso do "leader" no comício do Estádio do Vasco da Gama, a que compareceu grande multidão

Foi ouvida, ontem, a palavra do líder popular, Luiz Carlos Prestes, através do grande comício realizado, à noite, no Estádio do Club de Regatas Vasco da Gama.

Cerca das 20 horas, enorme era a multidão que se dirigia para o Estádio de São Januário, constituída de representantes de todas as classes sociais, afim de tomar lugares nas amplas arquibancadas.

O estádio apresentava um aspecto realmente festivo, destacando-se, num dos ângulos, grande retrato de Prestes, tendo, como moldura, iluminação vermelha a gás neon. No gramado, em diagonal, enormes letras formavam a palavra BRASIL, entre três cubos de cerca de dois metros, nos quais lia-se na parte superior, respectivamente, as palavras: Unidade, Progresso e Democracia. Entre estes havia

uma larga faixa, com o seguinte distico: "A História lançou os dados".

Dando maior harmonia ao ambiente havia, por todos os lados, bandeiras nacionais e das Nações Unidas, bem como inúmeros disticos, dentre os quais destacava-se o seguinte: "O povo em liberdade é a maior garantia da ordem".

Pouco a pouco, chegavam a São Januário delegações trabalhistas, empunhando as bandeiras do Brasil, Rússia e América do Norte, de modo que, antes das 21 horas, estava no estádio compacta massa popular, calculada em cerca de 35 mil pessoas.

A todo instante, ouviam-se aclamações ao nome de Luiz Carlos Prestes, que dentro de alguns momentos deveria aparecer ao povo.

Já, então, as tribunas principais eram totalmente ocupadas

por figuras de destaque das esquadras, amigos de Prestes, representantes da imprensa e de todas as delegações vindas, não só dos Estados, como do Exterior, especialmente para tomar parte no grande comício esquadrista.

Dentre as pessoas que ali se achavam, vimos os Srs.: João Mangabeira, representando o major-brigadeiro Eduardo Gomes; P. Carlos Duarte da Costa, bispo de Maura; ministro Orlando Leite Ribeiro, Joaquim Ordoqui Mesa, vice-presidente da Câmara dos Deputados de Cuba, Agilberto Azevedo, Agildo Barata, general Candido Mariano Bondon (representado pelas filhas), representante do general Manuel Rabello, Raimundo Siqueira Campos, Alvaro Ventura, maestro José Siqueira, diretor da Orquestra Sinfônica.

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

CHURCH ASSIST

O vó do primeiro ministro po de batalh

LONDRES, 24 (INS) — O Daily Sketch publica a descrição de um vôo realizado por Winston Churchill sobre o Reno, onde assistiu ao desenrolar da batalha que ali se travava. O fato foi revelado por F. G. Miles, que desenhava o avião em que voou o "premier" britânico.

A visita de Churchill ao "front" se deu quando as forças britânicas arremetiam impetuosamente pelo Reno. Sua vontade era assistir, o mais perto possível, o desenrolar do combate na margem esquerda do rio. O marechal Montgomery, que o acompanhou

4 novas unidades para a nossa Marinha de Guerra

Serão lançadas ao mar, dia 30, no Arsenal da Ilha das Cobras

Realizar-se-á, no dia 30 do corrente, às 16,30 horas, no Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras, as cerimônias do lançamento ao mar dos contratorpedeiros "Acre" e "Apa" e incorporação à Armada dos cruzadores submarinos "Rio Pardo" e "Rio Negro". Essas unidades foram construídas naquele importante parque industrial por engenheiros brasileiros.

VÃO ABANDONAR PARTE DA CHINA

Os japoneses preparam-se para evacuar as províncias de Kwangsi, Kwantung, Kiangsi e Hunan, bem como a zona costeira ao sul, sudeste e o extremo meridional do país — Para se concentrarem na defesa do norte, da Coréia e da

JODL FICOU TREMI

Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

Se as arquibancadas que calorosamente aclamavam o nome de Prestes estavam cheias de gente de todas as classes, as tribunas principais estavam ocupadas por figuras políticas de destaque da esquerda. E, ao contrário do que se esperava, Prestes usou aquele momento para defender uma posição política de apoio a Vargas. Em seu discurso o líder comunista diz,

Brasileiros! Trabalhadores!
Povo Carioca!
Digníssimos senhores representantes dos povos irmãos!
Prezadíssimos camaradas das delegações estrangeiras!
Queridos amigos e amigos da gloriosa Aliança Nacional Libertadora!
Companheiros e companheiras do Partido Comunista! Amigos e companheiros!
É com a mais funda emoção que participo desta festa em que o povo essencialmente democrata e antifascista de nossa querida cidade festeja a primeira grande vitória da democracia em nossa terra. A anistia foi, sem sombra de dúvida, uma conquista do povo: de homens, mulheres e crianças unidas pelo coração num sentimento que se tornou paixão, numa idéia que se fez força. [...] Mas a anistia foi obra também de nosso governo, deste mesmo governo que dando volta atrás nas suas tendências inaceitáveis para o povo, vencendo dificuldades mil criadas sempre pelos reacionários que o comprometiam e que, infelizmente em grande parte ainda o comprometem, preferiu ficar com o povo – cortar relações com o Eixo, declarar-lhe guerra, estabelecer relações com o governo soviético e finalmente abrir as prisões e revogar na prática as restrições à democracia mais sensíveis ao nosso povo. Honra aos homens de governo que sabem ficar com o povo e evitar por superior patriotismo o dilaceramento terrível das guerras civis!¹²¹

Mesmo assumindo apoio a Vargas, Prestes estava diretamente ligado ao Comunismo e ao PCB, e a realização de seu comício em São Januário geraria conflitos internos no clube. A concessão do uso do estádio para um evento em prol do comunismo gerou um mal estar entre diretoria e associados, que viam o comunismo com um inimigo a ser combatido pela sociedade. A tensão política nacional respingaria na política da instituição esportiva, e, após ser perseguido pela imprensa, por sócios e dirigentes, o então presidente do clube, Castro Filho, responsável por ceder o estádio para o evento, acabou renunciando ao cargo.

A previsão era que as eleições presidenciais ocorressem em dezembro de 1945, mas os antigetulistas receosos de que Vargas desse um novo golpe de Estado, se adiantaram e o fizeram em 29 de outubro de 1945¹²². O quererismo e a aliança política com Prestes não foram o suficiente para manter o poder nas mãos de Vargas, e em 1945 chegava ao fim o regime ditatorial do Estado Novo.

No dia 30 de outubro, Vargas divulga uma nota à nação brasileira:

¹²¹ Discurso proferido por Luiz Carlos Prestes em 23 de maio de 1945 em comício realizado no Estádio de São Januário, do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, em comemoração à anistia política. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/prestes/1945/05/23.htm>

¹²² Alguns militares liderados por Góes Monteiro e o ex-ministro da Guerra e candidato presidencial General Eurico Dutra, se anteciparam a Getúlio Vargas e deram o golpe de Estado em 29 de outubro de 1945.

AO POVO BRASILEIRO

[...] Abstenho-me de analisar os graves acontecimentos que me levaram a renunciar ao Governo a fim de evitar ao país maiores males e abalos irreparáveis.

A História e o tempo falarão por mim, discriminando responsabilidades.

[...] Não guardarei ódios nem provenções pessoais.

Os trabalhadores, os humildes, aos quais nunca faltei com o meu carinho e assistência, o povo, enfim, há de me compreender.

E todos me farão justiça¹²³.

Com a deposição de Vargas, a expectativa de retorno aumentou entre aqueles que foram depostos em 1930 e afastados do poder durante toda a “Era Vargas”. As eleições de 1945 foram marcadas por jogadas políticas e alianças que fugiam do convencional. O candidato do Partido Social Democrático (PSD), Eurico Gaspar Dutra, que havia participado do golpe que depusera Vargas, seria o candidato apoiado pelo ex-presidente, nas eleições que sucederam sua deposição.

Com o apoio de Vargas, Eurico Gaspar Dutra se tornaria presidente do Brasil nas Eleições de 2 de dezembro de 1945 com maioria absoluta dos votos. E, sem fazer campanha, Vargas seria eleito senador da República pelos estados do Rio Grande do Sul e São Paulo e deputado federal por sete Estados: Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Distrito Federal e Rio Grande do Sul.

A força eleitoral de Getúlio Vargas era imensa, e ele sabia disso. Cinco anos após sua deposição, ele voltaria ao centro do poder, mas dessa vez, através de eleições diretas e com uma diferença de mais de um milhão e meio de votos sobre o candidato da União Democrática Nacional (UDN), o brigadeiro Eduardo Gomes. E São Januário seria novamente escolhido por Vargas, para reunir seus apoiadores políticos, durante a sua campanha eleitoral. No dia 12 de agosto de 1950, como candidato à presidência do Brasil retornaria ao estádio para a realização de um importante comício (Figura 47).

Vargas sabia que sua força vinha dos trabalhadores, e o estádio estava associado a várias importantes conquistas trabalhistas de seu governo, uma vez que muitas dessas conquistas foram anunciadas em eventos que tiveram o estádio como palco. Desta forma, assim como Vargas era associado às conquistas trabalhistas, o estádio era associado a Vargas e à massa trabalhadora que sempre lotava as arquibancadas em diversas oportunidades e com variadas finalidades.

Figura 47 - Edição do Jornal A Noite, de 12 de agosto de 1950

¹²³ Trechos da nota divulgada por Vargas à nação brasileira em 30 de outubro de 1945. Disponível integralmente em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=279581>.



Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

Ao retornar à presidência em 1950, eleito pelo povo, Vargas retorna também ao estádio, mantém a tradição criada e as celebrações do 1º de Maio aconteceriam novamente ali, nos anos seguintes. Nas comemorações de 1951, São Januário teria suas arquibancadas, tribunas e entorno lotados pela multidão que após 6 anos, ouviria novamente um discurso do presidente Vargas nas comemorações do 1º de Maio (Figuras 48 e 49).

Figura 48 - Arquibancada de São Januário. Dia do Trabalhador. 1.º de maio de 1951



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

Figura 49 - Trabalhadores em São Januário. Dia do Trabalhador. 1.º de maio de 1951



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

Em discurso proferido naquele ano, o presidente agradece aos trabalhadores pelo apoio durante o seu governo e durante o tempo que esteve fora da presidência do país. Vargas diz,

TRABALHADORES DO BRASIL!

Depois de quase 6 anos de afastamento, durante os quais nunca me saíram do pensamento a imagem e a lembrança do grato e longo convívio que mantive convosco, eis-me outra vez aqui ao vosso lado, para falar com a familiaridade amiga de outros tempos, e para dizer que voltei a fim de defender os interesses mais legítimos do povo, e promover as medidas indispensáveis ao bem estar dos trabalhadores.

Esta festa de 1º de maio tem para mim e para vós, uma expressão simbólica: é o primeiro dia de encontro entre os trabalhadores e o novo governo. E é com profunda emoção que retorno ao vosso convívio nesse ambiente de regozijo e festa nacional. Em que nos revemos uns aos outros a céu aberto e em que o governo fala ao povo de amigo para amigo na linguagem simples, leal e franca que sempre lhes falei¹²⁴.

O presidente reitera o seu compromisso em promover medidas que tragam bem-estar aos trabalhadores brasileiros, e exalta a simbologia da data e da comemoração do dia 1º de Maio. É nesse dia que trabalhadores e Vargas, em seu novo governo, se reencontram em um ambiente festivo, para dar continuidade à relação amigável e fraternal construída em seu primeiro governo. A celebração simbólica do 1º de Maio foi repleta de confrontos esportivos e desfiles de operários, incrementando a festa dos trabalhadores, como já era de costume nas festividades promovidas por Vargas em São Januário.

¹²⁴ Trecho do discurso proferido por Getúlio Vargas nas comemorações do Dia do Trabalhador, de 1951. Disponível em: <https://csb.org.br/noticias/discurso-de-getulio-vargas-no-dia-do-trabalhador-em-1o-de-maio-de-1951>.

As comemorações do 1º de Maio de 1952 seriam realizadas novamente em São Januário, apesar de o Estádio Jornalista Mário Filho – Maracanã, já estar em pleno uso. O Maracanã era, naquele momento o maior estádio da capital federal, com maior capacidade de público que São Januário, mas a ligação simbólica entre o estádio cruzmaltino e Getúlio Vargas faria dele novamente o lugar mais propício para as comemorações. A festividade contou com jogos de futebol e apresentação de basquete, shows de música popular, desfiles de trabalhadores e a entrega de medalhas de ouro e diplomas de Mérito do Trabalho aos jogadores da seleção brasileira, que foram campeões na disputa do Panamericano do Chile (Figura 50).

Figura 50 - Desfile dos trabalhadores em São Januário. Dia do Trabalhador. 1.º de maio de 1952



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

No momento mais esperado do evento, o discurso do Presidente Vargas; nas palavras proferidas pelo mesmo, o presidente convida os trabalhadores a participarem do governo e da política, através dos sindicatos, e anuncia os seus anseios em entregar a eles, a direção dos órgãos de previdência social, além de expandir a legislação social também ao trabalhador rural. Em seu discurso,

TRABALHADORES DO BRASIL,

Aqui nos temos reunido, muitas vezes, nesta festa de conagração em que costumais trazer ao governo o testemunho da vossa solidariedade, e o governo vos dá conta do que tem feito para corresponder a uma sempre renovada confiança. Hoje, a

vossa presença tem para mim uma significação especial. Vou palestrar convosco sobre algo que é de grande importância para a vossa segurança, a vossa prosperidade e o vosso futuro.

Refiro-me ao modo como podem e como devem os trabalhadores preparar-se para uma participação mais ativa no governo, em correspondência com o grande papel que desempenham na evolução econômica e social do nosso tempo. Porque vós, trabalhadores, aqui no Brasil como em todas as democracias, constituís a imensa e insuperável maioria dentro do povo. Nenhum governo poderá realizar uma verdadeira e sã política social se não governar convosco, se não tiver o apoio do proletariado e a colaboração dos vossos sindicatos profissionais, pois não se pode administrar, nos dias de hoje, sem a cooperação das classes organizadas. Há uma coisa, porém, que o proletariado do nosso país parece que ainda não percebe com muita clareza: é a maneira pela qual há de influir no governo e preparar os seus líderes e dirigentes para as tarefas e encargos da administração pública. O governo é um corpo vivo, e não um monumento de bronze sobre um pedestal. É o agente do povo e, nessa qualidade, cabe-lhe promover o bem-estar de todos velar pelas necessidades da comunhão social. Um governo que se isola das massas populares está nutrindo, sem o saber, o germe de sua própria destruição. É imprescindível um contato íntimo e permanente dos poderes públicos com os líderes de todas as classes sociais não só para que o povo defenda os seus interesses, mas também para que exponha as suas críticas¹²⁵.

O presidente ainda anunciou o primeiro aumento do salário mínimo desde a sua instituição, em 1942. Mas, apesar de toda festa, das arquibancadas cheias, das manifestações operárias em apoio a Vargas e das tentativas de uma aproximação cada vez maior entre governo e trabalhadores, Getúlio Vargas estava inserido em um ambiente político que não o favorecia.

O segundo governo Vargas, iniciado em 31 de janeiro de 1951, foi marcado pela retomada da orientação nacionalista, cuja expressão maior seria o projeto de criação da Petrobras. Outra marca importante do período foi a progressiva radicalização política. Do início ao fim do governo, Vargas enfrentou cerrada oposição da UDN e em especial do jornalista Carlos Lacerda, proprietário do jornal carioca *Tribuna da Imprensa*. De modo geral os órgãos da grande imprensa o caracterizavam como demagogo, e a falta de confiança da oposição era permanente. Frequentemente levantava-se a hipótese de que pudesse vir a rasgar mais uma Constituição. Não apenas a lembrança do Estado Novo, mas também o clima ideológico da Guerra Fria contaminava o debate político. As recorrentes proclamações de Vargas em defesa do nacionalismo e da sindicalização dos trabalhadores o colocavam sob suspeição. A menção à necessidade de estender os direitos sociais ao trabalhador do campo o indispunha com a burguesia agrária. No tocante aos militares, embora procurasse assegurar o apoio de toda a corporação, era difícil conciliar as alas autodenominadas “nacionalista” – de apoio ao governo – e “democrática” – de oposição¹²⁶.

Sem o DIP, Vargas já não conseguia controlar os meios de comunicação, e a grande imprensa era oposição permanente e estava empenhada em desacreditar a imagem de Vargas como o amigo dos trabalhadores, o “pai dos pobres”. As manchetes já não destacavam a grandiosidade das comemorações nem o brilhantismo de Vargas, como nos anos anteriores.

¹²⁵ Vargas, Getúlio, 1883-1954. **Getúlio Vargas**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. (Série perfis parlamentares; n. 62), p. 711-712.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 38-39.

Na edição de 1º maio de 1952, o jornal Imprensa Popular destaca em suas páginas a “Demagogia de Vargas” nas comemorações do 1º de Maio (Figura 51).

Figura 51 Edição do Jornal Imprensa Popular, de 1 de maio de 1952



Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

Segundo a publicação, o presidente continuava manipulando a massa trabalhadora, através do uso da demagogia e medidas fascistas. Através do uso de propagandas, espalhava a ideia de uma falsa harmonia social com o intuito de aglomerar multidões no Estádio Vasco da Gama nas comemorações do 1º de Maio, como fazia em tempos de Estado Novo. A oposição estava cada vez mais forte, e Vargas ia perdendo apoio de vários setores que, antes, eram a seu favor.

Neste Cenário, os dois anos seguintes seriam críticos para o governo de Getúlio, que cometeria suicídio em agosto de 1954, deixando São Januário e a massa trabalhadora “órfãos de seus discursos”¹²⁷. Mas seu suicídio acabou revertendo o quadro político, e a hostilidade ao petebismo deu lugar ao getulismo. Após sua morte, Vargas passou a ser visto como um mártir e defensor do povo, e sua força política, mesmo após a sua morte, deu margem para que o novo presidente da república fosse um de seus aliados, o mineiro Juscelino Kubitschek.

E o seu sucessor, sabia de toda simbologia que envolvia a comemoração do 1º de Maio e o Estádio Vasco da Gama, e após a última comemoração com a presença de Vargas em 1952, em 1956, Juscelino assume a tribuna de honra do estádio, para assim como seu aliado político,

¹²⁷ DRUMOND, Maurício. **Getúlio Vargas, São Januário e o 1º de Maio**. Ludopédio. 1 maio 2012. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/getulio-vargas-sao-januario-e-o-1o-de-maio/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

discursar para a classe trabalhadora (Figuras 52 e 53).

Figura 52 - Presidente da República, Juscelino Kubitschek e o Vice-Presidente da República, João Goulart, por ocasião do Dia do Trabalhador, no Estádio de São Januário



Fonte: Acervo do Centro de Memória CRVG.

Figura 53 - Presidente da República, Juscelino Kubitschek e o Vice-Presidente da República, João Goulart, por ocasião do Dia do Trabalhador, no Estádio de São Januário



Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

O jornal “Imprensa Popular” destaca em suas páginas a festa do trabalhador de 1956 (Figuras 54 e 55). Segundo publicação, a grandiosa manifestação operária atingiu um êxito e brilhantismo sem precedentes. Os trabalhadores representados por suas organizações sindicais de todos os escalões defilaram sob os aplausos de uma multidão de pessoas que ocupavam as arquibancadas de São Januário. O presidente chegou ao estádio em carro aberto, dando a volta na pista sob os aplausos dos presentes. Houve exibição da Banda Nacional do Corpo de Fuzileiros Navais, e desfile de entidades sindicais que naquele momento expunham faixas e cartazes que evidenciavam suas principais reivindicações. Como era comum na comemoração dos anos anteriores, um jogo amistoso foi realizado entre Flamengo e América de Minas Gerais. Mas, sem dúvidas, o momento mais esperado do evento era o discurso do presidente, e nele, Juscelino fez questão de mostrar sua gratidão à classe trabalhadora e sua admiração à Getúlio Vargas.

É esta, trabalhadores do Brasil, a primeira vez que vos falo ao ensejo desta data, que é, entre as vossas comemorações, a mais cara e heróica. É esta a primeira vez que me dirijo aos meus amigos mais dedicados, a quem devo, em parte tão importante, ter atingido a Presidência da República. [...] Sou um dos vossos, sou um trabalhador como vós os sois. [...] Não vos prometi nada de impossível, mas tudo o que vos prometi será cumprido. A legislação social que vos protege e que deveis ao vosso amigo fiel e incomparável, cujo nome aqui evoco com a maior emoção, o humaníssimo Presidente Getúlio Vargas, os direitos e as proteções das nossas leis sociais não serão apenas mantidos, mas melhorados, de forma crescente, de acordo com a estrita justiça e com as possibilidades da economia nacional¹²⁸.

Figura 54 - Edição do Jornal “Imprensa Popular”, de 3 de maio de 1956



Fonte: Acervo da Hemeroteca Biblioteca Nacional.

¹²⁸ Trechos do discurso do Presidente Juscelino Kubitschek, no 1º de maio de 1956. Disponível em: Biblioteca da Presidência da República.

Figura 55 - Edição do Jornal "Imprensa Popular", de 1 de maio de 1956

Desfraldando Alto a Bandeira da Unidade Os Trabalhadores Comemoraram o Primeiro de Maio

OS festejos do Primeiro de Maio, no Estádio do Vasco, constituíram grandiosa manifestação operária que atingiu um êxito e brilhantismo sem precedente. Desfraldando bem alto a bandeira da unidade, os trabalhadores representados por suas organizações sindicais de todos os escalões desfilaram triunfalmente sobre os aplausos de uma assistência de mais de 80 mil pessoas que superlotou aquela praça de esportes. Fâmúlas, faixas, bandeiras, estandartes tremularam saudando a data magna dos trabalhadores, reverenciando a memória dos mártires que deram suas vidas pela conquista de um mundo melhor. No Discurso do Trabalhador, coletivamente elaborado, foram levantadas com vigor as mais sentidas e imediatas reivindicações de todos os trabalhadores: salário-mínimo, congelamento dos preços, anistia ampla, aposentadoria integral e outras.

O presidente da República, sr. Juscelino Kubitschek, acompanhado do Ministro do Trabalho, do Chefe da Casa Militar e outras autoridades esteve presente na tribuna de honra, onde se encontravam o prefeito Negrão de Lima e os dirigentes das Confederações e Federações dos trabalhadores. O êxito da nação foi ovacionado pela multidão entusiasmada.

IMPONENTE CONCENTRAÇÃO

Marcada para às 14 horas o início das solenidades, muito antes já milhares de pessoas superlotavam as dependências do Estádio. Incorporados, com as diretorias e portas bandeiras a frente, de cada bonde especial que chegava, desembarcavam os trabalhadores em festivas delegações. Empunhando suas faixas e cartazes, as entidades sindicais dirigiam-se para o ponto de partida do grande desfile de Primeiro de Maio. Eram a Federação dos Jornalistas, dos Hoteleiros, dos Marítimos, eram os Sindicatos marítimos, dos Gráficos, dos Têxteis, Bancários, Metalúrgicos, em fim a totalidade

das entidades sindicais desde os Sindicatos até as confederações.

Os festejos tiveram início com um «show» de artistas da Rádio Nacional, entre eles Jorge Veiga, Bárbara Martins, Risadinha e «Black-out». O Presidente da República chegou ao Estádio em automóvel aberto, dando volta à pista sob aplausos dos presentes, tendo permanecido no local até o final das solenidades.

O MEMORIAL

Um fato, para qual estiveram voltadas todas as atenções dos milhares de trabalhadores presentes, foi a leitura do «Discurso do Trabalhador», pelo sr. Decilaciano Holanda Cavalcante, presidente da Confederação dos Trabalhadores na Indústria. Este documento, entregue ao Presidente da República, é o programa reivindicativo dos trabalhadores brasileiros, sua bandeira de luta, em torno da qual lutarão unidos. A urgente decretação do salário-mínimo, o congelamento dos preços, liberdade sindical, aposentadoria integral, defesa da Constituição, melhoria da Legislação Trabalhista e outras reivindicações estão expostas com vivacidade e firmeza no importante documento, do qual damos um amplo resumo na quinta página.

O DESFILE

Um dos pontos altos da manifestação que mereceu entusiasmados aplausos da assistência foi o desfile das entidades sindicais, precedido por uma exibição da Banda Nacional do Corpo de Fuzileiros Navais.

Constituiu um impressionante espetáculo. Inicialmente os bancários, desfilaram ostentando suas faixas e cartazes, onde expunham suas reivindicações: «reivindicamos aumento de salários e congelamento dos preços», «Pela pacificação da família brasileira».

Dezenas de outras entidades desfilaram em meio de calorosos aplausos expondo as suas reivindicações. Os Têxteis: «Salário-mínimo de 80% e congelamento dos pre-

ços»; «Aposentadoria integral»; Marceneiros: «Anistia ampla para os dispensados pelo dec. 9070»; Marítimos: «Providências sobre os escândalos dos automóveis, café e algodão»; Radiotelegrafistas da Marinha Mercante: «Pedem SOS contra o desemprego»; Trabalhadores em inflamáveis: «Cumprimento da lei do adicional de 30%»; Hoteleiros: «Esperamos dos senadores urgente aprovação do decreto 18/55 que reduz para 25% o desconto alimentação»; Gráficos: «Indenização para a família em caso de falecimento»; Metalúrgicos: «Os trabalhadores da S.A. Marvin saúdam o presidente da República e pedem que sejam cumpridas com urgência as promessas que o povo espera religiosamente — porque os trabalhadores não podem mais aguentar a carestia de vida». Servidores: «Os servidores do Arsenal de Marinha pedem a liberdade de Aluízio Vieira da Cunha». Muitas outras entidades desfilaram levantando reivindicações desde as específicas de cada local de trabalho, até as de interesses de todos os trabalhadores.

TAMBÉM OS CAMPONESES

Num magnífico exemplo de fraternidade como aquele os camponeses não poderiam deixar de estar presentes. Partindo dos mais distantes recantos do sertão carioca, os camponeses compareceram aos festejos saudando os seus irmãos operários. Em meio das numerosas faixas que descortinavam aos olhares da multidão, lá estavam a dos camponeses que diziam: «Os camponeses de Campo Grande através da Associação dos Lavradores de Guatubá saúdam seus irmãos operários neste Primeiro de Maio de Fraternidade». «A Associação dos Lavradores de Coqueiros saúda a Classe Operária neste Primeiro de Maio de Unidade». «Os camponeses de Jacarépaguá saúdam seus irmãos operários». «Lutamos por reforma agrária e pelo congelamento dos preços».

FALA JUSCELINO

Encerrado o desfile, teve lugar o esperado discurso do sr. Juscelino Kubitschek. Salientou a importância das comemorações e sua significação, como demonstração de combatividade e organização dos trabalhadores. Disse que, como os servidores civis e militares, os demais trabalhadores também têm urgente necessidade de uma melhoria nos salários e anunciou que dentro de um mês o salário-mínimo será aumentado para fazer face ao alto custo de vida. E acrescentou que é da maior importância a estabilização dos preços.

O sr. Juscelino reconheceu, ainda em seu discurso, a necessidade da pacificação da família brasileira ao aludir que são prejudiciais ao país as «dissensões», «ódio» e os «ressentimentos».

Após o desfile, as palavras do presidente, foram feitas algumas exhibições de saltos e equilíbrio por diversos artistas, seguindo-se os excepcionais números de evolução da Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais. O final das comemorações constou de uma partida entre o Flamengo e o América de Belo Horizonte. Ganhou com alto de vitória o Flamengo por quatro tentos a zero.

A formidável concentração dissolveu-se lentamente voltando a seus lares, os trabalhadores marcharam, ainda, animados pelo sentimento da inesquecível e triunfal jornada de unidade que foi o Primeiro de Maio de 1956.

EM PÊSO À CÂMARA HOJE DEDE CONQUISTAR A ANISTIA

seguir hoje em plenário a aprovação da anistia ampla.

A maioria, inclusive o seu líder, sente que esta é a verdadeira, uma legítima aspiração nacional, em face das centenas de milhares de apelos que chegam diariamente à Câmara de todos os pontos do país. Ainda ontem, uma comissão de deputados pessedistas procurou o sr. Vieira de Melo no sentido de obter que o seu partido não fizesse a questão em torno, exclusivamente, da anistia aos civis e militares implicados nos acontecimentos verificados entre 10 de novembro de 1935 e 15 de Março deste ano. O sr. Arino de Matos chegou a declarar que não tem mais descanso. Sua residência, em Niterói, vive chela, dia e noite, de trabalhadores, de homens e mulheres de todos os setores profissionais e categorias sociais, que lhe vão pedir para votar em favor da anistia ampla.

Al está uma demonstração viva, eloquente, do quanto pode o povo mobilizado e organizado. Essa mobilização e esta organização terão hoje, na Câmara, importância decisiva. Que a massa encha as tribunas, as galerias e os corredores do Palácio Tiradentes, que vá de deputado a deputado, fazendo sentir o anseio de todos os democratas e patriotas, conforme o caloroso apelo, da

Comissão Nacional Pela Anistia, que publicamos em outro local.

A vitória da anistia ampla está nas mãos do povo.

7 x 5 NA COMISSÃO

Na Comissão de Segurança Nacional, votaram a favor da anistia ampla: Wilson Fadul (P.T.B.); Frota Moreira (P.T.B.); Luis Tourinho (P.S.P.); Alberto Torres (U.D.N.) e Vanderlei Júnior (U.D.N.). Votaram contra, acompanhando o relator, Rocha Loures (P.R. e presidente da Comissão); Newton Belo (PSD); Renato Archer (PSD); Oscar Passos (PTB); Laurindo Régis (PSD); Guilhermino de Oliveira (PSD); e Valdemar Rupp (UDN).

APÊLO DO SR. ROGÉ

O deputado Rogé Ferreira, primeiro signatário da emenda que anistia todos os condenados e processados políticos desde 1945, pronunciou na ocasião, veemente discurso, em que assinalou que os parlamentares não devem refletir os anseios e as reivindicações do povo apenas nas vésperas de eleições. Cumpridos, mais do que tudo, ser os intérpretes fiéis desses anseios e dessas reivindicações nos momentos como o atual, quando se constata que noventa e cinco por cento da população brasileira clamam e exigem anistia ampla, sem quaisquer discriminações.

Juscelino não só mostrou gratidão aos trabalhadores, como se colocou como um igual a eles. E isso era o que o motivava a manter o legado de Vargas, se comprometendo a não apenas garantir os direitos adquiridos pela classe, mas melhorá-los. Sob as palmas de uma multidão de trabalhadores, o Presidente da República discursou e encerrou as comemorações do 1º de maio após o amistoso de futebol.

Em 1957, com o projeto de Brasília, a nova capital federal, já ser uma realidade em processo de construção, as comemorações do 1º de Maio continuaram a acontecer no Estádio Vasco da Gama. O Presidente da República novamente se fez presente nas festividades da capital federal, enquanto seu vice-presidente, João Goulart, participou das comemorações no Estádio Pacaembu, em São Paulo. Segundo publicação do jornal *A Noite*, edição de 2 de maio de 1957, o estádio foi pequeno para conter a multidão que compareceu para festejar o Dia do Trabalho. O presidente desfilou em carro aberto pela pista do estádio e cumprimentou a massa trabalhadora presente que, em troca, o cobriu de aplausos e homenagens (Figura 56).

Figura 56 - Presidente Juscelino Kubitschek dá a volta, em carro aberto, na pista de atletismo do Estádio de São Januário, do Vasco da Gama / 01/05/1957



Fonte: Acervo da Agência O Globo.

Na tribuna de honra, o Presidente foi recebido por diversas autoridades presentes, onde juntos prestigiaram o desfile das entidades sindicais, apresentação da banda de música do Corpo de Fuzileiros Navais, shows com artistas de rádio e teatro, um amistoso entre Flamengo e Fluminense, e um desfile onde operários carregavam um retrato de Getúlio Vargas ornamentado, seguido por delegações operárias representando seus sindicatos de classe (Figura 57).

Figura 57 - Retrato do Velho. Nas comemorações do Dia do Trabalho, trabalhadores desfilam com retrato de Getúlio Vargas no Estádio de São Januário / 01/05/1957



Fonte: Acervo da Agência O Globo.

A figura de Getúlio Vargas estava tão associada à massa trabalhadora, às comemorações do Dia do Trabalho e a São Januário, que desde a primeira comemoração do 1º de Maio naquele espaço e mesmo após a sua morte, ele ainda se fazia presente através das homenagens.

Homenagem feita, inclusive, pelo próprio clube, que reconhecendo a forte ligação entre o político e o seu estádio, confeccionou uma placa que se encontra na tribuna de honra do estádio, com menção a Vargas e às leis sociais ditadas por ele naquele espaço (Figura 58).

Getúlio não foi o único presidente a discursar na tribuna de São Januário; Eurico Gaspar Dutra, Juscelino Kubitschek, João Goulart, bem como o líder comunista Luiz Carlos Prestes, também o fizeram. Mas é inegável que sua figura marcou aquele espaço, assim como aquele espaço foi fundamental para o fortalecimento de sua figura política, para o processo de construção do protagonismo operário, o fortalecimento do Estado, e a conciliação social, características que marcaram seu governo.

Figura 58 - Placa em homenagem à Getúlio Vargas, na tribuna de honra do Estádio São Januário



Fonte: Acervo pessoal da autora.

As comemorações do Dia do Trabalhador aconteceriam pela última vez no estádio Vasco da Gama no ano de 1957. No ano seguinte, Juscelino comemorou a data na capital mineira, Belo Horizonte, e em 1959, as comemorações foram transferidas para a nova capital federal – Brasília –, mesmo ainda em processo de construção e antes de sua inauguração.

O valor simbólico que o Estádio Vasco da Gama possui, tanto para o futebol nacional, quanto para a sociedade como um todo, ao sediar para além das competições esportivas, eventos educacionais, culturais, políticos e sociais, faz com que o seu espaço esteja ligado diretamente ao processo de construção e fortalecimento da identidade do povo brasileiro. Suas dependências podem ser consideradas guardiãs de memórias simbólicas, materiais e funcionais.

Segundo Nora, os lugares de memória são compostos de sentidos capazes de amplificar os seus significados, e que estes podem ser, ao mesmo tempo, material, simbólico e funcional.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou¹²⁹.

Nesse sentido, é preciso reconhecer o estádio Vasco da Gama para além de um monumento de aparência puramente material, mas pela significação simbólica que sua história carrega, desde o seu processo de construção, até o seu protagonismo na história política, social e cultural de nosso país.

Para Nestor Canclini¹³⁰, espaços com potencialidade de expressão da solidariedade que une os que compartilham bens e práticas capazes de os identificar, são considerados patrimônios, e não necessariamente precisam ser assim considerados por qualquer órgão oficial, ele é considerado um patrimônio a partir do momento em que a necessidade de sua proteção for compreendida pela população que se identifica com o mesmo. Desta forma, o reconhecimento do estádio Vasco da Gama como patrimônio independe de órgãos oficiais, e se efetiva a partir do momento em que as pessoas que estiveram e ainda possuem ligações com esse espaço reconhecem-no como espaço que os une e os identifica, que está inserido na construção de sua identidade e diretamente ligado à suas memórias, sejam elas individuais ou coletivas.

O que se pode perceber é que nos dias atuais, toda a representatividade que o clube carrega em sua história e a simbologia que envolve o seu estádio desde o seu processo de

¹²⁹ NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

¹³⁰ CANCLINI, Nestor Garcia. El patrimonio cultural de México y la construcción imaginaria de lo nacional. In: FLORESCANO, Enrique (coord.) **El patrimonio nacional de México**. México: FCE, CONACULTA, p. 57-86, 1997.

construção, são os “troféus” que seus dirigentes, sócios, torcedores e simpatizantes, fazem questão de levantar e sempre colocar em evidência, independente da fase em que o clube esteja passando dentro dos gramados.

O Club de Regatas Vasco da Gama se mostra constantemente comprometido com causas em favor das minorias, promovendo campanhas que não só resgatem os feitos importantes na luta contra o racismo no futebol, mas que também evidenciem a importância do respeito e tolerância a todas as minorias. Um exemplo disso foi a camisa utilizada em um jogo oficial, onde a faixa transversal possuía as cores do arco-íris, em referência à causa LGBTQIA+, usada no jogo contra o Brusque, pela série B do Campeonato Brasileiro de 2021 (Figura 59) e o mosaico exibido em campo (Figura 60).

Figura 59 - Germán Cano ergue a bandeira do arco-íris em comemoração de gol do Vasco



Fonte: Foto de André Durão/Vasco.

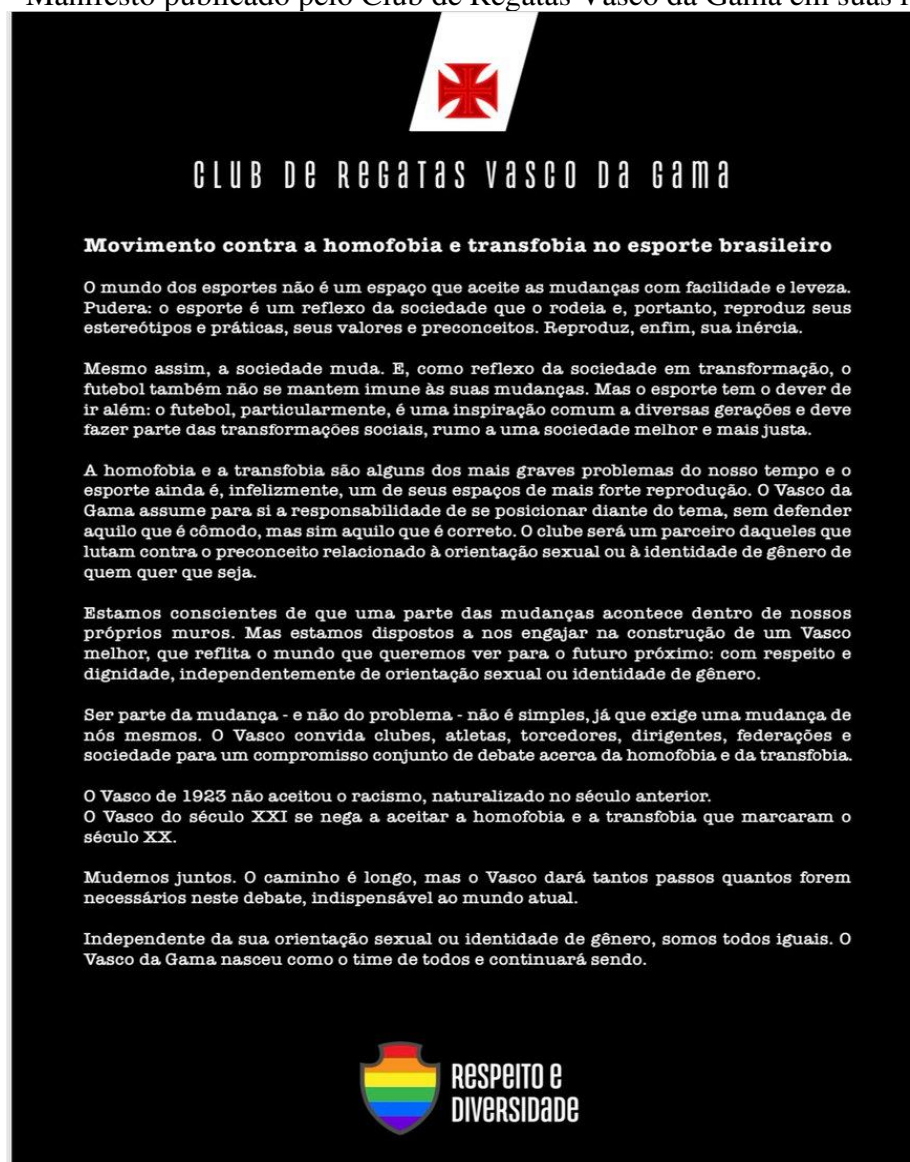
Figura 60 - Mosaico em São Januário pedindo respeito, ao lado das cores do arco-íris



Fonte: Site oficial do Clube.

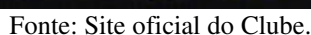
A venda da edição especial da camisa temática teria parte da renda revertida à Casa Nem, casa de acolhimento de pessoas LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social. Para além disso, o clube publicou um manifesto sobre o tema (Figura 61).

Figura 61 - Manifesto publicado pelo Club de Regatas Vasco da Gama em suas redes sociais



Fonte: Site oficial do Clube.

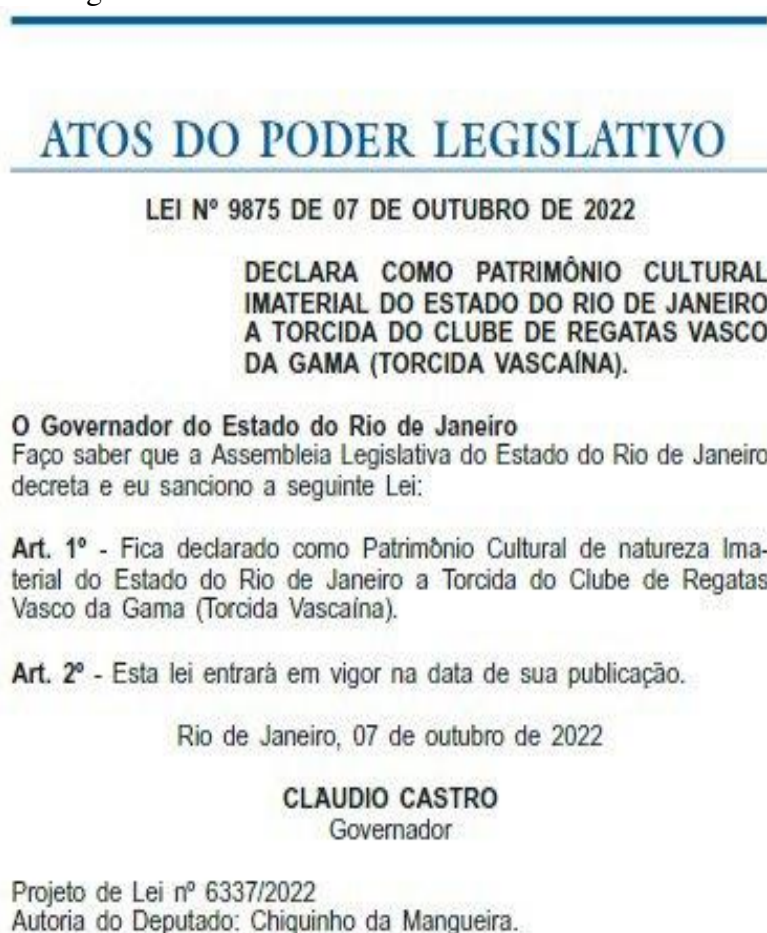
Na ação proposta e nas linhas do manifesto publicado pelo clube, é possível perceber que o mesmo entende o futebol como um reflexo da sociedade que o rodeia, e que este reproduz as práticas sociais nas quais está inserido. Sendo assim, diante da necessidade de transformações na busca por uma sociedade pautada no respeito, na igualdade e na inclusão, o clube assume o compromisso de, através do futebol e do que sua prática representa para a sociedade, lutar contra o preconceito e fazer com que o Vasco continue sendo um clube de todos, assim como é desde o seu nascimento.



A partir do manifesto publicado pelo clube, as torcidas organizadas também publicaram um manifesto de apoio à causa (Figura 62). Sabendo da necessidade do combate à homofobia e transfobia entre os próprios torcedores e torcedores de outros clubes, a publicação desse manifesto representou a adesão à campanha por parte daqueles que reconhecem o papel assumido pelo clube desde sua fundação e entendem a responsabilidade social do futebol. E a adesão das campanhas propostas pelo clube por sua torcida é algo histórico, responsável pela grandeza histórica do clube e o que fez a construção de São Januário possível. Como já citado em linhas anteriores, “no Vasco basta lançar a semente”.

A importância, simbologia e representatividade da torcida vascaína foi legitimada através da Lei 9875 de 7 de outubro de 2022¹³¹, que reconhece a torcida do Club de Regatas Vasco da Gama como patrimônio cultural e imaterial do Estado do Rio de Janeiro.

Figura 63 - Lei nº 9875 de 07 de outubro de 2022



Fonte: Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro.

¹³¹

Lei disponível em:
http://www3.alerj.rj.gov.br/lotus_notes/default.asp?id=144&URL=L3NjcHJvMTkyMy5uc2YvMGM1YmY1Y2RIOTU2MDFmOTAzMjU2Y2FhMDAyMzEzMWlVYTE0MjliODI1ZTA4ZGZkZTAzMjU4OGE2MDA2NGNhNzQ/T3BlbkRvY3VtZW50JkhpZ2hsaWdodD0wLDIwMjIwMzA2MzM3&

Esse reconhecimento através da lei acima citada se justifica pela grandiosidade da torcida vascaína, com seus mais de 10 milhões de membros espalhados por todo país, que acompanham, defendem a história e que se colocam sempre ao lado do clube, seja no âmbito esportivo, seja no âmbito político e social.

Dessa forma, o clube, ao longo de sua história, assumiu posicionamentos políticos importantes diante de variadas demandas sociais, e seu estádio se mostrou importante espaço de manifestações políticas que ultrapassam o futebol e atingem a sociedade de forma ampla e positiva, incentivando o respeito e a tolerância às diferenças, incluindo a todos e sendo casa de todos e para todos.

CAPÍTULO IV – PRODUTO DA PESQUISA

O Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania divide-se em duas etapas. A primeira é a construção de uma discussão teórica e metodológica acerca do tema pretendido e fontes utilizadas, e a segunda, é a elaboração de um produto final, fruto da pesquisa elaborada pelo pesquisador. E talvez esse tenha sido um dos maiores desafios: definir o produto da presente pesquisa, diante de variadas possibilidades. Desde o início, muitas foram as propostas pensadas para um produto que fosse capaz de divulgar, de forma ampla e acessível, os resultados obtidos.

Diante de várias possibilidades, será proposto a confecção de um material digital – em formato de livreto - que, em parceria com o clube, possa ser acessado (através de QR CODE) pelos visitantes do “Tour da Colina” (Figura 64) e “Espaço Experiência” (Figuras 65 e 66), visitas guiadas desenvolvidas pelo clube nas dependências do estádio São Januário.

Criado pelo Centro de Memória do Club de Regatas Vasco da Gama, o Tour da Colina atende diversificado público que visita as instalações do clube. A visita guiada conduz os visitantes para uma experiência única pela história do Gigante da Colina, que tem sua história ligada à inserção social do negro no futebol, e o processo de construção de seu estádio associado à luta contra o preconceito racial, étnico e social dentro e fora das quatro linhas do campo de futebol.

O estádio que desde sua inauguração foi palco de importantes manifestações populares e marcos importantes na história do Brasil, ficou conhecido como “Colina Histórica”, pois o seu uso ultrapassou a esfera esportiva e no decorrer de sua existência, fez parte do processo de construção da história política, social e cultural brasileira. O estádio vascaíno é constituído por diversos lugares de memória, com os quais a equipe responsável pelo Tour da Colina dialoga durante a visita.

Para além do Tour da Colina, a equipe do Centro de Memória organizou o “Espaço Experiência”, um espaço de cultura criado para que a torcida vascaína e todos os amantes do esporte possam contemplar as contribuições do clube para o esporte mundial e para a sociedade brasileira. O espaço em questão tem a pretensão de conectar os visitantes ao passado através da trajetória do clube, de forma moderna, lúdica e acessível, e para além disso, busca disseminar a cultura, preservar e divulgar as histórias e memórias associadas ao clube.

Figura 64 - Tour da Colina CRVG



Fonte: Foto de Rafael Ribeiro/Vasco.

Figura 65 Espaço Experiência CRVG



Fonte: Foto de Rafael Ribeiro/Vasco.

Figura 66 Espaço Experiência CRVG



Fonte: Foto de Rafael Ribeiro/Vasco.

Nesses espaços de visitação é possível perceber que os visitantes possuem faixa etária e grau de instrução diversos, e não necessariamente são torcedores vascaínos. Apesar de a maior parte dos visitantes ser de torcedores, muitos turistas e apaixonados por futebol também se propõem a participar da visita guiada.

Diante da diversidade de público, um outro desafio foi encontrado. A quem direcionar o material produzido? A partir disso, o que se pensou foi em um material de linguagem simples, acessível e inclusivo, que pudesse ser atrativo até mesmo para as crianças que participam, em considerável número, das visitas guiadas. O material será acessado através de QR CODE, podendo ser baixado e compartilhado, caso seja de interesse do visitante.

Segundo Canclini, “o efetivo resgate do patrimônio inclui sua apropriação coletiva e democrática: criar condições materiais e simbólicas para que todas as classes possam encontrar nele um significado e compartilhá-lo”¹³². Desta forma, tornar o material acessível é reconhecer a necessidade de compartilhar o conhecimento científico e histórico para além da academia, buscando construir algo de fácil compreensão para todos que tenham contato com a produção.

Quando o processo de divulgação científica é frágil, também o é a importância atribuída aos conhecimentos cientificamente construídos. Nesse contexto, a ciência perde um grande aliado na defesa pelos investimentos necessários à sua sobrevivência e, como desdobramento, o resultado do trabalho científico não alcançará a todos. [...]

¹³² CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção do imaginário nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, no. 23, 1994, p. 103.

Na contemporaneidade, se testemunha uma expansão, ainda que tímida, da difusão científica para um público menos elitizado. As diversas camadas sociais podem ter acesso ao conhecimento produzido dentro dos laboratórios, universidades e centros de pesquisa. É certo que a democratização do conhecimento ainda não está no nível ideal, mas a popularização do conhecimento técnico e científico costuma ser o foco de alguns estudiosos¹³³.

Desta forma, é muito importante que a comunidade acadêmica esteja aberta a permitir esse diálogo entre a ciência e a sociedade, e a presença dessas produções adaptadas em espaços de grande circulação é algo positivo para que esse conhecimento se propague através dessa interação.

Para além da dimensão crítica acerca das informações científicas que serão veiculadas pelo livreto confeccionado, é preciso pensar no processo construtivo do fazer científico através da elaboração do livreto, que é demorado, detalhista e precisa ser feito de forma muito cuidadosa, seguindo algumas etapas como: pesquisa por programas de baixo ou sem custo para sua confecção, processo de aprendizagem da utilização do programa, fase de testes, escolha de um *template*, seleção das imagens e textos que serão utilizados, diagramação, e a finalização dos elementos visuais, cores, textos, apresentação, considerações finais e referências.

O livreto terá como objetivo, mostrar através de textos simples e imagens, como se deu o processo de construção de São Januário, e como o estádio está diretamente ligado ao processo de construção da identidade brasileira, podendo ser considerado um importante patrimônio nacional e detentor de valiosas memórias.

É característico nesse tipo de material educativo a presença de recursos visuais, como: desenhos, caricaturas ou fotografias, *layout* colorido e formatação tipográfica especial¹³⁴. Seções denominadas “curiosidades”, como as propostas nas condições de perguntas do tipo “Você sabia?”, por exemplo, são eficazes para atrair a atenção dos leitores, para informações que não são de domínio público.

O material elaborado poderá ser acessado via QR CODE, salvo em PDF e impresso. O resultado foi o seguinte:

¹³³ NETO, R. R.; PORTO, C. de M.; DOS SANTOS CONCEIÇÃO, V. A. As redes sociotécnicas no processo de difusão científica: a democratização do conhecimento. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 158, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n2p154-164. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8673>. Acesso em: 4 set. 2023.

¹³⁴ MARTEIS, L. S.; MAKOWSKI, L. S.; SANTOS, R. L. C. Abordagem sobre Dengue na educação básica em Sergipe: análise de cartilhas educativas. **Scientia Plena**, v. 7, n. 6, p. 1-8, 2011.

ESTÁDIO VASCO DA GAMA



@vasfotos

UM CALDEIRÃO DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS



"UM CALDEIRÃO DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: POLÍTICA, CULTURA, EDUCAÇÃO E TRABALHO NOS GRAMADOS DE SÃO JANUÁRIO (1920-1957)"

Material entregue ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa, como requisito avaliativo para obtenção de título de mestre.

Linha de Pesquisa: Patrimônio, Memória e Identidade.

Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis.

Palavras chave: VASCO DA GAMA, HISTÓRIA, MEMÓRIA, IDENTIDADE.



Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central da UFV.



APRESENTAÇÃO

Este material foi produzido com o objetivo de apresentar o Estádio Vasco da Gama, popularmente conhecido como São Januário, como monumento detentor de histórias e memórias – individuais e coletivas –, desde o seu processo de construção e inauguração em 1927, e a importância de seu uso para além da prática esportiva até a década de 1950.



Gabriel Soares/Vasco



Festividades, cerimônias cívicas, desfiles carnavalescos, manifestações políticas, comícios e pronunciamentos oficiais tiveram como palco o estádio que está intrinsecamente ligado ao processo de construção da identidade brasileira.

CAMISAS NEGRAS, OS CAMPEÕES DE 1923



Camisas Negras: o time do Vasco campeão carioca em 1923. ARQUIVO CRVG.

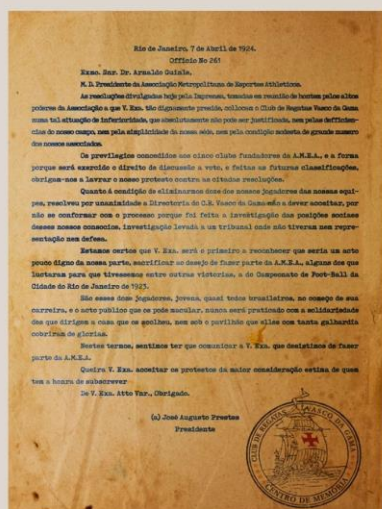
O Club de Regatas Vasco da Gama, fundado no Rio de Janeiro, em 1898 por imigrantes portugueses, teve o futebol integrado à suas práticas esportivas em 1915. Já em 1923, os "Camisas Negras", se sagraram campeões carioca e foram responsáveis por ameaçar a hegemonia elitista do futebol carioca e nacional.

Durante a campanha vitoriosa, o Vasco da Gama foi responsável por inserir dentro das quatro linhas e também nas arquibancadas, os imigrantes portugueses, operários, negros e brancos de origem humilde, para disputar lugar com as famílias tradicionais e "de bem".

A REAÇÃO

Em 1924, foi criada a AMEA - Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, fundada por clubes como Flamengo, Botafogo, Fluminense, América e Bangu. Os grandes clubes cariocas se juntaram, para manter como protagonista no futebol, a elite branca, e para isso, instituíram o amadorismo: para ser jogador de futebol, era necessário estudar, trabalhar e possuir emprego fixo.

A RESPOSTA HISTÓRICA, 1924.



"Resposta Histórica" imagem digitalizada do documento original. Acervo: Centro de Memória CRVG.

Segundo a AMEA, após apuração, 12 atletas do Vasco da Gama - todos negros -, foram acusados de possuir profissão duvidosa. A AMEA exigiu que os doze jogadores fossem excluídos do elenco como condição para que o Vasco pudesse fazer parte da Liga.

Em reação à condição estabelecida pela Liga, o presidente do clube, José Augusto Prestes, enviou à AMEA uma carta se negando a obedecer à imposição feita, e mais que isso, desistindo de se filiar à associação. A carta, conhecida como "Resposta Histórica" se tornou um marco na luta contra o racismo no futebol.

“

O Vasco não foi o primeiro clube brasileiro a dar espaço ao negro dentro do futebol, mas foi o primeiro a se sagrar campeão com jogadores negros em seu elenco, e o primeiro a lutar pela permanência desses negros em um espaço que a todo custo tentava se manter branco. A “Resposta Histórica”, mais que uma simples resposta, foi um importante posicionamento contra o sistema elitista, racista e excludente que prevalecia não só no futebol, mas na sociedade brasileira naquele momento.

Você sabia?

”

Em 1925, os grandes clubes do futebol carioca, como reflexo da mercantilização do esporte, perceberam o quão rentável seria a incorporação do Vasco à AMEA. Porém, mesmo entendendo que esse retorno seria positivo no âmbito econômico, condicionaram o clube ao comprometimento em realizar seus jogos em “estádios decentes”.

A imposição estabelecida pela AMEA com relação ao estádio onde mandaria seus jogos fez com que o Vasco, em 1926, mostrasse o grande engajamento de sua torcida. O clube iniciou uma campanha para atrair sócios, e o número de associados cresceu de maneira estrondosa. Com isso, o clube passou a ser, além de campeão de público em seus jogos, o clube com o maior número de associados entre os clubes cariocas. A campanha tinha como objetivo levantar fundos para a construção de seu próprio estádio, para que não fosse mais necessário alugar estádios para mandar seus jogos.

UMA NOVA RESPOSTA

O capital para financiar a compra do terreno e a construção do estádio foi fruto de diversas doações realizadas pela colônia portuguesa e por brasileiros de todo o país. Joias, cimento, dinheiro e até mesmo a mão de obra, eram oferecidas em favor da construção.

A união de sua torcida agora é quem dava uma resposta à AMEA e aos grandes times do Rio. No dia 6 de junho de 1926, com a presença de dirigentes e torcedores do clube, o então prefeito do Rio de Janeiro, Alaor Prata, assinava a ata de lançamento da construção e lançava a chamada “pedra fundamental” do Estádio Vasco da Gama.





O local escolhido para construir o estádio foi o bairro de São Cristóvão, que já não apresentava mais características de um bairro aristocrático como em seus primórdios, uma vez que grande parte de seus moradores migraram para a Zona Sul carioca. São Cristóvão na década de 1920, se tornou um bairro proletário, industrial e de fácil acesso. Essa acessibilidade se dava por meio dos bondes, que carregavam não só torcedores, mas principalmente, os trabalhadores operários.

O estádio São Januário – como é popularmente chamado, devido a parte de sua localização estar ao final da rua São Januário –, se tornaria o maior estádio da América Latina e teria seu processo de construção marcado pela união da comunidade portuguesa, dos negros e operários que formavam a torcida vascaína.



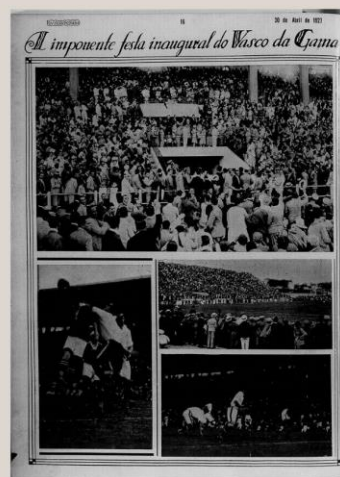
HOLLAND, S. H. Obras da Empreza [sic] Melhoramentos da Baixada Fluminense. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [1930?].



INAUGURA-SE O STADIUM VASCO DA GAMA

Em uma ensolarada tarde, no dia 21 de abril de 1927, feriado nacional, com a presença do Presidente do Brasil, Whashington Luís, inaugura-se o Stadium Vasco da Gama, popularmente conhecido como Estádio São Januário e Colina Histórica. Um dia festivo e importante, que marcou a história esportiva do Rio antigo.

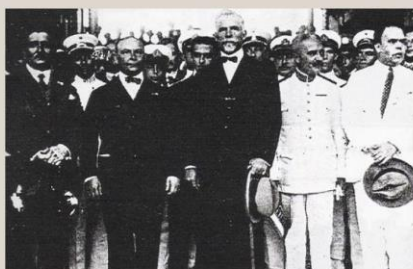
Opresidente da CBD - Confederação Brasileira de Desportos, Oscar Costa, foi o responsável pelo pontapé inicial da partida de inauguração do estádio entre Vasco da Gama e Santos. Naquela época, o time do Santos era considerado o melhor e mais famoso time do Brasil, após uma campanha de jogos pela Europa, que projetou o futebol brasileiros entre os europeus. Por esse motivo, teria sido Santos, um clube paulista, o escolhido como adversário para a festa de inauguração do estádio. O Santos venceu a partida por 5x3, mas a derrota vascaína não foi capaz de ofuscar a grande festa vascaína.



Revista da Semana, Ed. 19, 30 de abril de 1927, p. 16.
Acervo: Hemeroteca Biblioteca Nacional.



Fachada do Estádio de São Januário no ano de sua inauguração.



O presidente vascaíno Raul da Silva Campos ao lado do Presidente da República Washington Luís (de bengala) e diversas autoridades.



Auxiliados pelo presidente do Vasco, Raul da Silva Campos (à esquerda) o presidente da CBD (hoje CBF) Oscar Rodrigues da Costa (à direita) e o Major Sarmento de Beires (no centro) descerram a fita inaugural do Estádio Vasco da Gama.



Multidão atrás do gol e nas arquibancadas do estádio.

Arquivo: Hemeroteca Biblioteca Nacional.

Desta forma, a partir de 21 de abril de 1927, aquele espaço se tornaria propício não apenas para eventos ligados ao futebol e demais esportes. O Stadium Vasco da Gama seria visto por lideranças políticas como um local propício para diversos eventos culturais, educacionais, políticos e sociais de extrema importância na capital federal e que faria parte do processo de construção da identidade brasileira.

A presença de um estádio desse porte no bairro de São Cristóvão, colocaria em evidência um bairro industrial e proletário, reforçando simbolicamente o momento vivido pelo futebol brasileiro naquele momento.



Para além do simbolismo que sua estrutura abriga, com relação ao espaço e à sociedade, o estádio chama atenção também por seu modelo arquitetônico. Preservado até hoje, suas dependências e fachada em estilo neocolonial foram projetadas pelo arquiteto português Ricardo Severo da Fonseca e Costa e executadas pela empresa dinamarquesa Christiani e Nielsen. Seu estilo neocolonial valoriza suas raízes luso-brasileiras, tendo em sua fachada e em algumas áreas internas ornamentos como desenhos em azulejos e obras de arte produzidas pelo desenhista e pintor português Jorge Colaço.

Sua fachada possui frontão curvilíneo, varandas coloniais, uma fileira de janelas com arcos, ornamentos e detalhes barrocos, telhas estilo canais, portas e janelas em madeira e uma grande riqueza de detalhes. Sua parte interna chama atenção para locais como as sociais e sua imponente marquise, a histórica tribuna de honra e sua entrada social.



SÃO JANUÁRIO PARA ALÉM DO FUTEBOL

Natal das Crianças Pobres

No mesmo ano de sua inauguração, o estádio foi palco de grandioso evento social promovido pelo Club de Regatas Vasco da Gama, o "Primeiro Natal das crianças pobres".



Revista Careta, edição de 31 de dezembro de 1927. Fonte: Biblioteca Nacional.

Desfiles de Escola de Samba

1935 - Escolas de Samba apresentam em São Januário, as marchas para o Carnaval de 1936.

1943 - Acontece no estádio, um desfile das Escolas de Samba em homenagem à Darcy Vargas e em benefício dos Soldados Combatentes.

1945 - Desfile oficial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, que pela única vez aconteceu em um estádio de futebol, e teve a Portela como Campeã.



Brasão da Portela, campeã do Carnaval de 1945.

Escola de Instrução Militar nº 307

As dependências do estádio foram usadas também para alojamento e treinamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB). A instituição Club de Regatas Vasco da Gama, mais que ceder espaço para o treinamento e alojamento de combatentes, se esforçava também na tarefa de mobilizar o recrutamento de futuros combatentes.



Monumento em Homenagem aos Atradores do Brasil, escultura em bronze, inaugurado em 11 de outubro de 1942.

Acervo: Centro de Memória CRVG.

Doação de Aeronaves à FAB

Para além de ceder sua sede para alojamento e treinamento do Exército, o clube engajado nos esforços de guerra, também se destacou com a campanha pró-avião Vasco da Gama.

A campanha visava angariar fundos para a doação de uma aeronave para a Força Aérea Brasileira, e embora envolvesse todas as entidades esportivas do Brasil, o clube de São Januário se destacou ao conseguir através da mobilização de seus sócios e torcedores, a doação de duas aeronaves à FAB.



Brasão da PBatismo do Avião Vasco da Gama, em 10 de dezembro de 1942. O avião doado pelo clube era um L-4H-PI Piper Grasshopper ortela, campeã do Carnaval de 1945.

Hora da Independência

Heitor Villa Lobos foi um dos importantes nomes ligados à esse processo de construção e fortalecimento da identidade nacional tão forte no período varguista, se tornando o músico oficial do regime. O artista recebeu apoio oficial para a realização de grandiosos espetáculos, chamados de "concentrações orfeônicas". Esses espetáculos foram cada vez mais frequentes durante o Estado Novo e reunia um grande número de cantores (orfeões), em sua grande maioria crianças, executando repertório patriótico.

Nesse período, o Club de Regatas Vasco da Gama, em diversas oportunidades, sediou em São Januário, comemorações do Dia da Independência, sendo palco para a realização da cerimônia cívica "Hora da Independência". O evento marcava não só por sua grandiosidade, mas também por envolver crianças e adultos na missão de educar o povo através da música.



Imagem do palanque onde ficavam o Presidente da República e demais autoridades durante a cerimônia da Hora da Independência.



Maestro Heitor Villa-Lobos. São Januário/RJ.

Acervo: Centro de Memória CRVG.

Comícios políticos

1945 - Se o estádio São Januário até o ano de 1945 teve seu espaço diretamente atrelado ao seu uso político fortemente associado à Vargas, após um longo período ditatorial no Brasil, o estádio também seria templo de esperança, redemocratização e união nacional. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, e em meio à pressão pelo fim do Estado Novo e pela redemocratização do país, um decreto assinado pelo Presidente Vargas em 18 de abril de 1945, concedia a anistia a militantes políticos que se encontravam presos ou exilados. Luiz Carlos Prestes, secretário geral do Partido Comunista do Brasil (PCB), preso desde 1934, com o decreto, estava novamente livre.

O PCB voltava à legalidade e seu líder estava livre. Diante disso, grandiosos eventos foram organizados para saudar Luiz Carlos Prestes e o novo tempo que começava. O primeiro deles aconteceu na capital federal, no Estádio de São Januário, em 23 de maio de 1945.



Comício organizado pelo PCB em São Januário em 23 de maio de 1945. Fonte: NetVasco.

As arquibancadas que calorosamente aclamavam o nome de Prestes estavam cheias de gente de todas as classes e as tribunas principais estavam ocupadas por figuras políticas de destaque da esquerda.

1950 - São Januário seria novamente escolhido por Vargas, para reunir seus apoiadores políticos, durante a sua campanha eleitoral. No dia 12 de agosto de 1950, o candidato à presidência do Brasil retornaria ao estádio para a realização de um importante comício.

Vargas sabia que sua força vinha dos trabalhadores, e o estádio estava associado a várias importantes conquistas trabalhistas de seu governo, uma vez que muitas dessas conquistas foram anunciadas em eventos que tiveram o estádio como palco. Desta forma, assim como Vargas era associado às conquistas trabalhista, o estádio era associado à Vargas e à massa trabalhadora que sempre lotava as arquibancadas em diversas oportunidades e com variadas finalidades.

Comemorações do Dia do Trabalhador

A multidão presente nas arquibancadas de São Januário era algo frequente durante o período em que Vargas esteve no poder. Durante o Estado Novo, uma série de comemorações oficiais destacavam certas datas e envolviam a população em um calendário festivo que dava grande destaque à figura do trabalhador.

1940 - Nas comemorações do 1º de Maio de 1940, o Presidente Getúlio Vargas assina na tribuna de honra do estádio, o decreto-lei que cria o salário mínimo no Brasil.



O presidente do Brasil assina o decreto-lei que cria o salário mínimo no Brasil.

1941 - Da tribuna de honra do Estádio Vasco da Gama, nas comemorações do Dia do Trabalhador, Vargas institui a Justiça do Trabalho.



Vargas desfila em carro aberto em São Januário. Dia do Trabalhador. 1º de maio de 1941.

1942 - A comemoração do 1º de Maio neste ano, seria diferente. As arquibancadas de São Januário, lotadas de trabalhadores, não teriam a presença de Vargas, que havia sofrido um acidente automobilístico. Sem Vargas, o que se notou foi uma forte presença das Forças Armadas Brasileiras, que naquele momento se preparavam para entrar na Segunda Guerra Mundial.



Desfile em celebração do dia 1º de maio no Estádio de São Januário, 1942.

Acervo: Arquivo Nacional.

Comemorações do Dia do Trabalhador

Nos anos seguintes, em 1943 e 1944, as celebrações do Dia do Trabalho não seriam realizadas no Estádio São Januário, como vinham sendo desde 1940. Em 1943 a festividade aconteceu na Esplanada do Castelo, e nesta ocasião o Presidente Vargas assinou o Decreto-Lei nº 5.452, garantindo direitos básicos como o salário mínimo e regulamentação da jornada de trabalho, consolidando as leis do Trabalho (CLT). No ano seguinte, Getúlio Vargas participaria das comemorações do 1º de Maio em São Paulo, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu.

1945 - Neste ano as comemorações do Dia do Trabalho voltam a acontecer em São Januário, em um cenário em que o destaque se dava ao processo eleitoral daquele ano.

MANTER A ORDEM, REALIZAR AS ELEIÇÕES E PASSAR O PODER!



Jornal O Globo, edição de 2 de maio de 1945.

A previsão era que as eleições presidenciais ocorressem em dezembro de 1945, mas os antigetulistas receosos de que Vargas desse um novo golpe de Estado, se adiantaram e o fizeram em 29 de outubro de 1945. Vargas seria deposto e chegaria ao fim o regime ditatorial do Estado Novo.

1951 - Ao retornar à presidência em 1950, eleito pelo povo, Vargas retorna também ao estádio, matém a tradição criada e as celebrações do Dia do Trabalho aconteceriam novamente ali, nos anos seguintes. Nas comemorações do Dia do Trabalho de 1951, São Januário teria suas arquibancadas, tribunas e entorno lotados pela multidão que após 6 anos, ouvia novamente um discurso do presidente Vargas.



Arquibancada de São Januário. Dia do Trabalhador. 1º de maio de 1951. Acervo: Arquivo Nacional.

Comemorações do Dia do Trabalhador

1952 - As comemorações do 1º de Maio de 1952, seriam realizadas novamente em São Januário, apesar de o Estádio Jornalista Mário Filho – Maracanã, já estar em pleno uso. O Maracanã era naquele momento o maior estádio da capital federal, com maior capacidade de público que São Januário, mas a ligação simbólica entre o estádio cruzmaltino e Getúlio Vargas, faria dele novamente o lugar mais propício para as comemorações do Dia do Trabalho.



Desfile dos trabalhadores em São Januário. Dia do Trabalhador. 1º de maio de 1952. Acervo: Arquivo Nacional.

As comemorações de 1952 seriam tratadas pela imprensa, de forma diferente das anteriores. Com o fim do Estado Novo e dos mecanismos de controle direcionados à imprensa, os jornais publicavam que o presidente continuava manipulando a massa trabalhadora, através do uso da demagogia e medidas fascistas. Através do uso de propagandas, espalhava a ideia de uma falsa harmonia social com o intuito de aglomerar multidões no Estádio Vasco da Gama nas comemorações do Dia do Trabalho, como fazia em tempos de Estado Novo. A oposição estava cada vez mais forte, e Vargas ia perdendo apoio de vários setores que antes, eram a seu favor.

Neste Cenário, os dois anos seguintes seriam críticos para o governo de Getúlio, que cometera suicídio em agosto de 1954, deixando São Januário e a massa trabalhadora "órfãos de seus discursos".

Após sua morte, Vargas passou a ser visto como um mártir e defensor do povo, e sua força política mesmo após a sua morte, deu margem para que o novo presidente da república fosse um de seus aliados, o mineiro Juscelino Kubitschek.

1956 - Juscelino, sabendo da simbologia que envolvia o Dia do Trabalho e São Januário, assume a tribuna de honra do estádio, para assim como seu aliado político, discursar para a classe trabalhadora, no 1º de maio de 1956.



Presidente da República, Juscelino Kubitschek e o Vice-Presidente da República, João Goulart, por ocasião do Dia do Trabalho, no Estádio de São Januário.

Comemorações do Dia do Trabalhador

1957 - Em 1957, apesar de o projeto de Brasília, a nova capital federal, já ser uma realidade, as comemorações do Dia do Trabalho continuaram a acontecer no Estádio Vasco da Gama. O Presidente da República novamente se fez presente nas festividades da capital federal, enquanto seu vice-presidente, João Goulart, participou das comemorações no Estádio Pacaembu, em São Paulo.



No Dia do Trabalho de 1957, o presidente Juscelino Kubitschek dá a volta, em carro aberto, na pista de atletismo do Estádio de São Januário, do Vasco da Gama / 01/05/1957. Fonte: O Globo.



Retrato do Velho. Nas comemorações do Dia do Trabalho, trabalhadores desfilam com retrato de Getúlio Vargas no Estádio de São Januário / 01/05/1957. Fonte: O Globo.

A figura de Getúlio Vargas estava tão associada à massa trabalhadora, às comemorações do Dia do Trabalho e à São Januário, que desde a primeira comemoração do 1º de Maio naquele espaço e mesmo após a sua morte, ele ainda se fazia presente através das homenagens.

As comemorações do Dia do Trabalhador aconteceriam pela última vez no estádio Vasco da Gama no ano de 1957. No ano seguinte, Juscelino comemorou a data na capital mineira - Belo Horizonte -, e em 1959 as comemorações foram transferidas para a nova capital federal - Brasília -, mesmo ainda em processo de construção e antes de sua inauguração.

VOCÊ SABIA QUE EXISTEM LEIS QUE RECONHECEM O ESTÁDIO VASCO DA GAMA E A TORCIDA VASCAÍNA COMO PATRIMÔNIO DO RIO DE JANEIRO?

“

Ter a Lei 263/2017 que reconhece como de interesse histórico, cultural, desportivo e social para o município do Rio de Janeiro, o Estádio Vasco da Gama, e a Lei 9875/2022 que reconhece a torcida vascaína como patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado do Rio de Janeiro, corrobora com a discussão proposta por essa pesquisa, em torno da importância do Estádio Vasco da Gama em sua materialidade e imaterialidade, desde sua fundação até os dias atuais.

”



O valor simbólico que o estádio Vasco da Gama possui, tanto para o futebol nacional, quanto para a sociedade como um todo, ao sediar para além das competições esportivas, eventos educacionais, culturais, políticos e sociais, faz com que o seu espaço esteja ligado diretamente ao processo de construção e fortalecimento da identidade do povo brasileiro. Suas dependências podem ser consideradas guardiãs de memórias simbólicas, materiais e funcionais.

Nesse sentido, é preciso reconhecer o estádio Vasco da Gama para além de um monumento de aparência puramente material, é preciso reconhecê-lo pela significação simbólica que sua história carrega, desde o seu processo de construção, até o seu protagonista na história política, social e cultural de nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



FONTES

PERIÓDICOS

O Imparcial, 27 de agosto de 1924.
 O Imparcial, edição 4 de março de 1926.
 O Imparcial, edição de 13 de fevereiro de 1927.
 O Imparcial, edição de 28 de fevereiro de 1927.
 O Imparcial, edição de 27 de dezembro de 1927.
 Jornal do Brasil, edição de 7 de dezembro de 1935.
 O Globo, edição de 19 de janeiro de 1943.
 O Globo, edição de 25 de janeiro de 1943.
 O Globo, edição de 2 de maio de 1940.
 O Globo, edição de 2 de maio de 1945.
 O Globo, edição de 2 de maio de 1945.
 Jornal do Commercio, edição de 1º de maio de 1941.
 Correio da Manhã, edição de 3 de maio de 1942.
 A Noite, edição de 24 de maio de 1945.
 A Noite, edição de 12 de agosto de 1950.
 Imprensa Popular, edição de 1 de maio de 1952.
 Imprensa Popular, edição de 3 de maio de 1956.
 Imprensa Popular, edição de 1 de maio de 1956.

REVISTAS

Vasco em Revista, 1977, p. 4-7.
 Revista Polyanthéa Vascaína, Rio de Janeiro, 1927, p. 99.
 Revista da Semana, 03 de abril de 1927.
 Revista da Semana, Ed. 19, 30 de abril de 1927, p. 15-17.
 Revista Careta, edição de 31 de dezembro de 1927.

DOCUMENTAÇÃO PRODUZIDA PELO CRVG

"Resposta Histórica" imagem digitalizada do documento original.
 Documento de saudação [...] Estádio, 21 de abril de 1927.
 Relatório Diretoria, 1928, p.27 e 28.
 Memória do Cinquentenário: 1898-1948.
 Material produzido pelo Club de Regatas Vasco da Gama em Comemoração ao seu Cinquentenário.

FONTES E REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O 'racismo à brasileira' no futebol. In: Sérgio Settani Giglio; Marcelo Weishaupt. (Org.). O futebol nas ciências humanas no Brasil. 1ed.Campinas: Unicamp, 2020, v. 1.
 ABRANTES, F. V. de P.; SILVA, M. A.; COSTA, T. C.; SILVA, S. R. da. Patrimônio Afetivo, Concreto e em Movimento: O Caso do Futebol. LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 310-333, 2022..
 BILHÃO, Isabel. "Trabalhadores do Brasil!": as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista. Revista Brasileira de História (Online), v. 31, p. 82, 2011.
 CALDAS, Waldenir. O futebol no país do futebol. In: Lua Nova: Revista de Cultura e Política. 2011.
 DE FREIXO, A.; CAMILO ALVES, V. O Futebol em Tempos de Conflito: os grandes clubes do Rio de Janeiro e a Segunda Guerra Mundial (1942-1945). Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 32, 2021.
 DRUMOND, Maurício. Getúlio Vargas, São Januário e o 1º de Maio. Ludopédio, São Paulo, v. 35, n. 1, 2012.
 FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. In: Corpo e Alma do Brasil - Brasil em Perspectiva. Editora Bertrand Brasil, 19ª ed, 1900, Rio de Janeiro.
 FERREIRA, I. T. M.; ASSIS, A. F. Camisas Negras e a representatividade vascaína: uma história de resistência no futebol brasileiro. In: 4º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol - Às Margens da Memória: o Futebol Global entre o Regional e o Nacional, 2023, São Paulo. 4º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol. São Paulo: Museu do Futebol, 2022. p. 1-19.
 FERREIRA, F. C. Estádios e arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). O futebol nas ciências humanas no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
 FERNANDES, Nelson da Nobrega. Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados. 1. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. v. 1.
 FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
 FONTES, Leandro Tavares; BRAGA, Jorge Luiz Medeiros. O Vasco lutou e seguirá lutando por negros e operários. Ludopédio, São Paulo, v. 147, n. 12, 2021..
 GALEANO, Eduardo. Futebol ao som e à sombra. Porto Alegre: L&PM, 2012.
 GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... Modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
 _____. A invenção do trabalhismo. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
 MALAIA, João Manuel. Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). São Paulo, 2010.
 NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
 PAOUELLO, Guilherme. Villa-Lobos e o canto coletivo na Era Vargas (1930-1945). Artefilosofia (Ouro Preto), v. 1, 2006.
 PINTO, Ricardo. História, conceitos e futebol: racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889-1912) / Ricardo Pinto. - 1. Ed. - Curitiba: Appris, 2020.

FONTES E REFERÊNCIAS



“No Vasco basta lançar a semente. Quando a terra é boa, em pouco tempo a árvore está grande e a dar frutos” .

Memória do Cinquentenário: 1898-1948. Material produzido pelo Club de Regatas Vasco da Gama em Comemoração ao seu Cinquentenário, p. 36.

Dessa forma, através de uma linguagem simples e acessível, sem deixar de lado a responsabilidade científica, buscar-se-á divulgar os resultados da pesquisa, através de um canal de acesso amplo, democratizando conhecimento para além dos muros acadêmicos.

Segundo o físico Albert Einstein, a ciência é uma substância essencial e deve ser fornecida a todas as partes da sociedade. Sendo assim, dividir com a sociedade em sua heterogeneidade, as discussões propostas pela presente pesquisa e os resultados obtidos pela mesma, é uma forma de ampliar o alcance da produção científica, incentivar debates e criar um ambiente acadêmico mais inclusivo e acessível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pretende, com este trabalho, propor conclusões definitivas acerca da discussão proposta, mas sim, abrir caminhos para outras possíveis discussões. O objetivo desta pesquisa é entender o Estádio Vasco da Gama como monumento detentor de histórias e memórias – individuais e coletivas -, e a importância de seu uso para além da prática esportiva desde sua inauguração em 1927 até a década de 1950.

É impossível falar de um estádio de futebol, sem associá-lo à prática esportiva, principalmente quando a instituição em questão carrega consigo uma história de resistência e inserção social dentro e fora dos gramados. Em um período caracterizado por diversas transformações sociais, políticas, econômicas, culturais, geográficas e urbanas que emergem a partir dos anos 1920, tais mudanças esbarravam em uma estrutura social que aumentava sua base de dominação e excluía a população. A sociedade se mantinha patriarcal, racista e elitista, e no futebol, essa realidade não seria diferente.

O próprio processo de construção do estádio foge do convencional, quando é liderado por seus sócios e torcedores, imigrantes portugueses e operários, em resposta a tentativa excludente de manter longe dos gramados e práticas esportivas os atletas negros, pobres e analfabetos.

A associação do Club de Regatas Vasco da Gama à inserção do negro no futebol, a simbologia do processo de construção de seu estádio e a grandiosidade da edificação que faria dele o maior estádio do Brasil até a década de 1940, e o maior do Rio de Janeiro até 1950, tornaria o mesmo um lugar propício para diversos eventos oficiais nos anos finais da década de 1920 até meados de 1950. Em um contexto em que os mecanismos de poder e as práticas de governos, se voltavam especificamente para a construção do cidadão-trabalhador, o estádio construído por trabalhadores, localizado em um bairro operário, se mostrava um potencial elemento integrador.

Do Estado Novo ao regime civil-militar, passando pela República Democrática em 1945, todos os regimes que governaram o Brasil durante o período nacional-desenvolvimentista, fizeram o uso do futebol como elemento integrador no processo de construção e consolidação da identidade nacional brasileira. O novo discurso oficial proposto estava atrelado à valorização da mestiçagem, associando-a à prática do futebol que expressaria a nossa singularidade, marcada pela informalidade, flexibilidade e criatividade.

Ter o espaço físico do estádio Vasco da Gama associado a tantos eventos de finalidades diversas, como as práticas esportivas, comemorações natalinas e beneficentes, desfiles de

escola de samba, comícios, apresentações orfeônicas, os esforços de guerra e a escola de Instrução Militar Nº 307, comemorações do 1º de Maio e a consolidação de importantes direitos trabalhistas, faz com que sua importância transcenda a esfera do esporte, e o ligue à história de nosso país e ao processo de construção da identidade brasileira.

E se podemos pensar São Januário enquanto lugar de memórias – individuais e coletivas -, de experiências simbólicas tangíveis e intangíveis, podemos pensá-lo também como patrimônio. Nas palavras de Gilberto Gil,

Pensar em Patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital e todas as formas de espiritualidade da nossa gente. O intangível, o imaterial¹³⁵.

Dessa forma, um espaço onde há o encontro de pessoas de lugares diversos, seja da cidade ou do país, para participar de eventos com finalidades diversas, se torna um lugar de encontro, de troca, de produção, de construção e imenso valor simbólico. Para além disso, o estudo desse espaço e do que foi produzido nele e por ele, é capaz de subsidiar debates e reflexões relativas ao processo de construção da identidade nacional e à memória dos agentes que participaram desse processo.

Ter a Lei 263/2017 que reconhece como de interesse histórico, cultural, desportivo e social para o município do Rio de Janeiro, o Estádio Vasco da Gama, e a Lei 9875/2022 que reconhece a torcida vascaína como patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado do Rio de Janeiro, corrobora com a discussão proposta por essa pesquisa, em torno da importância do Estádio Vasco da Gama em sua materialidade e imaterialidade, desde sua fundação até os dias atuais.

É impossível pensar no estádio apenas em sua estrutura física, pois suas dependências abrigam memórias, tradições e expressões culturais de diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, grupos esses, formados por sujeitos com valores, crenças, referências, necessidades e subjetividades diversas. Ao passo que é impossível pensar apenas na imaterialidade de uma estrutura que transformou a dinâmica urbana onde está inserido, se tornou referência espacial para os moradores das comunidades que o cercam e é um elemento concreto de extrema importância no processo de construção da identidade de nosso país.

¹³⁵ Este depoimento de Gilberto Gil encontra-se no artigo Educação e Patrimônio Cultural: por uma nova atitude, de Luiz Fernando de Almeida, publicado na **Revista Por Dentro da História**, ano I, no I, Contagem Prefeitura Municipal de Contagem apud ANDRADE, Mariza Guerra. O patrimônio na perspectiva da diversidade. In: Livro I – Produção de Materiais Didáticos para a Diversidade: Práticas de Memória e Patrimônio numa perspectiva interdisciplinar. Labepeh/UFGM – Secad/ME – CAED/UFGM, 2010.

As documentações e registros utilizados como fontes para a construção dessa pesquisa são registros oficiais, que discutem a perspectiva do clube, da imprensa e do Estado e suas ações com relação à classe trabalhadora. Mas, o que esses eventos significaram para a massa trabalhadora? O que a presença do estádio naquele espaço geográfico significava/significa para a comunidade que se formou no seu entorno? Quais as memórias individuais e coletivas foram/são associadas ao estádio que desde o seu processo de construção, significou participação e inserção social daqueles que, até aquele momento, viviam à margem da sociedade?

No primeiro contato com o Centro de Memória do CRVG, no início de 2021, ao visitar e conhecer o estádio e as instalações do próprio Centro de Memória, fui recebida pelos então Vice Presidente de relações especializadas do clube João Ernesto Ferreira e pelo diretor de acervo do Centro de Memória, Professor Adílio Jorge Marques, que me abriram as portas e se dispuseram muito gentilmente a contribuir com toda documentação do acervo que pudesse ser útil à pesquisa, apresentada a eles através do projeto submetido ao programa de mestrado. Porém, em 2022, quando de fato procurei o Centro de Memória para ter acesso ao acervo, o que recebi foi muito pouco perto do que possivelmente o clube detém. Talvez por questões políticas, já que havia tido uma troca na presidência, o acesso à essas fontes além de burocrático, foi muito abaixo das minhas expectativas. Por esse motivo, acredito que exista muitos materiais documentais para além do fornecido, que possivelmente consubstanciariam discussões mais aprofundadas e até mesmo elucidariam alguns dos questionamentos levantados anteriormente.

Com o passar dos anos, São Januário vem ganhando cada vez mais aspectos de centralidade e aumentando seu poder representativo na área que ocupa. Por ser um ponto de concentração de pessoas, receptor e emissor de fluxos sociais e comerciais, o estádio hoje faz parte da vida de diversos moradores de seu entorno e suas atividades são responsáveis por gerar renda para diversas famílias de comunidades que o cercam.

Recentemente, após confusão de torcedores nos arredores do estádio depois a partida contra o Goiás, no dia 22 de junho de 2023, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) determinou punição de quatro jogos sem torcida ao clube cruzmaltino. No entanto, mesmo após cumprir punição imposta pelo STJD, o Ministério Público manteve na justiça comum a proibição da presença da torcida vascaína em São Januário. Decisão que tomou grandes proporções devido à justificativa utilizada pelo TJRJ para a proibição da torcida em São Januário. Segundo parecer, a total falta de condições de operação do local estaria ligada à Comunidade da Barreira do Vasco, onde, com frequência se ouve disparos de arma de fogo oriundos do tráfico de drogas, gerando insegurança para se chegar e sair do estádio.

O que se percebe é que o TJRJ pune não só o clube e sua torcida, mas também os moradores da comunidade da Barreira do Vasco. Com estádio fechado para a torcida, todo o comércio formal e informal de seu entorno, sente o peso da decisão. Para além disso, associar episódios de violência da comunidade, culpabilizando de forma geral os seus moradores, é uma punição além de injusta, discriminatória. A Associação de Moradores da Barreira do Vasco, Câmara de Vereadores do Rio, a imprensa de uma forma geral, e claro, o próprio Clube, pressionaram o Judiciário para que tal proibição fosse revista, evidenciando o quanto a decisão afetou negativamente muitas pessoas que dependem diretamente das atividades que são realizadas no estádio.

Todas as lacunas que ficaram no processo de elaboração dessa pesquisa, se tornam combustível para que a mesma não termine aqui. Pensar o Estádio Vasco da Gama como um lugar de memória, não só relacionando-o com uma memória nacional, mas também local, é manter viva a memória do lugar, impedir o seu esquecimento, e que o mesmo seja apagado da lembrança dos que se identificam. É reafirmar, em dias atuais, a importância desse espaço físico e suas memórias tangíveis e intangíveis, para o processo de construção da identidade brasileira, na luta em favor de minorias, na inserção social operada pelo clube, que fez de sua história a sua bandeira.

Há quem diga que o maior e mais importante troféu da instituição Club de Regatas Vasco da Gama é a sua história. E, a torcida que desde a década de 1920 lota os estádios, faz questão de ressaltar, através de diversas manifestações, o quanto se orgulham do caminho que a instituição escolheu trilhar e a quem decidiu representar. Uma dessas manifestações, é a composição de Marcelo Panoeiro, cantada nas arquibancadas pela torcida do Vasco, intitulada “Camisas Negras”, que referencia em sua letra, o processo de construção de São Januário, a importância do time campeão carioca de 1923 e o que toda luta envoldida nesse processo representou para o futebol e para a sociedade naquele contexto.

Camisas Negras

Eu vou torcer
Aqui eu ergui meu templo para vencer
Eu já lutei por negros e operários
Te enfrentei, venci, fiz São Januário
Camisas Negras que eu guardo na memória
Glória, lutas, vitórias, esta é minha história
Que honra ser
Saiba eu sou vascaíno, muito prazer (jamais terá)
Jamais terá a Cruz, este é meu batismo
Eu tive que lutar contra o teu racismo
Veja como é grande meu sentimento
E por amor ergui este monumento.

O processo de democratização e popularização pela qual passou a prática do futebol no Brasil, foi fruto de um processo nada democrático. E a resistência, a representatividade operada pelo Vasco, pelos Camisas Negras, time campeão de 1923, ultrapassaria as quatro linhas do campo e todos os muros dos estádios. É importante salientar que o clube mantém, nos dias de hoje, seu compromisso na luta contra o racismo e qualquer outro tipo de preconceito, através de campanhas de grande impacto, mantendo-se sempre ao lado das minorias, valorizando sua história através da manutenção de práticas que o fizeram ser chamado de “clube do povo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O 'racismo à brasileira' no futebol. *In: Sérgio Settani Giglio; Marcelo Weishaupt. (Orgs.). O futebol nas ciências humanas no Brasil*. 1. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2020, v. 1, p. 721-739.

ABRANTES, F. V. de P.; SILVA, M. A.; COSTA, T. C.; SILVA, S. R. da. Patrimônio Afetivo, Concreto e em Movimento: O Caso do Futebol. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 310-333, 2022. DOI: 10.35699/2447-6218.2022.40805.

ABREU, Maurício de. Sobre a Memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras**, Porto, v. XIV, p. 91, 1998 (Geografia I série).

AJZENBERG, E. M. A Semana de Arte Moderna de 1922. **Revista de Cultura e Extensão**, v. 7, p. 25-30, 2012.

AVANCI, Roberta. Educação para o Progresso: apontamentos sobre a educação no projeto nacionalista de Getúlio Vargas (1937-1945). *In: Como se Faz a História: Arquivos, práticas, temas e teorias. Semana de História UFV. Anais [...]*. Viçosa-Minas Gerais, 2013. p. 84-91. p. 19.

AZEVEDO, A. N. A Reforma Pereira Passos. Uma tentativa de integração conservadora. **Tempos Históricos** (EDUNIOESTE), v. 19, p. 153, 2015.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

BILHÃO, Isabel. "Trabalhadores do Brasil!": as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista. **Revista Brasileira de História** (Online), v. 31, p. 82, 2011.

CALDAS, Waldenir. O futebol no país do futebol. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 3, n. 2, p. 24-30, 1986.

CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção do imaginário nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 23, p. 94-115, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia. El patrimonio cultural de México y la construcción imaginaria de lo nacional. *In: FLORESCANO, Enrique (coord.) El patrimonio nacional de México*. México: FCE, CONACULTA, p. 57-86, 1997.

CARONE, Edgar. **A República Velha: Instituições e Classes Sociais**. São Paulo, SP: DIFEL, 1978.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20**. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2001.

DE FREIXO, A; CAMILO ALVES, V. O Futebol em Tempos de Conflito: os grandes clubes do Rio de Janeiro e a Segunda Guerra Mundial (1942-1945). **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 32, 2021.

DRUMOND, Maurício. **Getúlio Vargas, São Januário e o 1º de Maio**. Ludopédio. 1 maio 2012. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/getulio-vargas-sao-januário-e-o-1o-de-maio/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. In: **Corpo e Alma do Brasil – Brasil em Perspectiva**. 19. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil, 1900. p. 254-255.

FERREIRA, I. T. M.; ASSIS, A. A. F. Camisas Negras e a representatividade vascaína: uma história de resistência no futebol brasileiro. In: **4º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol - Às Margens da Memória: o Futebol Global entre o Regional e o Nacional**, 2023, São Paulo. 4º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol. São Paulo: Museu do Futebol, 2022. p. 1-19.

FERREIRA, F. C. Estádios e arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano. In: Sérgio Settani Giglio; Marcelo Weishaupt Proni. (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil** (v. 1). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. **Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. v. 1.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **Fluminense Football Club**: A construção de uma identidade Clubística. 2010. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, FGV, Rio de Janeiro, 2010.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 2003.

FONTES, Leandro Tavares; BRAGA, Jorge Luiz Medeiros. **O Vasco lutou e seguirá lutando por negros e operários**. Ludopédio, 8 set. 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-vasco-lutou-e-seguira-lutando-por-negros-e-operarios/#:~:text=%E2%80%9CO%20elemento%20de%20cor%20que,%C3%A9%20o%20Vasco%20da%20Gama%E2%80%9D.&text=No%20dia%201%20de%20setembro,por%20Ricardo%20Pinto%20dos%20Santos>. Acesso em: 10 abr. 2023.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo, SP: Global, 2006.

FURET, François. Da história-narrativa à história-problema. In: **A oficina da História**. Lisboa: Gradiva, 1980.

GAFFNEY, Christopher Thomas. A experiência do estádio. In: Solar, 9. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, Uerj, nov. 2006.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao som e à sombra**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

GASPAR, Claudia Braga. **Orla carioca: história e cultura**. São Paulo: Metalivros, 2004.

GOMES, Angela de Castro. **Essa gente do Rio... Modernismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2005.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2004.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In: História e Memória*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. [Tradução de Lúcia Haddad](#). São Paulo, SP: PUC, 1998 ([Projeto História](#), v. 17).

MAIA, Maria. Villa-Lobos. Alma brasileira. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto: Petrobrás, 2000.

MALHANO, Clara E. S. M. B.; MALHANO, Hamilton Botelho. **Memória Social dos Esportes**: São Januário – Arquitetura e História. Rio de Janeiro, RJ: Editora Tempo, 2001.

MARTEIS, L. S.; MAKOWSKI, L. S.; SANTOS, R. L. C. Abordagem sobre Dengue na educação básica em Sergipe: análise de cartilhas educativas. **Scientia Plena**, v. 7, n. 6, p. 1-8, 2011.

MARTINS, Roberto Ribeiro. **Liberdade para os brasileiros**: anistia ontem e hoje. Rio de Janeiro, RJ: Civilização brasileira, 1978.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras**: A conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2014.

MELO, Victor A. **Cidadesportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumaré: FAPERJ, 2001.

NETO, R. R.; PORTO, C. de M.; DOS SANTOS CONCEIÇÃO, V. A. As redes sociotécnicas no processo de difusão científica: a democratização do conhecimento. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 158, 2020.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PAOLIELLO, Guilherme. Villa-Lobos e o canto coletivo na Era Vargas (1930-1945). **Artefilosofia**, Ouro Preto, v. 1, p. 151-152, 2006.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural**: consciência e preservação. São Paulo, SP: Brasiliense, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, Literatura e Cidade. Diferentes narrativas para o campo do patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 34, 2012.

PINTO, Ricardo. **História, conceitos e futebol**: racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889-1912). 1. ed. Curitiba, PR: Appris, 2020.

PRADO JR, Caio. A Revolução Brasileira. *In*: **Clássicos sobre a Revolução Brasileira**. 4. ed. São Paulo, SP: Editora Expressão Popular, 2005.

ROSA, Virgínio Santos. **O sentido do tenentismo**. 3. Ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
doi:10.11606/T.8.2010.tde-26102010-115906. Acesso em: 11 abr. 2023.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. **História, Conceitos e Futebol**: racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889 – 1912). Curitiba, PR: Appris, 2020.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Pretos, não te enganes, no esporte nenhum branco lutou por ti**. Ludopédio, 1 set. 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/pretos-nao-te-enganes-no-esporte-nenhum-branco-lutou-por-ti/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

SCIFONI, Simoni. Os diferentes significados do patrimônio natural. **Diálogos**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 59, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1922.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. *In*: **História da vida privada no Brasil 3**: República: da belle époque à era do rádio. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

SIMAS, Luiz Antônio. **Maracanã**: quando a cidade era terreiro. Rio de Janeiro, RJ: Mórula, 2021.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio a Castello (1930-64). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. ‘Mitos, futebol e identidade nacional (1950-1983)’. *In*: Sérgio Settani Giglio; Marcelo Weishaupt Prone. (Orgs.). **O Futebol nas Ciências Sociais no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2020 (v. 1).

SOUZA, Mayara Paiva de. O que não devia ser esquecido: a anistia no período de redemocratização do Brasil (1945-1946). *In*: Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação em História da UFG/UCG, 2. **Anais [...]**. Goiânia: Editora da UCG, 2009, p.7.

TÁVORA, Juarez. **Uma vida e muitas lutas - Memórias**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria José Olympio Editor, 1973.

VARGAS, Getúlio. **A Política Trabalhista no Brasil**. São Paulo, SP: José Olympio, 1950.

VARGAS, Getúlio, 1883-1954. **Getúlio Vargas**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011 (Série perfis parlamentares, n. 62).

VIVIANI, Fabrícia Carla. **A trajetória política tenentista enquanto processo: do Forte de Copacabana ao Clube 3 de Outubro (1922-1932)**. São Carlos, SP: UFSCar, 2009.

FONTES CONSULTADAS

Periódicos:

O Imparcial, 27 de agosto de 1924.
O Imparcial, edição 4 de março de 1926.
O Imparcial, edição de 13 de fevereiro de 1927.
O Imparcial, edição de 28 de fevereiro de 1927.
O Imparcial, edição de 27 de dezembro de 1927.
Jornal do Brasil, edição de 7 de dezembro de 1935.
O Globo, edição de 19 de janeiro de 1943.
O Globo, edição de 25 de janeiro de 1943.
O Globo, edição de 2 de maio de 1940.
O Globo, edição de 2 de maio de 1945.
O Globo, edição de 2 de maio de 1945.
Jornal do Commercio, edição de 1º de maio de 1941.
Correio da Manhã, edição de 3 de maio de 1942.
A Noite, edição de 24 de maio de 1945.
A Noite, edição de 12 de agosto de 1950.
Imprensa Popular, edição de 1 de maio de 1952.
Imprensa Popular, edição de 3 de maio de 1956.
Imprensa Popular, edição de 1 de maio de 1956.

Revistas:

Vasco em Revista, 1977, p. 4-7
 Revista Polyanthéa Vascaína, Rio de Janeiro, 1927, p. 99.
 Revista da Semana, 03 de abril de 1927.
 Revista da Semana, Ed. 19, 30 de abril de 1927, p. 15-17.
 Revista Careta, edição de 31 de dezembro de 1927.

Discursos e notas:

Discurso proferido pelo Ministro do Trabalho, Waldemar Falcão, na comemoração do Dia do Trabalho, em 1º de maio de 1940.
 Discurso proferido pelo Presidente Getúlio Vargas, na comemoração do Dia do Trabalho, em 1º de maio de 1940.
 Discurso pronunciado por Getúlio Vargas no Estádio “Vasco da Gama”, por ocasião das comemorações do Dia do Trabalho, a 1º de maio de 1941.
 Discurso de Getúlio Vargas, nas comemorações de 1º de maio de 1945.

Discurso proferido por Luiz Carlos Prestes em 23 de maio de 1945 em comício realizado no Estádio de São Januário, do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, em comemoração à anistia política.

Nota divulgada por Vargas à nação brasileira em 30 de outubro de 1945. Disponível integralmente em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=279581>.

Discurso proferido por Getúlio Vargas nas comemorações do Dia do Trabalhador, de 1951.

Disponível em: <https://csb.org.br/noticias/discurso-de-getulio-vargas-no-dia-do-trabalhador-em-1o-de-maio-de-1951>.

Discurso do Presidente Juscelino Kubitschek, no 1º de maio de 1956. Disponível em: Biblioteca da Presidência da República.

PL e LEIS

Projeto de lei 425/97, sancionado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no dia 28 de agosto de 1998.

Projeto de Lei nº 263/2017, publicado em 1º de junho de 2017 de autoria de: Vereador Renato Cinco, Vereador Tarcísio Motta, Vereador Paulo Pinheiro, Vereador Dr. Carlos Eduardo, Vereador Rocal, Vereador Inaldo Silva, Vereador Zico Papera, Vereador João Mendes De Jesus, Vereador Cesar Maia, se tornou Lei nº 6.856, em vigor a partir de 14 de abril de 2021.

BRASIL, Decreto nº 10.358, 1942.

Decreto-Lei N. 7.474, de 18 de abril de 1945.

Lei 9875 de 7 de outubro de 2022. Disponível em: www.alerj.rj.gov.br.

Fontes secundárias – documentação produzida pelo CRVG:

“Resposta Histórica” imagem digitalizada do documento original.

Documento de saudação [...] Estádio, 21 de abril de 1927.

Relatório Diretoria, 1928, p.27 e 28.

Memória do Cinquentenário: 1898-1948. Material produzido pelo Club de Regatas Vasco da Gama em Comemoração ao seu Cinquentenário.